

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC
UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES CIÊNCIAS E
EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

GUILHERME NEVES

**A COMPREENSÃO DE ESPORTE DOS PROFESSORES
EFETIVOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE MUNICIPAL DE
CRICIÚMA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Vidalcir Ortigara

**CRICIÚMA
2018**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

N518c Neves, Guilherme.

A compreensão de esporte dos professores efetivos de educação física da rede municipal de Criciúma / Guilherme Neves – 2018.

137 p. ; 21 cm.

Dissertação (Mestrado) - Universidade do Extremo Sul Catarinense, Programa de Pós-Graduação em Educação, Criciúma, 2018.

Orientação: Vidalcir Ortigara.

1. Esportes. 2. Professores de educação física. 3. Educação física escolar. 4. Esportes escolares. I. Título.

CDD. 22. ed. 796

Bibliotecária Eliziane de Lucca Alosilla – CRB 14/1101
Biblioteca Central Prof. Eurico Back - UNESC

GUILHERME NEVES

**A COMPREENSÃO DE ESPORTE DOS PROFESSORES
EFETIVOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA REDE MUNICIPAL DE
CRICIÚMA**

Esta dissertação foi julgada e aprovada para obtenção do Grau de Mestre em Educação na área de Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

Criciúma, 28 de março de 2018.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vidalcir Ortigara - Doutor - (UNESC) - Orientador

Prof. Dr. Carlos Augusto Euzébio - Doutor - (UFPR)

Prof. Dra. Astrid Baecker Avila - Doutora - (UFSC)

Aos meus pais, meus professores,
minha companheira e meus
verdadeiros amigos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Vidalcir Ortigara, pela paciência e dedicação no percurso da minha formação, pelas suas contribuições importantíssimas nos debates das aulas e das orientações.

Aos meus pais, Margareth Juvêncio e Vilmar Neves, pelo apoio e amor que, incondicionalmente, sempre me deram.

Aos meus companheiros e companheiras do grupo GEPEFE (Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Física e Escola), pelas considerações compartilhadas nos encontros de estudos, os quais foram fundamentais no processo de elaboração desta pesquisa e, claro, pelos momentos de alegria e confraternização.

Aos professores de Educação Física entrevistados, pela gentileza e disposição em participar desta pesquisa.

A minha namorada, Beatriz Guidi, pelo carinho, apoio e paciência de me escutar falando sobre esta pesquisa em pleno “rolê” de sexta-feira à noite.

Aos meus familiares, por todo o suporte e apoio que me forneceram não apenas no decorrer deste processo, mas durante toda a minha vida.

Ao professor Ademir Damazio pelos seus ensinamentos que foram decisivos nesse processo de formação.

Aos professores Ana Lúcia Cardoso, Carlos Augusto Euzébio (Kabuki), Luis Afonso dos Santos, Vânia Vítório e Vidalcir Ortigara que me mostraram, ainda na graduação, a importância da educação para a formação humana e a sua necessária contribuição para a construção de um mundo melhor para todos.

“Depois de todos os massacres
De inúmeros acres
Somente um aviso: estamos vivos
Somos fortes
Sabemos que o teu armamento é
pesado
Que você tem aliado, cooptado
Mas o verdadeiro professor é
blindado
Não liga para o teu eleitorado
Somos educadores
Merecemos respeito
Estás aí por causa de nós
Entretanto não te ensinamos a ser
assim
A escolher o lado ruim
A ser um Ser ruim
Que não enxerga as flores no
jardim
Que não consegue sentir o cheiro
do Jasmim”.

Marcello Zapelini da Rosa

RESUMO

No âmbito pedagógico escolar o esporte tem destaque na Educação Física, mas carece de conceituação capaz de expressar as relações essenciais-gerais dessa manifestação da Cultura Corporal. No anseio de avançarmos nesse debate, precisamos analisar as compreensões desse fenômeno, particularmente dos professores de Educação Física, uma vez que é na organização da *atividade de ensino* que o conhecimento do esporte é abordado. O objetivo deste trabalho é analisar as diferenças e aproximações na compreensão de esporte dos professores de Educação Física em início e final de carreira. Partimos da ideia de que os professores em início de carreira tiveram a possibilidade de se apropriar das concepções críticas da Educação Física e, conseqüentemente, do conhecimento crítico do esporte. Os professores em final de carreira não tiveram a mesma possibilidade, uma vez que tais elaborações surgiram após suas formações iniciais. Realizamos estudos bibliográficos e de campo, com entrevistas semiestruturadas a 20 professores. Entre as compreensões de esporte expressas pelos entrevistados destacamos a de que ele surge em diferentes épocas históricas (todos os professores em final de carreira e 7 dos 12 em início de carreira). Para parte dos professores em início de carreira o esporte é produto da era moderna (5 dos 12 entrevistados). Também se apresentaram, em ambos os grupos (6 dos 12 em início de carreira e 2 dos 8 em final de carreira), compreensões de que o esporte reproduz relações inerentes à sociedade capitalista – relações de poder, competição, relações mercadológicas etc. – assim como possibilita a socialização das pessoas, mascara problemas sociais, serve como ferramenta de manipulação de massas, desenvolve a aptidão física e promove qualidade de vida (4 dos 12 em início de carreira e 6 dos 8 em final de carreira). Para os professores entrevistados o esporte se constitui como ação de uma atividade cuja finalidade não se encerra em si, não se constitui como uma atividade autônoma. Verificamos que, predominantemente em relação ao conteúdo, as compreensões dos professores acerca do esporte não ultrapassam os limites empíricos, uma vez que, ao expressarem tais entendimentos, os professores descrevem essa manifestação a partir das suas aparências imediatas.

Palavras-chave: Esporte. Educação Física. Professor de Educação Física.

ABSTRACT

In the pedagogical school area, the sport has a prominence in Physical Education, but necessitates conceptualization capable of expressing the essential-general relations of this manifestation of Body Culture. To proceed in this discussion, we need to analyze varieties of this phenomenon, in particular physical education teachers, since it is in the organization of the teaching activity that the knowledge of the sport is approached. This work has a goal to analyze the different between learning of Physical education teachers begin until the end of their career. We start with the idea the teachers in begin of theirs carriers, they have the possibility of appropriating the critical conceptions of Physical Education and, consequently, of the critical knowledge of the sport. The teachers in the end of their career, they didn't have the same possibility, because these studies appear after starting after their formations. We carried out bibliographical and field studies, with structured interviews with 20 teachers. Between the sports understandings expressed by the interviewees we highlight that it arises in different historical epochs (all teachers at the end of their careers and 7 of the 12 at the beginning of their careers). For beginning teachers their careers in sport is product of the new era (5 of 12 Interviews). Also had the same result (6 out of 12 at the start of their careers and 2 out of 8 at the end of their careers), we understand that sports do reproduces relations inherent to capitalist society - relations of power, competition, market relations, etc. That make enables a socialization of people, masks social problems, serves as a form of mass manipulation, develops physical fitness and promotes quality of life (4 of the 12 at the beginning of their career and 6 of the 8 at the end of their careers). For teachers interviewed, sport is an action of an activity whose purpose does not end in it self, it is not an autonomous activity. We found that teachers' understanding of sports does not go over empirical limits, since in expressing such understandings; teachers describe this manifestation from their immediate appearances.

Keywords: Sport. Physical Education. Physical Education Teacher.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EF	Educação Física
ESUCRI	Escola Superior de Criciúma
FC	Final de Carreira
IC	Início de Carreira
PMC	Prefeitura Municipal de Criciúma
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNESC	Universidade do Extremo Sul Catarinense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 O MOVIMENTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	29
2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR.....	33
2.1.1 DOS MÉTODOS GINÁSTICOS AO ESPORTE.....	35
2.2 A INSERÇÃO DO ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA	39
3 AS INTERPRETAÇÕES DA ORIGEM DO ESPORTE	43
3.1 O ESPORTE EM DIVERSOS PERÍODOS HISTÓRICOS-SOCIAIS	44
3.2 A TRANSIÇÃO DOS JOGOS POPULARES AO ESPORTE NA SOCIEDADE MODERNA.....	51
4 O ESPORTE NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DIFERENÇAS E APROXIMAÇÕES.....	72
4.1 A HISTORICIDADE DO ESPORTE.....	74
4.2 A RELAÇÃO ENTRE ESPORTE E SOCIEDADE.....	89
4.3 A CARACTERÍSTICA DE COMPETIÇÃO DO ESPORTE	100
4.4 A FORMAÇÃO DE ESPORTE NA FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES	106
4.5 A COMPREENSÃO DE ESPORTE COMO OBJETO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA.....	115
5 CONCLUSÃO	126
REFERÊNCIAS.....	132
ANEXO.....	135

1 INTRODUÇÃO

Cotidianamente o mundo real nos coloca frente a situações que tornam cada vez mais difíceis as condições de nos percebermos como sujeitos históricos e que fazemos parte de um mesmo gênero, o humano. As relações sociais tornaram-se tão complexas que, em meio ao “caos” da cotidianidade, a humanidade está perdendo a capacidade da inconformidade diante das injustiças sociais mais imediatas, sem falar nas mediadas. A forma de sociabilidade vigente criou, por meio de seus imperativos econômicos, contradições sociais que possibilitam pensar que a fome no mundo é decorrência de um processo natural da história da humanidade e, portanto, não há possibilidade de projetar sua superação. Marx e Engels (2013) alertavam, na metade do século XIX, que era preciso criar uma forma alternativa de sociabilidade em que o princípio orientador deve ser o de que o livre desenvolvimento de cada um é a condição para o livre desenvolvimento de todos. Do contrário, a perpetuação do sistema econômico do capital, em um futuro não muito distante, pode conduzir a humanidade à barbárie. Hoje, século XXI, estamos convencidos que a barbárie já está se instalando.

Diante da miserabilidade da humanidade, acreditamos, repletos de inconformismo e de esperança, que a educação possui importante parcela de contribuição na perspectiva de reversão desse quadro. Destarte, consideramos a educação escolar – particularidade da educação e em que se situa esta pesquisa – como o ambiente apropriado para contribuir tanto para a reprodução dessa realidade social quanto para a formação dos meios para transformá-la. Preocupados com o futuro da humanidade e com os rumos em que a atual sociedade se encontra, estamos engajados em um projeto de educação escolar que vislumbra cooperar para a transformação dessa realidade. Para isso, necessitamos promover uma educação que contribua na formação humana em suas formas mais desenvolvidas.

No contexto escolar encontramos a Educação Física, campo de conhecimento desta pesquisa, reconhecida na escola sobretudo como uma disciplina “prática” que se restringiria a “movimentos corporais”. A Educação Física escolar brasileira possui dois campos teóricos distintos que predominam na orientação de seu trabalho pedagógico. O campo que compõe as perspectivas tradicionais da Educação Física, cujo conteúdo central situa-se no desenvolvimento motor e na aptidão física, e o campo das perspectivas crítico-progressistas da Educação Física, que pretendem contribuir com a contestação do modo de produção vigente, enfocando como conteúdo a cultura de movimento ou cultura corporal,

dependendo da tendência assumida. No presente estudo nos debruçamos sobre o campo crítico da Educação Física, situando-nos especificamente na perspectiva Crítico Superadora, que estabelece como seu objeto o conhecimento da Cultura Corporal¹.

Analisamos, ao longo desta pesquisa, uma particularidade da Cultura Corporal, o esporte. Essa particularidade possui uma função social e se manifesta para além dos espaços onde ocorre o fenômeno esportivo. Manifesta-se para além das quadras de vôlei, dos campos de futebol, das pistas de atletismo e automobilismo, das piscinas de natação. Deparamo-nos com o esporte ao assistir televisão ou escutar o rádio, ao ler um jornal, em uma conversa com os amigos ou naquela “pelada” de final de semana, ao comprarmos determinado artigo de vestuário alusivo à prática de alguma modalidade esportiva. Ou seja, o esporte está presente nas nossas vidas em vários momentos e lugares; “consumimos” o futebol mesmo não jogando futebol, por exemplo.

Considerando a variedade de situações em que o esporte se manifesta, no contexto escolar ele possui destaque nas aulas de Educação Física. Sua prática se tornou hegemônica devido à importância sociopolítica que a própria sociedade outorgou-lhe (BRACHT, 1999, GHIRALDELLI Jr., 1988). Dessa forma, as aulas de Educação Física reproduzem, predominantemente, o modelo sócio-hegemônico do esporte no contexto escolar.

De maneira introdutória, podemos dizer que a Educação Física chega às escolas brasileiras pelas mãos dos militares, formatada pelo modelo militarista, nas primeiras décadas do século XX (GHIRALDELLI, 1988). De acordo com o Coletivo de Autores (1992, p. 53),

No Brasil, especificamente nas quatro primeiras décadas do século XX, foi marcante no sistema educacional a influência dos Métodos Ginásticos e da Instituição Militar. Ressalta-se que o auge da militarização da escola corresponde à execução do projeto de sociedade idealizado pela ditadura do Estado Novo.

¹ O conhecimento tratado pela Educação Física expressa a Cultura Corporal, formada por Jogos, Danças, Ginástica, Lutas, Esporte, Capoeira, constituídos pelo conjunto da humanidade. Portanto, há de compreendê-la de forma histórica e crítica.

Nessa época os métodos ginásticos exerciam grande influência nas aulas de Educação Física, razão pela qual sua prática era predominante. Os profissionais que ministravam a Educação Física eram instrutores do exército, e devido à sua formação, portanto, os métodos usados eram bastante rigorosos, objetivando a ideia de que era preciso criar corpos dóceis e disciplinados para que o povo obedecesse à ordem social estabelecida. Além disso, tais métodos afirmavam a necessidade de desenvolver corpos aptos a defender a pátria em caso de guerra, uma vez que nesse período histórico o mundo vivia momentos de tensão gerados por esses fenômenos. O desenvolvimento da disciplina e do amor à nação, por meio dos métodos ginásticos ministrados pelos militares, era considerado imprescindível para o momento histórico que o país vivenciava.

No período pós-guerra, uma nova prática corporal se coloca como hegemônica no contexto brasileiro, o esporte. Esse movimento de ascensão do esporte vincula-se ao desenvolvimento industrial e ao processo de urbanização no Brasil, fato influenciado pela cultura europeia. O esporte, portanto, conquista a nação, que na época vivenciava o espírito de concorrência e competição, características muito atreladas ao sistema de produção industrial. As técnicas da ginástica que visavam à execução correta dos exercícios são substituídas pelas técnicas necessárias para atingir o alvo, adquirir rendimento e a busca do aumento da produção, representado no esporte pelo recorde.

Diante disso, o esporte ganha espaço na Educação Física refletindo a lógica do rendimento, competição, recorde e, mediante o método tecnicista, pretende o desenvolvimento técnico de seus praticantes. A relação professor-aluno, que no método militar se configurava como instrutor-recruta, agora passa a ter a relação treinador-atleta (COLETIVO DE AUTORES, 1992). O desenvolvimento das técnicas no âmbito escolar possuía a função social de contribuir na manutenção dos *status quo*, ou seja, cooperar para a conservação desta organização social, desenvolvendo técnicas necessárias para a produção no trabalho.

Podemos classificar essas tendências da Educação Física e as demais que se constituíram posteriormente como tendências que buscavam não apenas desenvolver a aptidão física dos alunos, mas também desenvolver o rendimento esportivo ou de trabalho. Segundo Bracht (1999, p. 76), em referência à Educação Física do período da ditadura civil-militar (1964-1985),

(...) fica claro que a EF (no sentido lato) possuía um papel importante no projeto de Brasil dos militares, e que tal importância estava ao desenvolvimento da aptidão física e ao desenvolvimento do desporto: a primeira, porque era considerada importante para a capacidade produtiva da nação (da classe trabalhadora) (...) e o segundo, pela contribuição que traria para afirmar o país no concerto das nações desenvolvidas (Brasil potência) e pela sua contribuição para a primeira, ou seja, aptidão física da população.

Ao final da ditadura civil-militar no Brasil surgem movimentos progressistas que desencadeiam questões pertinentes a que tipo de sociedade se almejava e que tipo de ser humano precisavam formar. No âmbito educacional, esses movimentos ganharam força quando correntes progressistas passaram a ter espaços de debates em ambientes acadêmicos. Grupos de estudiosos da Educação Física, a partir dessas correntes, começam a contrapor-se às tendências anteriores fazendo a crítica ao modelo educacional, em que se situa a especificidade da Educação Física vigente, questionando a função social da escola e o conhecimento que esta deveria proporcionar às novas gerações. Uma dessas propostas procura tratar seus conteúdos pela reflexão do conhecimento da Cultura Corporal.

A Educação Física pretende, de acordo com essa proposição,

(...) desenvolver uma reflexão pedagógica sobre o acervo de formas de representação no mundo que o homem tem produzido no decorrer da história, exteriorizadas pela expressão corporal: jogos, danças, lutas, exercícios ginásticos, esporte, malabarismos, contorcionismo, mímica e outros, que podem ser identificados como formas de representação simbólicas de realidade vividas pelo homem, historicamente criadas e culturalmente desenvolvidas. (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 38).

A necessidade de rever o trato pedagógico da Educação Física nas escolas se justificava, pois, as perspectivas que procuravam desenvolver a aptidão física e a preparação técnica não possibilitavam a formação de um ser humano capaz de compreender que a prática

esportiva produzida historicamente não só reflete os determinantes sociais de sua época, como pode simplesmente reproduzi-los. Dito de outro modo, o ensino da Educação Física carecia de uma formação cujo conhecimento guarnecesse os estudantes não só para reproduzir o contexto social, mas para reconhecê-lo, questioná-lo e contribuir com sua mudança.

Consideramos que o processo pedagógico escolar ocorre na interação indissolúvel entre todos os seus integrantes: direção escolar, alunos, professores, supervisores, merendeiras, agentes de limpeza etc. Porém, a centralidade da orientação da ação pedagógica cabe aos professores, que organizam o processo pedagógico didático, na “dinâmica curricular”, como explicitou o Coletivo de Autores (1992), que envolve a normatização escolar, a organização escolar e o trato com o conhecimento. Nesse último é que está nossa preocupação central, o que não significa que estejamos relegando os demais a segundo plano. Acreditamos que tanto a normatização quanto a organização escolar possuem como finalidade propiciar as condições para que professores e alunos desenvolvam as ações correspondentes a cada um com o objetivo de que os estudantes se apropriem do conhecimento historicamente produzido da Cultura Corporal.

Nesse sentido, situamos nosso objeto de pesquisa na relação professor e conhecimento da Educação Física escolar uma vez que, se o professor não domina o conhecimento, não tem possibilidade de estabelecer finalidade, em sua atividade de ensino, ao processo de apreensão pelo aluno que realiza a atividade de estudo. Tampouco consideramos que se o professor domina o conteúdo esta questão esteja solucionada, entre outros, por dois motivos: a) o professor pode dominar o conteúdo, mas não domina o processo didático-pedagógico que lhe permite articular as tarefas de estudo dos alunos; b) o professor pode dominar o conteúdo, mas desenvolvê-lo de modo contrário à concepção de conhecimento que orienta as possibilidades de sua abordagem no processo didático-pedagógico. Portanto não julgamos que o professor, ao dominar o conteúdo, tenha as questões da atividade pedagógica resolvidas. Porém, o não domínio do conhecimento interdita qualquer possibilidade de o professor articular as tarefas de ensino em qualquer que seja a perspectiva pedagógica. A competência técnica e o compromisso político do professor, ao que Saviani (2008) chama atenção, contribuem na compreensão de tais motivos e são relevantes no processo didático-pedagógico escolar.

Nessas circunstâncias, o que geralmente ocorre é um trabalho espontâneo de propiciar aos alunos práticas de movimentos físicos e

esportivos sem uma finalidade educativa. As justificativas que encontramos nesses casos são de contribuir para a saúde dos alunos com a prática regular de ações físicas e para o seu disciplinamento, levando-os a aprender regras de comportamento. Ou, em casos mais graves, a justificativa está na retrógrada ideia de que a Educação Física deve equilibrar as energias dos alunos que, por permanecerem muito tempo sentados em sala de aula, necessitam espaço e tempo para “liberar” a energia cinética acumulada. Ou, ainda, que os corpos das crianças necessitam por sua natureza. De qualquer forma, a finalidade está para além da Educação Física, o que é possível dizer que poderia ser desempenhada por qualquer outra atividade escolar. No caso específico do objeto esporte – reprodutor da lógica de rendimento técnico e da aptidão física – a prática espontânea termina por restringir-se ao tratamento de seu conteúdo nos limites de suas manifestações empíricas.

Essa realidade tem nos suscitado alguns questionamentos: como os professores de Educação Física escolar abordam os conteúdos da Cultura Corporal, entre eles o esporte? Esses professores têm constituído o trato com o esporte em suas aulas como espaço de consumo dessa manifestação nas escolas? E a pergunta que se recusa a calar: o trato com o conhecimento esporte na Educação Física escolar contribui para compreendê-lo como construção histórica e, com isso, auxiliar para a sua transformação na perspectiva da construção de uma sociedade onde há o livre desenvolvimento de todos? Para tentarmos responder a essas questões parece-nos imprescindível analisar a gênese e desenvolvimento do esporte.

Outro aspecto articulado com esse debate é o papel ideológico² do esporte nas aulas de Educação Física. Não teremos condições de aprofundar essa questão nesse trabalho³, mas sua menção nos ajuda a tentar expor se a compreensão que perpassa as aulas de Educação Física sobre o que é esporte contribui para a emancipação do ser humano. Diante das primeiras questões suscitadas surgiu um problema e, com isso, a necessidade de nos atermos ao esporte com outros “olhos”.

No âmbito da área, esse debate fez com que a própria formação de professores de Educação Física escolar, nos cursos de ensino superior, fosse revista. Preciou-se da apropriação de conhecimento do campo crítico-progressista da Educação Física. Entretanto, a maneira

² Compreendemos a ideologia no sentido lukacsiano, de conjunto de ideias e valores que nos orientam praticamente frente aos conflitos sociais.

³ Esse tema por si só traz elementos a serem investigados por outras dissertações de mestrado e teses de doutorado.

com que a formação do profissional de Educação Física era tratada, a saber, com a configuração de licenciatura plena – formação generalista – não permitia o tempo pedagógicamente necessário para o debate por um viés crítico. Houve, então, muitos cursos que optaram pela separação entre bacharelado e licenciatura, acreditando que dessa forma superariam tal necessidade⁴. Com a separação desses cursos pôde-se avançar de maneira significativa no trato com os objetos da Educação Física no ambiente pedagógico, entre eles o esporte, ainda que se possa, por outro lado, negligenciar conhecimentos que historicamente foram articulados com posicionamentos não críticos. Isso se revela em situações como o ensino da técnica, o conhecimento anátomo-fisiológico do corpo humano etc.

Devemos considerar o movimento teórico progressista do ensino da Educação Física recente, se comparado à história da Educação Física no Brasil. As primeiras elaborações teórico-metodológicas de cunho “progressista” surgiram no Brasil na década de 1980, no processo denominado de redemocratização do país, que saía de um duro período de ditadura civil-militar. No ambiente acadêmico brasileiro da Educação Física essas produções e o seu trato pedagógico ainda não se colocaram como perspectivas teórico-metodológicas predominantes. Parte dos cursos de Educação Física no Brasil ainda não incorporou em seus currículos de formação essa produção. Portanto, embora as tendências crítico-progressistas tenham relativamente pouco tempo de desenvolvimento, não podemos considerar que, de maneira totalizante, os cursos de formação de professores de Educação Física do país as abordem no processo de formação dos futuros professores.

Uma dessas propostas está expressa no livro *Metodologia do Ensino de Educação Física* (1992), elaborado por um Coletivo de Autores, em que foram suscitadas questões pertinentes sobre as concepções pedagógicas da Educação Física que se tinha (ou ainda se tem), além de possibilitar o debate, de forma crítica, sobre os conhecimentos da Educação Física, entre eles o esporte. Os autores denominaram a proposta de *Crítico-Superadora*.

Outra proposta crítica da Educação Física está objetivada no livro *Transformação Didático Pedagógica do Esporte* (1994), de autoria de Elenor Kunz. Denominada de *Crítico-Emancipatória*, essa concepção

⁴ Não temos condições de avançar nesse tema, mas registramos que há intenso debate na área entre os defensores da formação ampliada e unificada em Educação Física e os defensores da já constituída separação entre as duas habilitações.

pretende sinalizar didaticamente um trato diferente com o esporte. Almeja romper com a reprodução do esporte institucionalizado e de rendimento nas aulas de Educação Física escolar.

Em nosso cotidiano, na condição de professor das redes públicas de ensino, percebemos que a compreensão predominante de esporte, pelos professores de Educação Física, está relacionada às questões voltadas à aptidão física e ao esporte de rendimento, ou seja, relacionadas ainda fortemente às tendências tradicionais da Educação Física. Portanto, o conceito de esporte que perpassa as aulas de Educação Física nos parece insuficiente, pois se restringe a uma manifestação que desenvolve apenas essas “potencialidades”. Carece, pois, de conceito científico quando sua compreensão se limita aos aspectos imediatamente dados do esporte, ou seja, aquilo que se manifesta empiricamente. Entretanto, consideramos necessário avançar no debate do esporte em torno de uma compreensão teórica do mesmo. Restringir-nos ao conteúdo empírico do conceito de esporte para explicarmos o que ele é na sociedade vigente não nos garante que sua compreensão possa *possibilitar a apropriação das suas múltiplas determinações*. Compreender o esporte para além de sua manifestação empírica nos parece imprescindível para a descoberta de sua função social nessa sociedade. Consideramos o ambiente pedagógico escolar o espaço adequado para a apropriação do conhecimento científico, portanto, espaço adequado para tratar os conteúdos da Cultura Corporal, entre eles o esporte.

Quando falamos de conceito científico, referimo-nos a um conhecimento que expressa as relações essenciais gerais de um objeto em estudo. Significa compreender esse objeto para além da sua aparência imediata, ou seja, empírica. Avaliamos a concepção Crítico-Superadora, base teórico-metodológica deste trabalho, como a que possibilita com maior propriedade direcionar o trato pedagógico da Educação Física de maneira que o ensino de seus conteúdos – em específico, o esporte – expresse as relações essenciais gerais dos mesmos. Portanto, tal perspectiva contribui para um entendimento de esporte que expressa essas relações.

Essa concepção teórico-crítica nos fornece elementos capazes de contribuir no entendimento do esporte e do contexto no qual está inserido. Vivemos um período em que os meios de comunicação de massa a todo o instante nos conectam ao mundo esportivo. Eles nos alertam da importância de praticá-lo, de sua necessidade enquanto momento de integração entre as pessoas e, invariavelmente, como fator de desenvolvimento social, nos induzindo a consumi-lo cada vez mais.

Por consequência, o esporte se tornou a “profissão dos sonhos” de muitas crianças e jovens pelo prestígio social que possui. No Brasil, o futebol é o esporte mais praticado, tendo maior atenção midiática e, economicamente, o mais cobiçado.

Por isso, no contexto escolar, o esporte possui espaço privilegiado nas aulas de Educação Física, com ou sem a intervenção pedagógica diretiva dos professores. As aulas, predominantemente, orientam-se pela prática de modalidades esportivas como futebol, basquete, handebol e voleibol⁵. A manifestação desses fenômenos da Cultura Corporal, nas aulas, reflete a lógica esportiva da sociedade capitalista vigente. Segundo Colombo (2014, p. 65), “(...) o esporte é um fenômeno cultural que na sociabilidade capitalista se tornou algum gênero de mercadoria (...)”. Reflete tanto no sentido de sua execução prática como no sentido do que se pensa sobre ele.

Geralmente, sua manifestação em quaisquer ambientes carrega consigo o jargão de promotor de saúde, que, ao ser praticado, poderá desenvolver a aptidão física e promover qualidade de vida, quase como uma panaceia. Não nos colocamos contrários a essas “potencialidades” do esporte. Porém, dentro dos limites objetivos do exposto, emerge em nós a necessidade de analisar como ele é compreendido pelos professores de Educação Física no âmbito escolar. Além disso, se podemos de fato afirmar que essa compreensão possui como centralidade aquelas “potencialidades”, ou se a maneira como ele é conceituado, de modo geral, decorre de necessidades imediatas impostas por pequenos grupos sociais que detêm essa mercadoria como partícipes do processo de manutenção e reprodução do capital.

Vale o breve esclarecimento das pretensões da formação dos professores de Educação Física antes das elaborações teórico-metodológicas de viés crítico. A pretensão era tratar o esporte como manifestação que contribui, de modo geral, no desenvolvimento da aptidão física, e que após essas elaborações, mais precisamente a elaboração da concepção Crítico-Superadora, o esporte ganhou “novo” tratamento, como manifestação histórica e cultural. Por consequência, possibilitou a apreensão de conceitos científicos e a reflexão crítica da sociedade capitalista. Pressupomos que suas formações possibilitam compressões diferenciadas em torno do esporte e, por extensão, novas potencialidades no trato pedagógico podem se alinhar a essas compreensões. Aqui se ergue um questionamento: há diferença

⁵ Reconhecemos o esforço de muitos professores em alterar essa realidade cotidiana das escolas.

significativa entre a compreensão de esporte de professores que se formaram antes do acesso a essas concepções em suas formações iniciais, ou seja, que se formaram até a década de 1990 e estão em final de carreira, e os professores em início de carreira, formados após 2008 e que, portanto, foi-lhes possibilitado o acesso às concepções críticas, em especial à concepção Crítico-Superadora? Importante destacar que a ênfase dada à esta concepção – e isso serve também como justificativa de sua escolha – se deve pelo fato de que ela está expressa objetivamente nas diretrizes municipais que regem a prática pedagógica dos professores entrevistados.

Sabemos que a compreensão dos professores pode não expressar a efetividade de sua prática pedagógica no trato com o conhecimento da área, mas a consideramos condicionante, uma vez que tal abordagem se realiza pela possibilidade que os professores possuem para isso, entre elas o domínio do conhecimento do objeto de estudo da área. Nesse sentido, realizamos o recorte do conteúdo esporte como objeto de reflexão e estudo desta pesquisa, que localizamos territorialmente no município de Criciúma (SC) pela nossa história e vínculo com as escolas da rede municipal como ex-alunos e agora como professores. Nosso objetivo, então, é explicitar a compreensão de esporte de professores efetivos da rede municipal de Criciúma (SC) em início e final de carreira.

Portanto, o problema central que se coloca diante desta pesquisa é: *quais as diferenças e aproximações na compreensão de esporte por parte de professores efetivos da rede municipal de ensino de Criciúma em início e final de carreira*. Consequentemente nosso objetivo é procurar explicitar, analiticamente, as diferenças e aproximações na compreensão de esporte por parte de professores efetivos da rede municipal de ensino de Criciúma em início e final de carreira.

A opção pelos professores efetivos ocorre pelo simples, mas importante fato de que os professores com este regime de trabalho possuem a possibilidade de continuidade em sua atividade pedagógica com os alunos, de forma a que estes últimos possam se apropriar de fato do conhecimento proposto pelos docentes. Longe de desconsiderar a importância dos professores ACT's (Admitidos em Caráter Temporário) – até porque esse grupo de profissionais constituem maioria dos professores de Educação Física da rede – esta pesquisa não abarcou esse grupo de professores devido aos limites objetivos postos na pesquisa, embora sabemos da necessidade e importância de um estudo que considere a compreensão do esporte desse grupo docente.

Para tentarmos responder ao questionamento recorremos à pesquisa de campo, em que foram entrevistados 20 professores efetivos de Educação Física que estão atuando na Rede Municipal de Criciúma. Desses, foram entrevistados 8 professores formados até 1990. Escolhemos como critério esse ano em razão de que esse grupo de professores está em final de carreira, prestes a se aposentar. Compondo outro grupo, foram entrevistados 12 professores que estão em início de carreira, que se formaram de 2008 em diante. Importante destacar que são 74 professores de Educação Física efetivos na Rede Municipal de Criciúma. Pressupomos que esses dois grupos de professores entrevistados tenham compreensões diferentes do objeto de estudo da Educação Física, particularmente do esporte. Essa premissa se apresenta uma vez que, de 1980 até o momento atual, diversas perspectivas da Educação Física desenvolveram-se, inclusive no âmbito da formação superior da área.

Outro pressuposto é de que uma formação diferenciada resulta em compreensão também distinta dos professores em relação ao esporte. Compreensões diferenciadas tendem a orientar práticas pedagógicas diversas, pois se o professor possui entendimento crítico há a possibilidade de que tematize tal objeto também de forma crítica em suas aulas; reforçamos, a “possibilidade”. Porém, se o professor possui uma apreensão não crítica fica vedada por princípio a sua tematização dessa forma em suas aulas, isso porque faltarão, ao professor, os elementos mínimos constitutivos da própria crítica do objeto esporte.

Para tanto, entramos em contato com os professores por meio de uma solicitação encaminhada à Secretaria Municipal de Educação da cidade de Criciúma, que nos forneceu algumas informações como os nomes dos professores e os locais onde atuam. Com base nessas informações, fomos às escolas em busca da efetivação do primeiro contato com os professores que atendiam aos critérios da investigação – o grupo de professores formados até 1990 e o grupo daqueles habilitados a partir de 2008 –, convidando-os a participar da pesquisa. Caso aceitassem, marcaríamos local, data e horário da entrevista. Dos professores que se enquadraram nos critérios da pesquisa, apenas dois deles não responderam ao contato. Os demais aceitaram participar e realizamos as entrevistas sem grandes dificuldades.

Os dados empíricos foram obtidos a partir de uma entrevista semiestruturada com gravação de áudio. De acordo com Trivinos (1995, p. 146),

Podemos entender por entrevista semi-estruturada, em geral, aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa.

As gravações foram transcritas e se constituíram nos textos que serviram como documentos de análise. Os professores entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (anexo 1) e suas identidades foram preservadas. No exposto, identificaremos os professores entrevistados pelas nomenclaturas FC (final de carreira) e IC (início de carreira). Os 8 professores em final de carreira são identificados por FC1, FC2 e assim por diante. Para os 12 professores em início de carreira utilizamos IC1, IC2, IC3 e assim sucessivamente. A ordem de numeração ocorreu de maneira aleatória.

Elencamos cinco temas que nos possibilitaram abordar nas entrevistas os aspectos gerais do esporte: a) historicidade do esporte; b) relação entre esporte e sociedade; c) característica de competição do esporte; d) o esporte na formação inicial dos professores entrevistados e; e) o esporte como objeto de ensino nas aulas de Educação Física. Consideramos que esses foram os que melhor explicitaram as compreensões dos professores sobre o esporte de modo abrangente, desde o entendimento dos aspectos históricos do esporte (historicidade), pois para um entendimento dessa manifestação é importante compreender seu processo de gênese e desenvolvimento até sua manifestação na sociedade atual (relação entre esporte e sociedade); a percepção do aspecto competitivo do esporte (característica de competição); a maneira com que o esporte foi tratado na formação inicial desses professores que lhes possibilitou tais compreensões (esporte na formação inicial); e, por último e a partir da percepção dos temas anteriores, a compreensão de esporte enquanto conteúdo da Educação Física escolar por parte desses professores.

Mas de onde surgiram essas categorias de análise que constituíram o roteiro de entrevista? Lembremos que as categorias, segundo Marx (2011, p. 59), são “formas de ser, determinações de

existência”, portanto, tais categorias de forma alguma nasceram puramente da nossa mente, mas da realidade objetiva na qual fazemos parte. As indagações que foram construídas ao longo da pesquisa, os estudos realizados no nosso processo de formação e também nossas próprias experiências como professores de Educação Física de escola pública contribuíram para que extraíssemos essas categorias do real e utilizássemos como categorias de análise nas entrevistas.

Antes da realização das entrevistas, porém, sentimos a necessidade de estudarmos o movimento histórico da Educação Física e do esporte, o que nos possibilitou uma qualificação teórica na coleta de dados nas entrevistas. A importância da fundamentação teórica antes da coleta de dados na pesquisa de campo é destacada por Neto (2001, p. 61), quando afirma que

A compreensão desse espaço da pesquisa não se resolve apenas por meio de um domínio técnico. É preciso que tenhamos uma base teórica para podermos olhar os dados dentro de um quadro de referências que nos permite ir além do que simplesmente nos está sendo mostrado.

O processo da pesquisa se constituiu a partir de estudos de autores que têm a Educação Física e o esporte como seu objeto de investigação, especificamente aqueles que estudaram a origem e o desenvolvimento da Educação Física e do esporte e o sentido social que expressam em cada momento histórico.

No debate histórico da Educação Física, os estudos de Bracht (1999), Soares (2012) e Ghiraldelli (1991) nos possibilitaram a compreensão de seu processo de gênese e desenvolvimento e de inserção do esporte nessa área. Na especificidade do esporte destacamos os estudos de Guttmann (1978), Elias e Dunning (1985), Hobsbawn (1988, 1997) e Bourdieu (2003). Ancoramos-nos, também, nos estudos de autores como Proni (1998, 2005), Bracht (2005), Betti (1997) entre outros, que nos auxiliaram na apreensão das contribuições de teóricos como Mandell, Brohm, Vinnai e Rigauer.

Desse modo, organizamos a exposição dos resultados deste estudo da seguinte maneira: o primeiro capítulo procurou expor o motivo, a organização e os objetivos do estudo. No segundo capítulo, intitulado *O Movimento Histórico da Educação Física*, tratamos dos estudos referentes à origem e desenvolvimento da Educação Física no Brasil, por meio dos métodos ginásticos, até chegarmos à inserção do esporte na Educação Física escolar. Buscamos evidenciar como esse

movimento centra-se na busca pelo desenvolvimento da aptidão física, porém na particularidade do esporte verificamos como outras funções se incorporam à sua prática.

No terceiro capítulo, nomeado *As Interpretações da Origem do Esporte*, abordamos as fundamentações e os elementos gerais da origem e desenvolvimento do esporte de cada um dos autores citados anteriormente. Tal capítulo nos forneceu subsídios teóricos que orientaram a análise, apresentada no capítulo seguinte, dos dados recolhidos da pesquisa de campo.

No quarto e último capítulo, denominado *O Esporte na Perspectiva dos Professores de Educação Física: diferenças e aproximações*, explicitamos os resultados das análises e interpretações dos dados da pesquisa. Expomos as falas dos professores por temas e, com isso, procuramos fazer uma comparação entre as compreensões de esporte dos dois grupos de professores entrevistados, apontando as diferenças e aproximações. Analisamos quais perspectivas estão expressas nas compreensões de esporte dos professores, o conteúdo que se manifesta na conceituação sobre esta manifestação da Cultura Corporal, e a finalidade que os professores atribuem ao esporte enquanto conteúdo da Educação Física.

2 O MOVIMENTO HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

“A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco” (MARX, 2008).

Para a perspectiva dialética, a compreensão do objeto material ou imaterial mais desenvolvido é condição necessária para apreendê-lo em sua totalidade. Mas, para isso, a análise do objeto – desde a sua gênese, percorrendo todo o seu desenvolvimento até chegar a sua forma atual – torna-se condição na busca dessa compreensão. Essa condição fundamental nos possibilita o entendimento do que é a Educação Física hoje e o que ela pode vir a ser, uma vez que se coloca como manifestação social e, portanto, possuidora de uma função estreitamente relacionada com o modo de produção da sociedade.

A epígrafe de Marx no início deste capítulo nos instiga a analisar a história da Educação Física a fim de compreendê-la. Nosso pressuposto é de que a análise de seu processo de gênese e desenvolvimento até os dias de hoje subsidia a apropriação de sua função nesta sociedade e o entendimento de sua constituição. Essa análise nos fornece subsídios para a compreensão do motivo da inserção do esporte na Educação Física. Além disso, ajuda-nos na descoberta da maneira pela qual o esporte se manifestava no terreno característico da Educação Física em cada época.

O surgimento da Educação Física se situa no desenvolvimento e ascensão da sociedade do capital. Essa nova sociedade rompe com as visões de mundo pautadas na metafísica da ordem feudal em que os fenômenos da realidade provinham de uma força divina. Com o capital, a realidade passa a ser explicada cientificamente e o homem ocupa lugar central na sociedade. A classe burguesa, dirigente deste novo modo de produção, agora se fundamenta em explicações científicas para manter o domínio de classe e satisfazer seus interesses. Ela explica sua posição social pautando-se em teorias biologicistas, ou seja, passa a naturalizar os fatos sociais e com isso naturaliza sua posição social. Consequentemente, afirma que as diferenças de classes são derivadas de fatores biológicos, portanto, naturais (SOARES, 2012).

De acordo com Soares (2012, p. 13),

Essas teorias constituíram-se em instrumentos de poder da burguesia, uma vez que, “demonstrando”

dados biológicos isolados da vida dos indivíduos em sociedade, ideologicamente confirmavam a superioridade de uns sobre os outros como “natural” e “hereditária”.

Com a revolução burguesa, processo em que a burguesia se constitui como classe revolucionária, efetivam-se as transformações do modo de produção feudal e se estabelece o modo de produção capitalista. Agora, a burguesia passa a lutar para manter sua posição de dominante e garantir seus privilégios, o que a torna contrarrevolucionária. Para isso, ela sabe que precisa “criar” um novo homem para suportar a nova ordem de sociedade e controlá-lo conforme seus interesses.

A visão positivista de ciência se torna hegemônica nessa nova sociedade. Segundo Soares (2012, p. 9) a ciência, em sua abordagem positivista, deveria descobrir as “fórmulas” e as “leis” capazes de manter a “ordem natural” dos fatos e o desenvolvimento, também “natural”, da sociedade. Este modo de pensar a sociedade baseia-se em uma visão empírica da realidade, pois procura comprovar os fatos nos princípios da observação, experimentação e comparação, naturalizando os fatos sociais, criando um “social biologizado” (SOARES, 2012, p. 4).

Ao analisar o desenvolvimento do pensamento desse período, Moraes (1995, p. 125) destaca a relevância de Comte na constituição dessa perspectiva.

A partir dos parâmetros das escolas empiristas, Comte vai exigir que um dado conhecimento deve certificar-se de sua validade junto à certeza sensível de uma observação sistemática. Para Comte, a observação é *“a única base possível dos conhecimentos realmente, acessíveis, sabiamente adaptados as nossas necessidades reais”* (Comte, 1978, p. 48). Isto é, é a experiência sensível que determina o acesso ao mundo dos fatos e uma ciência que faz asserções sobre o real é sempre uma ciência experimental.

Assim sendo, se o modo positivista de pensar a realidade pretende naturalizar os fatos sociais, a burguesia se apropria dessa ideia ao afirmar que a nova sociedade que se estabelece decorre de um processo natural. Ou seja, as desigualdades de classes, que vão surgindo cada vez mais com o advento do capitalismo, passam a ser consideradas

“desigualdades naturais”. Ao afirmar isso, a burguesia oblitera o desenvolvimento da compreensão do ser humano como sujeito histórico-social, reforçando a perspectiva de que o homem é determinado exclusivamente pelas leis biológicas. As diferenças de classes, portanto, caracterizam-se pelas leis biológicas, ou seja, pelas leis naturais.

Diante dessas leis biológicas, os corpos “sem história” dos indivíduos permitem que seu estudo seja meramente por suas características anatômico-fisiológicas e explicados cientificamente (SOARES, 2012, p. 4). O corpo biológico se destaca, nessa nova sociedade, como pretensão de camuflar o “corpo social”. Esse, por sua vez, sem interesse da classe burguesa seja questionado. Para que a estrutura social do capital, as relações sociais de trabalho – que poderão ser evidenciadas pela discussão do “corpo social” – sejam ocultadas, o corpo biológico passa a ser o principal objeto de estudos da medicina do século XIX.

Com a Revolução Industrial e suas consequências devastadoras para a classe operária, como o surgimento de doenças, longas e duras jornadas de trabalho – incluindo mulheres e crianças – e ambientes impróprios de trabalho, surgem situações contraditórias para a classe dirigente. “Essa era umas das faces mais horripilantes (e que se tentava ocultar) da nova sociedade. Ela expressava de modo contundente a própria contradição do capital: a riqueza e a miséria” (SOARES, 2012, p. 19).

Esse corpo doente, fraco, descuidado e encharcado de vícios – devido às circunstâncias às quais é submetido na nova ordem social – não está mais em condições de atender às próprias exigências do capital: a produtividade que visa o lucro.

As epidemias que surgiram com o aparecimento das indústrias ultrapassaram a barreira de classe. Os altos índices de doenças do proletariado fizeram com que chegassem também às famílias burguesas. Essa situação foi um dos motivos que levou a própria burguesia a repensar as condições de trabalho de “seus” servidores.

Diante desse cenário, se coloca como necessidade ao capital, para continuar seu percurso normal, que o Estado procure medidas passíveis de “cuidar” desses corpos doentios. A medicina da época, por meio de discursos morais, afirma que é preciso atenção e cuidados com o corpo, pois é ele, constituído como meio de produção que satisfaz as necessidades humanas, que produz e gera capital.

Nesse ambiente, torna-se necessária uma educação corporal para suprir esses problemas sociais camuflados como problemas

biológicos. Esse período, denominado de higienista, caracteriza-se pela pretensão de educar esse corpo, restaurando-o pelos cuidados higiênicos, os quais não se referem apenas ao corpo em si, mas também ao ambiente em que ele vive, principalmente os lares. Os médicos higienistas tornam-se os principais agentes capazes de contribuir significativamente para a manutenção desse projeto de sociedade. Seus discursos morais alertam a população da necessidade de manter os lares limpos, bem como terem cuidados com seus corpos. Dentre esses cuidados, os exercícios físicos ganham papel importante devido à capacidade de fortalecer e manter o corpo robusto. Manter as casas limpas e arejadas, pessoas cuidadas, asseadas e *exercitadas*, tornam-se questões fundamentais para contribuir na higiene dos indivíduos.

Corpos saudáveis, limpos, bem cuidados e exercitados eram condição necessária para a manutenção da nova ordem societal, condição que se estendia para todos – homens, mulheres e crianças – a fim de restaurar o físico da classe produtora de capital. A educação do corpo passa a ser responsabilidade de cada indivíduo. O higienismo da época tratou de expandir muito bem essa ideia, com a afirmação de como o novo homem deve se comportar e quais os cuidados que deve ter.

É a partir dessas exigências que a Educação Física começa a ganhar espaço cada vez maior na sociedade por meio dos discursos dos médicos higienistas. O caráter científico com conteúdo higienista procura disciplinar o “corpo biológico” e moralizar a sociedade (SOARES, 2012).

Segundo Ghiraldelli (1991, p. 17),

(...) cabe à Educação Física um papel fundamental na formação de homens e mulheres sadios, fortes, dispostos à ação. Mais do que isso, a Educação Física Higienista não se responsabiliza somente pela saúde individual das pessoas. Em verdade, ela age como protagonista num projeto de “asepsia social”. Desta forma, para tal concepção a ginástica, o desporto, os jogos recreativos etc. devem, antes de qualquer coisa, disciplinar os hábitos das pessoas no sentido de levá-las a se afastarem de práticas capazes de provocar a deterioração da saúde e da moral, o que “comprometeria a vida coletiva”.

Essa Educação Física, cujo nome no período era sinônimo de ginástica, passa a fazer parte das recomendações impostas pelos médicos para se ter cuidados com o corpo. Tal manifestação advém dos métodos inglês, francês, sueco e alemão e se constituiu como condição fundamental na restauração do físico. Vale destacar que o esporte, surgido na Inglaterra, ainda é pouco associado à ideia de restauração do corpo biológico, principalmente da massa trabalhadora.

2.1 EDUCAÇÃO FÍSICA NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR

A classe dominante, que até então se encontrava em um momento de transição como revolucionária, no século XIX muda de condição. A partir de agora, necessita manter sua posição social como dirigente da sociedade e, portanto, assumir-se como classe contrarrevolucionária. Em contraposição, ao assumir tal posicionamento, outra classe social, o proletariado, se colocava em oposição à burguesia devido aos interesses contraditórios dessas classes.

Para tal objetivo, a burguesia compreende que o proletariado é a classe que garante seus privilégios, pois é com base na exploração da sua força de trabalho que mantém o seu status social. Portanto, além de “cuidar” física e psicologicamente da sua “galinha dos ovos de ouro”, a classe dominante precisa instruir minimamente a classe operária para que exerça produtivamente suas funções no trabalho. Instruí-la, mas jamais educá-la para compreender a realidade. A instrução da classe operária segue os interesses do próprio capital para que ele continue a consolidar-se.

A instituição escolar, por conseguinte, carrega importância crucial no projeto do “novo” homem da classe proletária, idealizado pela burguesia. Mészáros (2008, p. 44) afirma que a instituição escolar é responsável por uma educação em que os indivíduos passem por um processo de “internalização” de sua posição social que lhes fora determinada, mas não só isso.

As instituições formais de educação certamente são uma parte importante do sistema global de internalização. Mas apenas uma parte. Quer os indivíduos participem ou não – por mais ou menos tempo, mas sempre em um número de anos bastante limitado – das instituições formais de educação, eles devem ser induzidos a uma aceitação ativa (ou mais ou menos resignada) dos

princípios reprodutivos orientadores dominantes na própria sociedade, adequados a sua posição na ordem social, e de acordo com as tarefas que lhes foram atribuídas.

A internalização, citada pelo autor, significa que, devido à hierarquização social e “naturalmente” imposta, os indivíduos, sem qualquer outra alternativa de escolha, devem aceitar seus lugares na sociedade.

John Locke (1632-1704), materialista mecanicista inglês, pensador liberal conservador, admitia que todos os homens deveriam ser instruídos. Porém, dependendo da classe social que ocupassem, essa instrução seria diferente. Para ele, a instrução aos ricos deveria ser de tal forma que eles pudessem governar o Estado e garantir a perpetuação da ordem social hegemônica. Para os pobres, uma instrução que os tornassem obedientes (SOARES, 2012, p. 30).

A instituição escolar, nesse ponto de vista, teria a incumbência de conservar o *status quo*, garantindo à classe operária a instrução mínima para o manuseio das máquinas nas indústrias. Essa instrução teria o caráter técnico, uma vez que o trabalhador ideal, para a burguesia, seria aquele que detivesse os conhecimentos manuais e das técnicas necessárias para o manuseio adequado dos meios de produção, propriedade da própria burguesia.

Para a manutenção dessa organização social, era necessário restaurar fisicamente a classe operária, a partir das instruções dos médicos higienistas da época, cujos exercícios físicos tinham grande importância nesse processo. Nesse contexto, a instituição escola oferecia um ambiente favorável a essa restauração.

Não bastava o manuseio tecnicamente adequado da classe operária se esses se encontravam carentes de saúde, era preciso que o trabalhador também estivesse adequado fisiologicamente para o trabalho. Para isso as instituições educativas aderiram aos modelos ginásticos (na época chamados de exercícios físicos), buscando suprir a necessidade de educar fisicamente os corpos.

Importante ressaltar que a inserção da Educação Física no ambiente escolar representa, por um lado, um avanço para a Educação, uma vez que integra mais uma área de conhecimento para a formação humana. Por outro lado, essa inserção carregava interesses da burguesia em disciplinar, domesticar a classe operária, para configurar seu modelo de corpo ideal no seu projeto de sociedade e mundo.

(...) em plena Revolução Industrial, o trabalhador se transforma em simples acessório das máquinas e necessita, cada vez mais, atenção e saúde para suportar as intermináveis horas sem descanso e em posições absolutamente nocivas ao seu corpo. Daí a importância atribuída ao exercício físico, este novo “remédio” para os males “necessários” da nova ordem. (SOARES, 2012, p. 42).

2.1.1 DOS MÉTODOS GINÁSTICOS AO ESPORTE

Para que possamos discutir a gênese do esporte nas aulas de Educação Física, precisamos expor o motivo da sua inserção nessas aulas. Os métodos ginásticos marcam o início de uma nova área de conhecimento nas instituições escolares, a Educação Física. Logo, a compreensão da necessidade e do contexto em que o esporte é inserido nas aulas de Educação Física – análise importante para discutirmos o objeto desta pesquisa – demanda explicitar, em linhas gerais, as características desses métodos ginásticos e suas influências no Brasil.

Os métodos ginásticos tinham como países precursores a Alemanha, a Suécia, a França e a Inglaterra. Sua finalidade era a regeneração da raça, a promoção da saúde e o desenvolvimento de um homem disposto a defender sua pátria. Esses métodos influenciaram as aulas de Educação Física no Brasil pelo viés higienista. Cada método possuía suas peculiaridades, mas todos seguiam a mesma característica essencial: conservar a ordem social.

No Brasil não foi diferente. A vinda desses métodos, orientados pelos discursos moralizantes dos médicos higienistas, satisfazia uma dupla necessidade. A primeira de criar um novo homem e uma nova sociedade no contexto de substituição da mão de obra escrava por trabalhadores imigrantes europeus. A segunda para garantir a nova política republicana que atendia a burguesia oligárquica nascente no país.

A escola de ginástica alemã tinha a característica de formar o homem disposto a defender sua pátria. Entre os fundadores desse método, Guts Muths defendia a ginástica para homens, mulheres (pois eram essas que geravam os “filhos da pátria”) e crianças. O estado deveria ser o promotor e organizador dessa prática. Friederich Ludwig Jahn é outro incentivador desse método, que considera a ginástica não apenas pelo seu aspecto de revigorar a saúde, mas também pelo seu aspecto militar. Ele acreditava que havia sempre presente a possibilidade

de uma guerra nacional. Ambos fundamentaram seus métodos nas teorias pedagógicas de diversos autores, entre eles Rousseau e Pestalozzi, que visavam à formação do “homem universal” (SOARES, 2012, p. 44).

No Brasil, o método alemão de ginástica foi trazido por imigrantes alemães na segunda metade do século XIX e tornou-se o método oficial do exército brasileiro. Na Educação Física brasileira, afirma Inezil Penna Marinho (in SOARES, 2012), a ginástica alemã foi implantada na primeira metade do século XX.

Para a escola sueca, a ginástica deveria criar indivíduos fortes, saudáveis e livres de vícios. Seu idealizador foi Henrick Ling (1776-1839), que dividiu o método em: Ginástica pedagógica ou educativa; Ginástica militar; Ginástica médica e ortopédica; e Ginástica estética. Seus métodos chegaram ao Brasil em meados do século XIX e os principais defensores foram Rui Barbosa e Fernando Azevedo, que priorizaram o aspecto pedagógico desses métodos nos estabelecimentos de ensino.

O método francês é pautado também por concepções de educação, e defende a formação do “homem universal”. Para tanto, os exercícios físicos exercem importante contribuição para esse projeto “ideal” de homem e devem ser apropriados por todos os cidadãos. Na primeira metade do século XIX, a ginástica na França foi baseada nas ideias de Jahn e Guts Muths. O fundador do método francês foi Francisco de Amoros y Ondeño (1770-1848), que criou um método semelhante ao de Ling, na Suécia. Sua chegada ao Brasil aconteceu com a vinda de militares franceses para ministrar instrução militar, em São Paulo, no início do século XX. Tornou-se o método oficial de Educação Física brasileira em 1921.

Embora cada um desses métodos possuísse características diferentes, como afirmamos anteriormente, apresentavam algo em comum. As “ginásticas”, superficialmente aqui descritas⁶, surgiram e desenvolveram-se por uma necessidade social que foi e continua sendo

⁶ Não é nossa intenção fazer uma análise detalhada sobre cada um dos métodos ginásticos citados. Entretanto, sugerimos aos leitores interessados consultarem a obra de Accioly (1949) sobre o método alemão, intitulada *Adolph Spiess e a ginástica nas escolas alemãs*, a obra de Bukh (1939) sobre o método sueco, intitulada *Gimnasia básica danesa*, e a obra de Goellner (1992) sobre o método francês, intitulada *O método francês e a educação física no Brasil: da caserna à escola*. Para uma análise geral, consultar o professor Inezil Penna Marinho no livro *Sistemas e Métodos de Educação Física* (1952).

mascarada por uma necessidade biológica. Com efeito, a construção desse “novo homem” ou a formação do “homem universal”, termo que a princípio soa muito bem quando defendemos um ensino que desenvolva as capacidades máximas dos indivíduos, não poderá alterar a estrutura fundamental na sociedade moderna, em que a divisão social em classes está “naturalmente” estabelecida.

A formação desse homem ideal é de interesse do próprio capital para continuar sua expansão, razão pela qual se justifica a construção de um homem forte, saudável, defensor de seu Estado, obediente e disciplinado, assim como a preocupação com o corpo da mulher geradora de filhos. É essa necessidade socialmente construída que marca o início da Educação Física, na Europa, por meio dos métodos ginásticos, com posterior introdução na Educação Física brasileira.

A respeito da Educação Física escolar no Brasil, segundo Soares (2012, p. 59),

[...] privilegiam em suas propostas pedagógicas aquela de base anatomofisiológica retirada do interior do pensamento médico higienista. Consideram-na um valioso componente curricular com acentuado caráter higiênico, eugênico e moral, caráter este desenvolvido segundo os pressupostos da moralidade sanitária, que se instaura no Brasil a partir da segunda metade do século XIX.

A necessidade de consolidar de vez a nova ordem social capitalista, no Brasil, põe a burguesia diante de questões sociais que estavam sob sua responsabilidade enquanto classe dirigente. Ao suprimir o período escravista no Brasil e tornar homens negros livres – ação encharcada de interesses para atender a necessidade do capital –, a burguesia estava preocupada em desenvolver as cidades, pois considerava que era nelas que a economia capitalista se expandiria através do surgimento das indústrias, das fábricas e das atividades financeiras. Nesse período a população branca no Brasil era minoria, mas era ela que dirigia a sociedade por possuir a propriedade privada e o controle do estado. Portanto, a escassez de mão de obra qualificada e/ou a pouca instrução técnica da população se colocam como problemas a serem resolvidos. Surge a preocupação da educação para o povo no Brasil.

A educação se apresenta distinta para as elites e o povo. A educação das elites, que ocorria predominantemente nos grandes Colégios públicos⁷, se apresentava como uma educação intelectual, capaz de garantir que essa classe continuasse no comando da sociedade. Por outro lado, a educação do povo seria aquela que garantisse os ensinamentos técnicos para utilizá-los nas longas e duras jornadas de trabalho.⁸

Os exercícios físicos nessas instituições – aceitáveis nos Colégios devido à importância que o discurso higienista lhes atribuía – também possuíam motivos distintos dos exercícios para a educação do povo. Para as elites, os exercícios físicos assumiam o papel de momento de recreação e lazer, uma vez que o trabalho intelectual lhes exigia demais. Tais exercícios constituíam-se basicamente da ginástica e outros específicos como natação, esgrima, equitação, dança, caracterizados como exercícios burgueses. Para o povo, o exercício físico

[...] aparece como antídoto para todos os males, além de ser potencialmente capaz de prevenir e curar doenças... de construir um corpo robusto e saudável, colocando, assim, a responsabilidade da saúde sobre o próprio indivíduo e adestrando-o para os trabalhos manuais. (SOARES, 2012, p. 70).

No período da Educação Física militarista (1930-1945), a busca da formação de um corpo saudável ainda se colocava como importância ímpar no projeto social brasileiro. Entretanto, o que caracteriza fortemente esse período é, além do corpo sadio, um corpo obediente e pronto para servir sua pátria em caso de guerra. De acordo com Ghiraldelli (1991, p. 18),

É óbvio que a Educação Física Militarista, como a Educação Física Higienista, também está seriamente preocupada com a saúde individual e com a saúde pública. Todavia, o objetivo fundamental da Educação Física Militarista é a

⁷ Um forte exemplo disso é o Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro, que na época era capital do país.

⁸ Guardadas as especificidades de cada momento, hoje continuamos com o modelo dualista de educação, caracterizado, grosso modo, pelas escolas privadas e públicas, ao menos para a Educação Básica.

obtenção de uma juventude capaz de suportar o combate, a luta, a guerra.

Diante desse modelo de Educação Física ideologicamente imposto desde o século XIX, fazemos algumas perguntas quando pensamos em nosso problema de pesquisa. Mais de um século depois, será que esse modelo de Educação Física – cuidar do corpo biológico da classe trabalhadora para o mercado de trabalho – ainda se faz presente na concepção de Educação Física dos professores e, conseqüentemente, em suas aulas? O que essencialmente mudou nas aulas de Educação Física daquela época para as de hoje? O trato com o esporte, atualmente, possui a mesma finalidade das aulas de ginástica da época?

Embora tenhamos descrito as características da educação e dos exercícios físicos da elite – inventário que julgamos importante para compreendermos as relações de classes da época – esta pesquisa ocupa-se e tem como foco a educação pública. Portanto, é sobre a classe trabalhadora e como o esporte é tematizado nas aulas de Educação Física desta classe que nos debruçamos neste estudo.

Consideramos que a maneira como iniciou a Educação Física nas instituições escolares – com os métodos ginásticos europeus – fornece um terreno fértil para a inserção e o desenvolvimento do esporte nessas aulas. A exposição do surgimento da Educação Física nos serve como pano de fundo para compreender certos aspectos do início do trato pedagógico com o esporte.

2.2 A INSERÇÃO DO ESPORTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física, ainda no século XIX, ganha relevância ímpar e se firma como área de conhecimento capaz de revigorar e disciplinar o corpo. Os métodos ginásticos contribuíram demasiadamente para essa finalidade – como afirmamos no subcapítulo anterior –, uma vez que para a expansão do capital esta necessidade social precisava ser satisfeita.

É nesse contexto – da ascensão desenfreada da nova sociedade e de uma classe que possui a propriedade dos meios de produção e, portanto, a direção desta sociedade – que surge uma “nova” prática corporal: o esporte. Sua relação com a Educação Física atende à mesma necessidade social do capital. Entretanto, assim como a ginástica, o esporte também é “usado” nas instituições escolares como mais um instrumento disciplinador e restaurador do corpo, mas não apenas isso.

O esporte se constitui, então, como um fenômeno importante para o período histórico da época devido à sua capacidade de atender à política do corpo e carrega uma característica já encontrada na ginástica que foi bastante incentivada pela medicina europeia, o rendimento (BRACHT, 1999, p. 74).

Aumento do rendimento atlético-esportivo, como registro de recordes, é alcançado como uma intervenção científico-racional sobre o corpo que envolve tanto aspectos imediatamente biológicos, como aumento de resistência, da força etc., quanto comportamentais, como hábitos regrados de vida, respeito às regras e normas das competições etc. Treinamento esportivo e ginástica promovem a aptidão física e suas consequências: a saúde e a capacidade de trabalho/rendimento individual e social, objetivos da política do corpo. (BRACHT, 1999, p. 74).

A inserção do esporte na Educação Física carrega consigo novos sentidos e significados. Enquanto a ginástica pretendia restaurar o corpo e discipliná-lo, o esporte mantém essas características para a formação do homem “ideal” construído pela Educação Física, mas as supera quando pretende também formar o homem com “espírito competitivo”. Contudo, esse fato não altera o conhecimento científico pautado pelas ciências naturais e biológicas, auxiliadas, obviamente, pela medicina.

O “espírito competitivo” que passa a ser responsabilidade do trato com o esporte na Educação Física visa à formação de um homem capaz de competir, não só no âmbito esportivo, mas também no seu próprio trabalho produtivo, na sua própria *atividade de trabalho*. Ideias como a de que “vencer na vida” depende exclusivamente do esforço de cada um na competição da sociedade capitalista encontram amparo no esporte para promovê-las entre os indivíduos.

Desse ponto de vista, o esporte pode ser considerado como uma ferramenta ideológica, uma vez que sua reprodução serve para transmitir e reforçar uma ideia de que apenas um determinado grupo social é privilegiado. A ideia de esforço individual, em meio a um conjunto de outras com ênfase em triunfos por méritos pessoais, gera uma ideologia que se expressa por meio do esporte, levando-o a promover/difundir um tipo de pensamento que não permite sua compreensão essencial. A produção desse tipo de pensamento, inevitavelmente, engendra uma

falsa consciência em relação a esse fenômeno produzido historicamente como produto cultural.

Em relação ao aspecto ideológico do esporte, Vaz (2005, p. 10) cita Brohm, para quem o esporte é

(...) um aparelho ideológico do Estado que cumpre um triplo papel: reproduz ideologicamente as relações sociais burguesas, tais como hierarquia, subserviência, obediência etc.; em segundo lugar ele propaga uma ideologia organizacional específica para a instituição esportiva, envolvendo competição, recordes e outputs; em terceiro lugar ele transmite, em larga escala, os temas universais da ideologia burguesa, como o mito do super-homem, individualismo, ascensão social, sucesso, eficiência etc.

Vencer o jogo a qualquer custo, ter maior rendimento perante os adversários, alcançar a melhor performance no jogo enquanto esporte significa que a vitória no jogo da “vida real” é ser bem sucedido na vida. Isso porque aquele que possui maior rendimento sobre outros indivíduos de sua mesma condição social terá maiores condições de alcançar melhores patamares no mercado de trabalho, já que depende apenas de sua dedicação e esforço para tal finalidade.

No plano político, a Educação Física está encarregada também de, por meio do ensino dos esportes em suas aulas, colocar o país em competições olímpicas e, claro, visando os melhores lugares no ranking internacional. De acordo com Bracht (1999, p. 75-76),

A pedagogia da EF incorporou, sem necessidade de mudar seus princípios mais fundamentais, essa “nova” técnica corporal, o esporte, agregando agora, em virtude das intersecções sociais (principalmente políticas) desse fenômeno, novos sentidos/significados, como, por exemplo, preparar as novas gerações para representar o país no campo esportivo (internacional).

No Brasil, o esporte exerceu grande influência em uma época em que o país vivenciava um momento desastroso de sua história, a ditadura civil-militar. Essa prática corporal serviu como instrumento para aliviar a tensão que pairava sobre o país. O futebol foi o esporte

predominante nessa época para “distrair” as massas dos conflitos sociais em emergência. Exemplo mais notável foi o triunfo do Brasil na Copa do Mundo de futebol, em 1970, quando a alegria da nação pela conquista do título fez parecer que o país não vivia o momento de maior recrudescimento da ditadura. Consideramos que, ainda hoje, o futebol exerce a mesma função daquele período.

Portanto, o conceito de esporte que se tinha e/ou se tem e que justificava a sua inserção e o seu trato pedagógico no ambiente escolar – por meio das aulas de Educação Física – era de que ele se constituía em uma atividade que desenvolvia a aptidão física da população. Além disso, contribuía na manutenção dos *status quo* da própria sociedade ao fortalecer a lógica de rendimento e competição, características inerentes ao modelo social capitalista. Dessa maneira, a escola se colocava e/ou se coloca como lugar privilegiado para a reprodução dessas potencialidades do esporte.

No capítulo seguinte, trataremos especificamente do esporte. Exporemos as “origens” e desenvolvimento dessa manifestação na ótica de diversos autores que têm o esporte como objeto de estudo, o que nos permitirá obter subsídios teóricos para analisar as compreensões do esporte dos professores de Educação Física.

3 AS INTERPRETAÇÕES DA ORIGEM DO ESPORTE

Neste capítulo nos dedicamos a expor a origem de uma prática social peculiar, o esporte. Embora possamos afirmar que o esporte ou esporte moderno – dependendo da perspectiva do autor em análise – surge na Inglaterra no século XIX, o termo “origens”, do título deste capítulo, sugere que há perspectivas distintas sobre o surgimento dessa prática e seu desenvolvimento. Entretanto, o que há em comum nessas diferentes perspectivas é o caráter elitista que o esporte carrega em seu nascimento.

Esse percurso nos auxilia na compreensão dos sentidos e significados que o esporte possui na sociedade atual e suas implicações na Educação Física. Tais implicações se manifestam, predominantemente, a partir da compreensão que os professores dessa disciplina possuem de esporte e do modo com que o tratam em suas aulas. Portanto nosso objetivo, neste capítulo, é expor as “origens” do esporte em diferentes perspectivas para que possamos, de fato, entender como essa prática se manifesta nas aulas de Educação Física, mais especificamente no que diz respeito às compreensões dos professores, uma vez que o objeto de investigação se refere ao conceito de esporte dos professores de uma determinada realidade social.

Recorremos a estudos de autores como Guttmann (1978), Elias e Dunning (1992), Bourdieu (2003) e Hobsbawm (1997) para compreender a origem do esporte em diferentes perspectivas. No intuito de qualificar nossa análise, apoiamos-nos em Proni (1998, 2005). Sua obra nos forneceu elementos importantes dos autores citados, além dos aportes do historiador Richard Mandell. Também nos fundamentamos em autores como Stigger (2011), Bracht (2005) e Betti (1997), que se propuseram a estudar as contribuições de alguns teóricos da Teoria Crítica. São eles: Brohm, Vinnai e Rigauer, cujos estudos voltaram-se para a função do esporte na sociedade capitalista.

É necessário esclarecer que, por parte de alguns autores, existe o entendimento de que o esporte se manifesta em diversos momentos históricos. Portanto, o esporte na organização social do capital é apenas uma de suas expressões históricas. Sendo assim, no seio dessa sociedade, esses autores chamaram essa nova expressão de “esporte moderno”. Outros afirmam que o esporte é fruto da sociedade atual, pois carrega consigo características próprias do modo de produção capitalista.

Em suma, encontramos autores que defendem a ideia de que há uma continuidade do esporte que praticamos nos dias atuais e os

esportes praticados em sociedades anteriores, e autores que sustentam haver uma ruptura entre as práticas corporais as quais denominamos esporte na sociedade capitalista e as atividades corporais de sociedades passadas.

3.1 O ESPORTE EM DIVERSOS PERÍODOS HISTÓRICOS-SOCIAIS

Iniciaremos a apresentação da origem do esporte pelos estudos de autores que afirmam a existência de uma continuidade do esporte na sociedade atual em relação às práticas corporais realizadas nas formas sociais anteriores. O primeiro se trata do trabalho do historiador Richard Mandell em uma de suas principais obras, denominada *Sport: a cultural history* (1984). O estudo de Mandell, conforme Proni (1998, p. 17), revela que várias atividades recreativas ou teatrais de sociedades humanas anteriores a nossa podem ser comparadas com as atividades que hoje denominamos esporte. Essas atividades estão relacionadas com a forma de organização social em que estão inseridas.

As atividades das épocas anteriores, para Mandell, contêm características elementares dos esportes modernos de nossa sociedade. Por exemplo, atividades de corridas e de lutas que causavam excitação e satisfaziam às pessoas como forma de lazer. Mas essas formas de excitação e satisfação das pessoas por meio dessas atividades pouco se efetivariam hoje, devido à importância que a humanidade concedeu ao lazer na sociedade moderna.

Mandell admite que a Inglaterra propiciou o ambiente favorável ao surgimento do esporte moderno, cujas características advêm do tipo de organização social na qual se inseriu, nesse caso, em uma sociedade industrial. Porém, este fato não significa que o esporte moderno é produto da industrialização. De acordo com Proni (2005, p. 2), com base em Mandell,

(...) poucos historiadores perceberam que as novas atitudes em relação aos jogos e competições esportivas (que originaram noções como: oportunidades iguais, fair play, regras codificadas, arbitragem, ligas trans-regionais e treinamento) tinham espantosas analogias na vida pública da Inglaterra pré-industrial; e que as características distintivas do esporte moderno têm sua origem precisamente nas mesmas circunstâncias sociais

que fomentaram a produção industrial racionalizada. Ou seja, os esportes modernos não são um mero produto da industrialização.

De acordo com Proni (1998), os estudos de Mandell chamam a atenção de que há autores que explicam a origem do esporte moderno em diferentes versões. A primeira seria que o esporte faz parte do universo lúdico do jogo. Portanto, trata-se de uma manifestação nobre da natureza humana, uma vez que é o ser humano que consegue colocar em ação suas forças criativas e a imaginação. Partindo desta visão, o esporte é visto como uma criação humana pura, que surge da imaginação⁹ e da força criativa do ser humano. Podemos relacionar essa forma de pensamento ao idealismo, ao considerar que a realidade existe pelo pensamento. “Penso, logo existo”, de René Descartes, explicitaria essa forma de pensar.

A segunda versão da origem do esporte surge de marxistas ortodoxos, entre eles o historiador Gerhard Lukas. Ainda de acordo com Proni (1998, p. 18), para Mandell, Lukas sustenta a ideia de que o esporte nasce das condições materiais da vida, ou seja, no próprio trabalho.

Partindo dessas premissas, o historiador Gerhard Lukas (*Die Körperkultur in Frühen Epochen der Menschenentwicklung*, 1969) estabeleceu que o primeiro esporte inventado foi o arremesso de arpão (ou lança), porque para utilizá-lo com perícia era preciso praticar. De acordo com essa abordagem, o esporte surgiu como uma preparação para o trabalho, uma atividade que distinguia os homens dos animais. Não era uma atividade gratuita, uma brincadeira. Era antes um reflexo às necessidades que aqueles indivíduos tinham de sobreviver e progredir.

A terceira versão, segundo as análises de Mandell – apresentadas por Proni (1998) –, seria que o esporte surgiu na Grécia clássica, onde teve uma existência gloriosa, mas que se extinguiu

⁹ Interessante observar que aqui a imaginação é considerada uma propriedade psíquica inata do ser humano, não como produto do processo de reflexo da realidade objetiva, como explicam Vigotski, Rubinstein, Leontiev e Davidov.

repentinamente. Para o autor, essa versão não se sustenta porque possui poucas evidências históricas. Para contrapô-la, Mandell se apoia em Bero Rigauer, ao afirmar que o esporte é uma “adaptação única à vida moderna” (in. PRONI, 1998, p. 19). Mais adiante retornaremos a este tema pela abordagem de teóricos marxistas sobre a origem do esporte.

Na análise de Mandell, essa continuidade entre as práticas corporais de períodos históricos-sociais antecedentes e o que denominamos de esporte moderno se expressa a partir de características comuns. Entre elas, o elemento de competição que está presente em todas as atividades corporais e, claro, no próprio esporte moderno. Marco Stigger, em seu livro *Educação Física, Esporte e Diversidade*, faz uma análise histórica do esporte abordando esses autores. Stigger afirma que Mandell assemelha estas atividades devido à estrutura comum existente entre elas.

De acordo com o autor, Mandell utiliza a palavra esporte para referir-se

(...) àquelas atividades que são similares por serem vinculadas a algum tipo de competição, em que indivíduos ou grupos se confrontam em busca de objetivos conflitantes, utilizando algum tipo de regra conhecida por todos e nas quais, ao final, um dos oponentes (ou grupo de oponentes) é identificado como vencedor. (STIGGER, 2011, p. 15).

Importante ressaltar que Mandell, embora considere haver uma continuidade nas práticas corporais de sociedades passadas, expressas naqueles elementos comuns citados acima, o termo moderno, do esporte atual, denota características próprias da sociedade capitalista. Proni (1998, p. 23) explica que

(...) para Mandell o esporte moderno é uma prática corporal competitiva, construída em bases racionais, que introduz a busca de eficiência nas atividades de lazer das pessoas das mais diferentes procedências. É, nesse sentido, uma prática social que ajudou os indivíduos a se adaptarem a uma sociedade que se tornava urbana e industrial. A evolução das novas modalidades esportivas expressa, acima de tudo, um movimento cultural, ou melhor, da mentalidade que estrutura os

hábitos sociais de um povo. Esta é a principal contribuição do estudo de Mandell, que teve ainda o mérito de ter discutido algumas teses polêmicas a partir de um sólido embasamento histórico.

As ideias de Mandell acerca da origem do esporte e do esporte moderno se expressam ainda hoje, de forma inconsciente, nas compreensões de esporte de diversos profissionais que trabalham com essa prática corporal, em especial, professores de Educação Física escolar. A grande maioria desses professores atribui ao esporte a característica, em primeiro lugar, de ser competitivo. Vale antecipar que os dados de nossa investigação mostram essa mesma concepção.

Ainda para Mandell, o esporte moderno é uma possibilidade para a população praticar uma atividade de lazer, uma vez que estão inseridas em uma organização social cujo modo de produção capitalista é predominante. Por isso, o esporte moderno pode adequar as pessoas a essa nova sociedade. Essa ideia, fortemente explícita nas compreensões de muitos professores quando eles relacionam o esporte como forma de lazer da população, também se manifesta nas compreensões de alguns professores entrevistados em nossa pesquisa.

Outro autor que analisou a origem do esporte é o etnólogo norte americano Allen Guttman, em sua obra *From Ritual to Record: the nature of modern sports* (1978). Ele também compartilha da ideia de que o esporte existe em todas as formações sociais e o compara de acordo com contextos históricos diferentes. Partindo disso, Guttman (1978) denominou os diferentes esportes como: primitivo, grego, romano, medieval e moderno. O autor destaca, em seus estudos, categorias de análises que caracterizam cada um desses esportes.

O esporte moderno, para Guttman (in. PRONI, 1998, p. 25), se diferencia dos esportes de períodos históricos-sociais anteriores uma vez que a própria organização da sociedade atual é distinta. É possível, segundo o autor, analisar o tipo de sociedade a partir da organização de esporte presente nela. O esporte moderno, para ele, tem um caráter singular de competição física não utilitária.

Apoiando-se na perspectiva idealista weberiana de sociedade, ele apresenta o esporte moderno segundo características da própria sociedade. Utiliza categorias que considera inerentes à sociedade moderna. Guttman (1978, p. 80-81, *itálicos nossos*) avalia que

Uma grande vantagem do modelo Weberiano é que permite ver no microcosmo (esportes

modernos) as características do macrocosmo (sociedade moderna) – *secularismo, equidade, especialização, racionalismo, organização burocrática e quantificação*. Estas seis características, acrescidas da busca de recordes, a qual se manifesta de forma muito mais impressionante no esporte que no restante da ordem social, são elementos interdependentes, sistematicamente relacionados com o tipo ideal de uma sociedade moderna.

A partir dessas características sinalizadas por Guttmann, é possível compreender que a categoria da secularização diz respeito à forma com que o esporte moderno se constituiu, afastando-se do credo religioso. Equidade significa que, no esporte moderno, parte-se de um nível de igualdade de oportunidades e de condições nas competições entre os seus praticantes. Especialização refere-se à atenção do atleta voltada a uma única modalidade, que o restringe das outras atividades; portanto, aperfeiçoa-se tecnicamente na especialidade que lhe compete. A racionalização no esporte moderno sistematiza e padroniza regras de diversas modalidades, exigindo o seu aperfeiçoamento em termos estratégico-táticos. A organização burocrática do esporte moderno controla e organiza o calendário do esporte e o hierarquiza no âmbito administrativo. A quantificação padroniza o desempenho do atleta e o coloca no âmbito estatístico. E por último, mas não menos importante, está a busca do recorde, necessário para a espetacularização do esporte uma vez que o atleta precisa, para se manter inserido nele, superar marcas e resultados estabelecidos por outros atletas do passado ou de seu próprio tempo.

Vejam na tabela a seguir como Guttmann expõe essas categorias, relacionando-as com as formas de esporte existentes nas diversas formas societais.

Tendências	Esporte Primitivo	Esporte Grego	Esporte Romano	Esporte Medieval	Esporte Moderno
Secularismo	Sim e não	Sim e não	Sim e não	Sim e não	Sim
Equidade	Não	Sim e não	Sim e não	Não	Sim
Especialização	Não	Sim	Sim	Não	Sim
Racionalização	Não	Sim	Sim	Não	Sim
Organização burocrática	Não	Sim e não	Sim	Não	Sim

Quantificação	Não	Não	Sim e não	Não	Sim
Recorde	Não	Não	Não	Não	Sim

Fonte: GUTTMANN, A. op. cit., cap. II, p. 54.

Conforme Guttman, algumas se apresentam em outras formas sociais anteriores, mas a busca do recorde é específica do esporte da era moderna. O autor, entretanto, não considera a comercialização do esporte – em sua espetacularização – como categoria intrínseca ao esporte moderno, uma vez que, em sociedades socialistas, essa característica não estaria presente, mas sim em nações capitalistas. O comércio do esporte existe em conformidade com a organização da sociedade em que ele se manifesta. Guttman, portanto, considera a comercialização do esporte como uma característica própria da sociedade capitalista e não do esporte moderno em si, isto é, como se ele pudesse se eximir dessa característica social.

Ainda sobre a comercialização do esporte nessa sociedade, Guttman se contrapõe a alguns marxistas ao afirmar que o fato de o esporte se tornar uma mercadoria não pode convertê-lo em responsável pelos males causados por ele. Portanto, de acordo com o próprio Guttman, as trapaças nos resultados de jogos, o uso de drogas para aumentar a performance do atleta, a falta de acessibilidade do esporte para todos, o treinamento precoce etc. seriam externos ao esporte, incluídos nele desde outras determinações. Mas, poderíamos nos questionar: esses males causados pelo esporte moderno, que Guttman assinala, seriam decorrentes da própria comercialização? Se o esporte é considerado uma mercadoria e precisa ser comercializado de acordo com a lógica do capital, tais males se fazem necessários para a sua expansão a qualquer custo?

Para finalizar nossa interpretação das ideias de Guttman acerca do esporte moderno, o autor atribui à razão, à cientificidade, ao pensamento racional¹⁰, próprio da sociedade capitalista, a expressão “moderno” para o esporte. Tais atributos se expressam pelas sete tendências apresentadas por ele. Entretanto, para o autor, não apenas a razão predomina no esporte moderno. A emoção, o instinto esportivo, expresso na busca incessante do recorde, está presente no esporte

¹⁰Tal pensamento, segundo a teoria Weberiana, é causado pela transição da sociedade medieval para a sociedade capitalista, por isso promoveu uma mudança radical no pensamento dos homens.

causando um paradoxo entre razão e emoção¹¹. Devemos observar que o recorde é a tendência específica do esporte moderno, segundo Guttmann, e é exatamente nela que a emoção se manifesta com maior intensidade. Na visão de Proni (1998, p. 29-30),

Apesar de notadamente fértil e relevante, consideramos haver uma limitação na interpretação de Guttmann, inerente ao modelo explicativo por ele utilizado. Porque, ao eleger a transição da sociedade tradicional para a moderna como referência para a identificação dos atributos modernos do esporte, ele não vai além de apontar esse paradoxo, que na verdade é um traço característico da nossa organização social. Ou seja, a sociedade moderna traz em si essa dupla polaridade: razão e emoção. Os indivíduos que compõem a sociedade moderna estão frequentemente tendo que lidar com este conflito insolúvel: agir guiado por decisões racionais ou se deixar levar por sentimentos e impulsos instintivos.

As considerações dos autores analisados sobre o esporte possuem certas similaridades. Ambos reconhecem que o esporte é uma prática social milenar, presente em diversos períodos históricos-sociais existentes no processo histórico da humanidade. Tal interpretação justifica o termo moderno ao esporte com o argumento de que essa característica se encontra apenas no esporte da sociedade capitalista. Para Mandell, o elemento comum que o faz considerar a existência do esporte nas diferentes formações societais é a competição. Portanto, as práticas corporais desenvolvidas historicamente pela humanidade em que as pessoas competem umas contra as outras são consideradas esporte. Em Guttmann também encontramos a interpretação de que o esporte sempre existiu, mas de acordo com o tipo de sociedade em que

¹¹ Sem considerar a perspectiva dialética na análise psíquica do ser humano, tal dualidade chegará, de fato, a um paradoxo entre razão e emoção. Nesse sentido, não há possibilidade de compreender a relação entre os dois polos. Em uma relação dialética, razão e emoção se inter-relacionam, em unidade. Ao analisarem essa dualidade, Rubinstein (1965) e Davíдов (1988) afirmam que o psiquismo humano se constitui na interação entre atividade interna e atividade externa. Tal interação desenvolve a razão (consciência) e a emoção (impulso).

ele se manifesta, possui característica diferente. Significa dizer que, dependendo do tipo de organização social em que está inserido, o esporte se manifesta de uma determinada maneira. No caso do esporte moderno, essa prática social se assemelha com a própria organização social estabelecida, a sociedade capitalista. Dentre as sete tendências assinaladas por Guttmann, o recorde se apresenta na especificidade do esporte moderno garantindo o espetáculo e, conseqüentemente, contribui para a expansão do capital. Sendo assim, é na sociedade capitalista que a espetacularização se faz presente e sempre tende a se fazer, em todos os campos sociais, inclusive no esporte, para a produção e reprodução do capital.

Na próxima seção apresentamos autores que compreendem o esporte como especificidade da sociedade moderna. Portanto, diferentemente de Mandell e Guttmann, os autores estudados a seguir avaliam que há uma ruptura entre as práticas corporais dos períodos históricos passados – as quais consideram jogos – e a prática corporal específica da modernidade, o esporte.

3.2 A TRANSIÇÃO DOS JOGOS POPULARES AO ESPORTE NA SOCIEDADE MODERNA

Passemos, então, a expressar a interpretação de Norbert Elias (1897-1990) e um de seus principais colaboradores, Eric Dunning, a partir da obra *A Busca da Excitação* (1992). Nesse estudo, especificamente no capítulo III, intitulado “A gênese do desporto: um problema sociológico”, Elias expressa seu entendimento acerca do esporte considerando-o como uma forma de aliviar o estresse, as tensões provocadas pela atividade de trabalho das pessoas. Portanto, o autor qualifica o esporte uma “válvula de escape”, em forma de recreação, dos condicionantes hostis que a organização social impõe às pessoas. O esporte torna-se um instrumento para liberar emoções reprimidas em outras situações da vida social. Sendo assim, propicia importante momento de relaxamento e alívio para seus praticantes. Sobre essa ideia, Proni (1998, p. 31) assinala que,

Para ilustrar sua proposição, Elias toma o futebol como um exemplo de progressiva conformação das regras do jogo à necessidade de dosar e simultaneamente estimular as tensões resultantes de um combate fictício. Ou melhor, um exemplo de como as modalidades esportivas só alcançam

sua "maturidade", no contexto de uma sociedade "civilizada", quando encontram o desejável equilíbrio entre o prazer de competir e o controle dos instintos.

Para Elias, o esporte ocorre por um processo civilizador, ou seja, como uma necessidade social, justamente na transformação das sociedades ocidentais, em que se requisita desenvolvimento de práticas culturais capazes de liberar as tensões provocadas pelo novo modo de organização social.

De acordo com Stigger (2011, p. 21), Elias e outros autores

(...) afirmam que muitos tipos de esporte, praticados atualmente e de maneira bastante similar por todo o mundo, tiveram sua origem na Inglaterra. Eles defendem que já no século XVIII começou o que denominaram de um "processo de esportivização" dos passatempos populares.

Podemos perceber que, diferentemente dos autores analisados anteriormente (Mandell e Guttman), Elias concebe o esporte como uma prática corporal específica da sociedade moderna. Ou seja, surge na sociedade capitalista a partir de outras práticas corporais que ele chama de passatempos populares¹². Sendo assim, o autor não considera as práticas antecessoras do esporte como outras formas de esporte, atribuindo tal nomenclatura apenas na sociedade do capital.

Elias sustenta esse argumento ao diferenciar as práticas corporais antecessoras do esporte moderno pelas características distintivas de ambos.

A partir de um exame mais profundo, não é difícil verificar que os concursos de jogos da Antiguidade Clássica, que são representados com frequência como paradigma do desporto, possuíam numerosas características importantes e progrediram sob condições que eram muito diferentes das que distinguem os nossos próprios concursos de jogos. O *ethos* dos concorrentes, as regras das provas e os próprios desempenhos

¹² Vale ressaltar que Elias, embora admita que o esporte tenha surgido a partir de passatempos populares, considera que essa nova prática corporal não deixa de ser um tipo de passatempo.

diferem nitidamente, em muitos aspectos, dos que são característicos do desporto moderno. Muitos dos escritos relevantes de hoje apresentam uma forte tendência para minimizar as diferenças e aumentar as similaridades. (ELIAS, 1985, p. 195, *itálico do autor*).

Proni (1998, p. 32), ao analisar a gênese do esporte moderno, aponta que Elias

(...) interpreta o surgimento do esporte na era moderna não como uma reedição de tradições gregas (ou romanas), mas como um processo cultural de "esportização" de atividades lúdicas que implicam esforço físico, processo cuja dinâmica dá origem a um conjunto de práticas sociais completamente distintas de suas possíveis antecessoras. A "esportização" de competições físicas é o correspondente no âmbito do lazer do processo civilizatório que se verifica na política inglesa (criação do Parlamento) e no convívio social (regras de etiqueta). Nesse sentido, a transformação de atividades recreativas em modalidades esportivas é um dos componentes de uma profunda mudança nos hábitos e nos valores de toda uma civilização.

Elias admite que o termo *sport* já era adotado no século XVIII pelas classes altas para designar passatempos como a caça à raposa, as corridas de cavalo, o pugilismo, entre outros. Cerca de meio século depois, na Inglaterra, o futebol, por exemplo, passou a ser designado como um esporte, sendo um passatempo das classes médias e dos trabalhadores. Em relação à caça a raposa, Elias observa que essa prática “fornece um quadro vivo de um dos primeiros estágios do desenvolvimento do desporto e pode assim contribuir para uma melhor compreensão da gênese e das características do desporto em geral” (ELIAS, 1985, p. 47).

Outra consideração de Elias a respeito do surgimento do esporte é a não aceitação de que essa prática cultural seja oriunda de nexos causais como a mudança estrutural da sociedade a partir da urbanização e industrialização. Para ele, a mudança estrutural da sociedade não

determina quais práticas culturais surgirão. Em oposição a essa ideia, Elias, segundo Proni (1998, p. 33),

(...) propõe pensar tanto a transformação das forças produtivas como a constituição do esporte moderno como processos correlatos, expressões de um movimento mais geral, um longo processo de regulação e diferenciação das relações sociais, que aumenta paulatinamente a teia de interdependências humanas.

Relativamente a esse aspecto, Alexandre Vaz (2005) faz uma análise das críticas de Elias e Dunning acerca das considerações da Teoria Crítica do Esporte, a qual tem, entre os principais teóricos, Rigauer e Brohm. Para os sociólogos Elias e Dunning, considerar a Revolução Industrial o principal causador do surgimento do esporte seria simplificar um processo demasiadamente complexo. Vaz (2005, p. 13-14) avalia que

Para Dunning (1999), os aspectos econômicos do fenômeno estariam por demais acentuados na Teoria Crítica do Esporte. As transformações sociais, das quais o esporte seria fruto, teriam nascido de uma combinação de aspectos, dentro dos quais tanto desenvolvimentos políticos quanto normativos teriam tido um papel muito importante, deixando seus respectivos habitus demarcados. Seria, todavia, uma simplificação procurar as raízes do esporte exclusivamente no contexto do capitalismo.

Portanto, de acordo com Vaz (2005, p. 16), no que se refere às críticas lançadas por Elias “é correto dizer que o esporte não é apenas um produto da sociedade capitalista, mas uma marca da modernidade, também em sua versão ‘socialista’”.

Em síntese, o surgimento do esporte, para o autor em análise, provém de um processo de transformação sociocultural mais geral, que abarca a mudança da personalidade das pessoas, o estilo de vida e as relações sociais, seja no trabalho, no lazer, nos negócios, na política etc. (PRONI, 1998).

Identificamos o pensamento de Elias acerca do esporte expresso tanto nas compreensões de diversos professores de Educação Física

quanto no próprio trato pedagógico destes professores. A utilização do esporte como forma de aliviar tensões, de amenizar o estresse muitas vezes causado em situações da vida social como o trabalho e, nesse sentido, assumindo a função de atividade recreativa é, para muitos, a própria função social do esporte. Como consequência, esse novo “hábito” social se transforma em estilo de vida de muitas pessoas que passam a considerá-lo um modo de vida saudável, capaz de “curar” os desgastes físicos e mentais.

Vale destacar que o autor afirma que esse processo sucedeu pela transformação sociocultural, que teria causado uma mudança no próprio modo de ser das pessoas, com adesão a um estilo de vida diferente, que encontra no esporte um meio de satisfazer necessidades oriundas desse processo de transformação mais abrangente.

Percebemos, atualmente, que muitos adeptos “desse” esporte “antiestresse” o consideram como a causa da mudança de hábito e forma de vida, o que provoca uma alteração na própria personalidade. Entretanto Elias chama a atenção, em suas reflexões, ao fato de que não é o esporte o causador dessa mudança, mas a própria organização da sociedade que impõe novas necessidades à vida social. Assim, os sujeitos procuram atividades que possam suprir essas necessidades. Nesse caso, o esporte se coloca como uma das principais alternativas.

No âmbito escolar, essa “função” do esporte se expressa fortemente no seu trato pedagógico nas aulas de Educação Física. É possível perceber que essa prática cultural, capaz de aliviar tensões e emoções reprimidas, é transmitida aos alunos quando se estabelece como uma das finalidades que eles adquiram a constância de exercitarem-se após saírem da escola e entrarem no mercado de trabalho. Contudo, parece-nos que não se trata apenas do “pós” período escolar, mas de uma ideia repassada também durante o próprio período. É corriqueiro ouvirmos na escola por parte dos agentes que a compõem, inclusive dos próprios professores, caracterizarem as aulas de Educação Física como a disciplina que pode aliviar as tensões provocadas pela sala de aula. Ou seja, como a disciplina que propicia um momento de relaxamento aos alunos. É curioso que, para aqueles que compartilham desta “função” da Educação Física, a prática hegemônica que efetiva tal finalidade seja o esporte.

Na interpretação do sociólogo Pierre Bourdieu, em sua obra *Questões de Sociologia* (2003), o esporte é uma prática corporal específica da modernidade. Sua interpretação o coloca no grupo de autores que afirmam a existência de uma ruptura entre as práticas corporais das sociedades precedentes e o esporte da sociedade moderna.

Para auxiliar na compreensão de sua interpretação analisamos a obra em questão, em que Bourdieu questiona a existência de um espaço onde se produzem os “produtos esportivos” socialmente determinados e aceitáveis em algum momento, como as pessoas consomem esses produtos, como prática ou como espetáculo.

Quando Bourdieu (2003) se atém aos aspectos históricos do esporte, ele defende que esse fenômeno está intimamente ligado às determinações estruturantes da sociedade, ou seja, há em sua origem uma marcante distinção de classe. Para o autor, o esporte é uma “reinvenção” dos jogos populares, os quais apresentavam características vulgares, pois se manifestavam nas classes inferiores. Por sua vez, o esporte, podemos dizer, se apresentava com certa superioridade, pois era destinado às elites inglesas. Para o autor, o esporte enquanto prática corporal específica da sociedade capitalista surge na Inglaterra.

Interessante destacar que Bourdieu considera que foi nas instituições de ensino destinadas à aristocracia e à burguesia inglesa que ocorreu essa reinvenção.

Parece indiscutível que a passagem do jogo ao esporte propriamente dito tenha se realizado nas *grandes escolas* reservadas às “elites” da sociedade burguesa, nas public schools inglesas, onde os filhos das famílias da aristocracia ou da grande burguesia retomaram alguns jogos populares, isto é, vulgares, impondo-lhes uma mudança de significado e de função muito parecida àquela que o campo da música erudita impôs às danças populares, bourrées, gavotas e sarabandas, para fazê-las assumir formas eruditas como a suíte. (BOURDIEU, 2003, p. 185, itálico do autor).

Esse fato, de modo algum, sugere a extinção dos jogos populares. Porém, segundo o autor, a passagem do jogo ao esporte contribuiu para a divisão de classes, fazendo com que as práticas dos esportes não fossem realizadas nos mesmos locais que os jogos. Esses ainda conservavam características sociais, religiosas e históricas.

Para caracterizar os princípios desta transformação, pode-se dizer que os exercícios corporais da “elite” foram separados das ocasiões sociais ordinárias às quais os jogos populares

permaneciam associados (festas agrárias, por exemplo) e desprovidos das funções sociais (e, a fortiori, religiosas) ainda ligadas a vários jogos tradicionais (como os jogos rituais praticados em muitas sociedades pré-capitalistas em certas passagens do ano agrícola). (BOURDIEU, 2003, p. 185).

É nas escolas onde os exercícios corporais da elite eram praticados de maneira “desinteressada”, lugar em que esse pequeno grupo de pessoas mantém uma relação neutra e distante do mundo social, e suas atividades têm um fim em si mesmas. Foi nessas instituições que a sistematização dessa nova prática corporal, chamada esporte, se colocava como necessidade. A criação de regras fixas e universais se impõe no momento que essas instituições começavam a disputar os esportes entre si. De acordo com Bourdieu (2003, p. 186),

A autonomia relativa do campo das práticas esportivas se afirma mais claramente quando se reconhece aos grupos esportivos as faculdades de auto-administração e regulamentação, fundadas numa tradição histórica ou garantidas pelo Estado: estes organismos são investidos do direito de fixar as normas de participação nas provas por eles organizadas, de exercer, sob o controle dos tribunais, um poder disciplinar (exclusões, sanções, etc.), destinado a impor o respeito às regras específicas por eles editadas; além disso, podem conceder títulos específicos, como os títulos esportivos ou, como na Inglaterra, os títulos de treinadores.

Nesse processo, o esporte serve também para formar o próprio caráter da classe social dirigente, criar corpos viris, homens corajosos e com extrema vontade de vencer. Tudo isso ocorre de maneira nada vulgar, mas sim no sentido cavalheiresco; vencer sempre o adversário, mas sem deixar de apertar sua mão ao final de cada disputa. É no esporte que se intensifica a moral burguesa da iniciativa privada. Bourdieu nos ajuda a compreender o aspecto moral do qual a burguesia se beneficia por meio do esporte.

Em suma, sem dúvida não poderíamos esquecer que a definição moderna do esporte,

frequentemente associada ao nome de Coubertin, é parte integrante de uma "idéia moral", isto é, de um ethos das frações dominantes da classe dominante realizado através das grandes instituições de ensino privado, destinadas prioritariamente aos filhos dos dirigentes da indústria privada, como a École des Roches, concretização paradigmática deste ideal. (BOURDIEU, 2003, p. 188).

É necessário compreender que o esporte, nas instituições das classes dominantes, marca a formação de um novo homem burguês. As práticas corporais, principalmente os esportes viris, como o rugby, contribuem para a formação de caráter, intensificam a moral burguesa e o espírito de liderança e coragem. Isso faz com que, no seio da própria classe dominante, haja disputas entre as frações da classe, burgueses e pequenos burgueses e, claro, disputas entre as próprias classes antagônicas. A classe dominante, portanto, utiliza o esporte como ferramenta para a luta de classes e para a luta entre as frações de sua própria classe.

Em vista disso, Bourdieu interpreta o esporte como prática social que modifica a constituição moral e física do homem burguês e como objeto de luta entre frações da classe dominante e das próprias classes sociais. Isso auxilia no entendimento de como se formaram os “especialistas” do universo esportivo. Especialistas que vivem direta ou indiretamente dessa prática, desde os praticantes de um determinado esporte (atletas) até os produtores e vendedores de bens (equipamentos, vestimentas, etc.) e serviços (professores, técnicos e jornalistas esportivos, médicos especialistas, etc.), entre outros. O autor, portanto, trata o esporte como um campo em que esses agentes disputam

(...) o monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo – de elite – e esporte popular – de massa – etc.; e este campo está ele também inserido no campo das lutas pela definição do corpo legítimo e do uso legítimo do corpo, lutas que além de oporem entre si treinadores, dirigentes, professores de ginástica e outros comerciantes de bens e serviços esportivos, opõem também os moralistas e particularmente o

clero, os médicos e particularmente os higienistas, os educadores no sentido mais amplo – conselheiros conjugais, dietistas, etc. –, os árbitros da elegância e do gosto – costureiros, etc. (BOURDIEU, 2003, p. 189).

Bracht (2005) destaca, na leitura de Bourdieu, os processos econômicos, determinantes na expansão do acesso ao esporte, antes reservado aos amadores. Segundo o autor,

Bourdieu (1986) afirma que a passagem do esporte enquanto uma prática reservada à elite (para amadores), para o esporte-espetáculo, produzido por profissionais para as massas esportadoras, tem sido determinado por processos econômicos, os quais alteraram as relações de poder no interior desse campo. (BRACHT, 2005, p. 53)

Mas qual a interpretação do autor sobre a massificação do esporte? Como uma prática reservada à elite pode transcender a fronteira de classes? Bourdieu compreende que essa transição está no fato de que as *public schools* “viram nos esportes um meio de ocupar a menor custo os adolescentes que estavam sob sua responsabilidade em tempo integral” (BOURDIEU, 2003, p. 194). De fato, não podemos desconsiderar que o esporte possui a característica de “acalmar”, “distrair” seus praticantes, fazendo-os se entreterem na prática esportiva e, por alguns momentos, esquecerem seus problemas.

Os adolescentes das grandes escolas inglesas dedicavam-se a ele em tempo integral, de maneira desinteressada do mundo social. Nesse ambiente, o esporte serviu para distraí-los, “controlá-los”. A pergunta que se apresenta é: por que não usá-lo para controlar a massa?

Sem dúvida, esta é uma das chaves da divulgação do esporte e da multiplicação das associações esportivas que, originalmente organizadas sobre bases beneficentes, progressivamente foram recebendo o reconhecimento e a ajuda dos poderes públicos. Este meio extremamente econômico de mobilizar, ocupar e controlar os adolescentes estava predisposto a se tornar um instrumento e um objeto de lutas entre todas as instituições total ou parcialmente organizadas para

a mobilização e a conquista política das massas e que ao mesmo tempo competiam pela conquista simbólica da juventude – partidos, sindicatos, igrejas, é claro, mas também padrões paternalistas. Preocupados em assegurar um envolvimento contínuo e total da população operária, estes últimos ofereceram muito cedo a seus assalariados, além de hospitais e escolas, *estádios e outros estabelecimentos esportivos*. (BOURDIEU, 2003, p. 194, itálicos nossos).

A relação entre amadorismo e profissionalismo evidencia como o esporte se desenvolve nas classes sociais antagônicas. O profissionalismo do esporte, no interior do campo dessas práticas esportivas, garantiu o acesso das massas ao esporte, porém na forma de consumo. Surge, assim, o esporte espetáculo, produzido por profissionais. Se no amadorismo o esporte era restrito à elite, no profissionalismo ele retorna ao povo em forma de espetáculo.

Em suma, o esporte, que nasceu dos jogos realmente populares, isto é, produzidos pelo povo, retorna ao povo, como a folk music, sob a forma de espetáculos produzidos para o povo. O esporte espetáculo apareceria mais claramente como uma mercadoria de massa e a organização de espetáculos esportivos como um ramo entre outros do show business, se o valor coletivamente reconhecido à prática de esportes (principalmente depois que as competições esportivas se tornaram uma das medidas da força relativa das nações, ou seja, uma disputa política) não contribuísse para mascarar o divórcio entre a prática e o consumo e, ao mesmo tempo, as funções do simples consumo passivo. (BOURDIEU, 2003, p. 191).

As questões citadas no início da exposição da interpretação de Bourdieu obtêm respostas a partir do momento em que compreendemos o processo de desenvolvimento do esporte. Para o autor, o campo em que se produzem os “produtos esportivos” surge na profissionalização do esporte. Nele diversos “agentes”, direta ou indiretamente, se relacionam e vivem do esporte. Esse campo, constituído socialmente, possibilitou o consumo do esporte, os “consumos esportivos”. Mas, para

o autor, quais as possibilidades de consumo dessas práticas esportivas? O consumo desses produtos depende das condições econômicas.

Tudo permite, portanto, supor que a probabilidade de praticar os diferentes desportos depende, em graus diferentes para cada desporto, do capital econômico e secundariamente do capital cultural e do tempo livre; isto por intermédio da afinidade que se estabelece entre as disposições éticas e estéticas associadas a uma posição determinada no espaço social e ganhos que, em função destas disposições, parecem prometidos para os diferentes desportos. (BOURDIEU, 2003, p. 199)

Encontramos em Bourdieu uma visão de esporte diferente dos autores anteriormente analisados. Para ele, as relações sociais da época, a dinâmica dos complexos sociais contribuíram para a constituição do esporte como um elemento de distinção de classes sociais. Nesse sentido, em um processo dialético, quanto mais a elite praticava seus esportes preferidos, mais esses se classificavam como esportes de elite, ao mesmo tempo, mais a elite os praticavam. Ao iniciar no interior das grandes escolas – a partir da reinvenção dos jogos populares –, o esporte se constitui como interessante forma de afirmar a moral burguesa. Além disso, reforça o espírito competitivo, a vontade de vencer, o “instinto” de liderança, próprio dessa sociedade. Também se caracteriza como ferramenta para canalizar as energias dos jovens aristocratas e burgueses da época. Este último aspecto Bourdieu compreende como um dos motivos da massificação do esporte. Sua hipótese é de que, se o esporte tinha o poder de distrair, controlar aqueles jovens “desinteressados”, também seria usado para o controle da própria massa operária.

Esse processo – dialético – faz com que a prática do esporte se divida entre amadores e profissionais. Para não perder o seu caráter elitista, algumas práticas como o tênis, o golfe, o remo, permanecem restritos à elite, uma vez que carregam em si modos de comportamento característicos do famoso *gentleman*. Por outro lado, a profissionalização do esporte permite o acesso dele mesmo às classes inferiores, em que o futebol se torna um esporte de massa. Não é à toa o aparecimento de campos de futebol em diversas fábricas inglesas. Na sua profissionalização, inicia a constituição de um campo de especialistas, de “agentes” que produzem e consomem os “produtos esportivos” devido à própria expansão dessa prática na sociedade em forma de consumo. Enquanto para a elite (amadores) o esporte era

apenas uma prática (esporte-prática), por meio dos profissionais o esporte tornou-se um produto esportivo (esporte-espetáculo) e, portanto, precisa ser consumido.

Passamos à interpretação do esporte por Eric Hobsbawm (1917-2012). O historiador marxista é autor de diversas obras, entre as quais destacamos neste estudo *A Era dos Impérios* e *A invenção das tradições*, este último em coautoria com Terence Ranger. Hobsbawm considera o esporte como prática social originada na sociedade capitalista e, assim como Bourdieu, prática que surge a partir de jogos populares. Em um dos capítulos¹³ de sua obra *A Era dos Impérios*, Hobsbawm cita o esporte como prática social criada na Inglaterra, que serviu como distinção de classe. Interessante a interpretação do autor que buscava a compreensão de “quem era quem” nas classes sociais.

Todos exigiam que se preenchessem duas condições: deviam distinguir claramente os membros da classe média dos das classes operárias, dos camponeses e de outros ocupados em trabalhos manuais, e deviam apresentar uma hierarquia de exclusividade, sem afastar a possibilidade de o candidato galgar os degraus da escadaria social. Um estilo de vida e uma cultura de classe média era um desses critérios; uma atividade ociosa e especialmente a nova invenção, o esporte, era outro; mas o principal indicador do pertencimento de classe crescentemente veio a ser, e ficou sendo, a educação formal. (HOBSBAWM, 1988, p. 245).

Nessa passagem, fica evidente que o acesso à prática do esporte torna-se critério para distinguir “quem era quem”. Como consequência, segundo Hobsbawm (1988, p. 255-256), o esporte assume em sua gênese um critério de distinção de classe social. “Em seu início, sua forma moderna foi associada especialmente à classe média e não necessariamente à classe alta”. Nesse caso, a prática do esporte estava restrita àqueles, cuja classe dispunha de tempo livre. No entanto, tinham acesso ao esporte, pessoas que frequentavam a educação formal, as grandes escolas.

¹³ “*Quem é quem ou as incertezas da burguesia*”. HOBSBAWM, E. J. *A era dos impérios*, cap. 7, pp. 233-269.

De acordo com Hobsbawm (1997, p. 301), “a educação no século XIX tornou-se o mais conveniente e universal critério para determinar a estratificação social”. Ter acesso apenas à educação primária classificava a pessoa como pertencente às classes inferiores. Para ser considerada como parte das classes médias e adquirir o status como tal, era preciso acessar à educação secundária quando atingisse a idade de 14 a 16 anos. Ter acesso à educação superior classificaria a pessoa como pertencente à alta classe média e outras elites (HOBSBAWM, 1997, p. 301).

Aí está um dos critérios na distinção de classes: a disponibilidade para estar durante um longo período de tempo “indisponível”. Frequentar essas escolas significava dispor de seu tempo à atividade ociosa, livre de trabalho. Mas essa realidade não perdurou muito tempo. Pilatti (1999, p. 7) explica que

No findar do século, a educação formal havia se expandido de forma ampla. O que, para a “genuína classe média alta” da época, proporcionava novos problemas. Por um lado, a expansão do sistema educacional deixou de oferecer emblemas de status suficientemente exclusivos. De outro, a grande burguesia precisava manter abertas suas portas de acesso, ou seja, não podia se separar formalmente de suas classes inferiores.

De fato, a classe média da época, desejosa por pertencer à classe alta a todo custo – nada diferente da classe média do século XXI – precisava, para tal objetivo, elevar-se diante das classes inferiores para manter seu status de superioridade. Não se admitia, naquela época – e nem hoje – confundir-se com a classe operária. A ampliação do acesso à educação formal – especialmente às escolas secundárias – para outras classes permitia a possibilidade de diminuir a exclusividade do ambiente educativo formal da classe média. Logo, o esporte, prática exclusiva dos “exclusivos”, seria praticado por outras classes, o que o faz perder sua característica de prática de elite, o critério de exclusividade.

Tal situação – a expansão do acesso à educação formal e, consequentemente, à prática esportiva para as classes inferiores – fez com que surgisse a divisão entre amadores e profissionais na prática do esporte para que, de certa forma, se mantivesse a distinção de classes. O futebol foi um exemplo de esporte que proporcionou acesso a sua prática pela classe operária. Hobsbawm (1988, p.256) nos esclarece:

Os novos esportes abriram caminho até a classe operária, e, mesmo antes de 1914, alguns deles eram entusiasticamente praticados por operários – havia, na Inglaterra, talvez um milhão de jogadores de futebol – que eram observados e seguidos com paixão por grandes multidões. Este fato incorporou ao esporte um critério de classe próprio, o amadorismo, ou antes, a proibição ou a estrita segregação da casta dos "profissionais". Nenhum amador poderia distinguir-se de modo genuíno nos esportes, a não ser que pudesse dedicar a eles mais tempo do que os operários dispunham, exceto se fossem pagos. Os esportes que se tornaram mais característicos das classes médias, como o tênis, o rúgbi, o futebol americano – ainda um jogo dos estudantes de faculdade, apesar do esforço que exige – ou os ainda não desenvolvidos esportes de inverno, todos eles obstinadamente rejeitaram o profissionalismo.

Em suma, os amadores das classes médias praticavam modalidades esportivas diferenciadas dos “profissionais” das camadas inferiores.

No capítulo intitulado “A produção em Massa das Tradições: Europa, 1879 a 1914”¹⁴, Hobsbawm e Ranger analisam algumas tradições inventadas no velho continente. Afirmam que os esportes de massa e os esportes da classe média continham características sociais e políticas em suas invenções.

A profissionalização do esporte, para a classe operária, se constituiu como uma tradição à medida que adotava cada vez mais essa prática, especialmente o futebol, que se tornou uma espécie de “culto proletário”, segundo as palavras dos autores.

A adoção dos esportes, principalmente o futebol, como culto proletário de massa é igualmente confusa, porém sem dúvida igualmente rápida. Neste caso é mais fácil estabelecer uma cronologia. Entre meados da década de 1870, no mínimo, e meados ou fim da década de 1880, o

¹⁴ Este capítulo encontra-se no livro *A invenção das tradições*, de Eric Hobsbawm e Terence Ranger, 1997.

futebol adquiriu todas as características institucionais e rituais com as quais estamos familiarizados: o profissionalismo, a Confederação, a Taça, que leva anualmente em peregrinação os fiéis à capital para fazerem manifestações proletárias triunfantes, o público nos estádios todos os sábados para a partida do costume, os “torcedores” e sua cultura, a rivalidade ritual, normalmente entre facções de uma cidade ou conturbação industrial (Manchester City e United, Notts County e Forest, Liverpool e Everton). (HOBSBAWM, 1997, p. 296).

O futebol, inicialmente praticado por amadores das classes médias em escolas secundárias particulares e formador de caráter, agora se proletariza. Passa também a ser o esporte da classe operária, do proletariado, portanto, se profissionaliza. (HOBSBAWM, 1997, p. 297).

Igualmente são considerados como esportes de massa o boxe e o ciclismo. O boxe é típico de classes baixas, uma vez que seus praticantes se localizam em áreas de risco, onde a dominação de seus próprios corpos, para garantir sua sobrevivência, se coloca como uma necessidade. Também é característico de operários com condições de trabalho nitidamente mais duras, como os mineiros. O ciclismo, com proporção mais continental, tornou-se da mesma forma um esporte de massas, com ciclistas profissionais, em sua maioria operários, e com campeonatos profissionais na França, Itália, Suíça e Bélgica. Esse esporte ganhou popularidade, segundo Hobsbawm, devido ao interesse comercial dos fabricantes e interesses publicitários.

A interpretação sistemática de Hobsbawm nos ajuda a compreender, pela sua análise histórica, o esporte como prática social utilizada na distinção de classes. A carga social e política das tradições inventadas, entre elas o amadorismo e o profissionalismo do esporte, deixa-nos claro que o acirramento da luta de classes na época era gritante. O aspecto social do esporte da classe média “representava uma tentativa mais espontânea de traçar linhas de classes que isolassem as massas, principalmente pela ênfase sistemática do amadorismo como critério de esporte de classe média e alta” (HOBSBAWM, 1997, p. 308-309).

Uma das formas como se constituiu a linha de classes vinculada ao aspecto da distinção foi a “rígida separação entre o amadorismo, o critério de esporte entre as camadas superiores, e o profissionalismo, seu

corolário lógico entre as classes baixas urbanas e operárias” (HOBSBAWM, 1997, p. 314).

Não muito diferente de Bourdieu, a interpretação de Hobsbawm expressa o esporte como ferramenta de distinção de classes. Para esses autores, ele é uma reinvenção dos jogos populares, vestidos com as roupagens características da elite. De fato, o esporte se restringe às classes dominantes no seu surgimento. Tal restrição se deve ao ambiente de sua gênese, na educação escolar (grandes escolas públicas) destinada às classes médias e altas, na Inglaterra. Entretanto, no processo de desenvolvimento da sociedade, surgiram novas necessidades. Uma delas foi a expansão dessa nova prática social às camadas inferiores, a classe operária. Isso não ocorreu de maneira natural, como sugere boa parte dos teóricos idealistas, bem como não advém da “boa ação” da classe dominante para com a classe operária da época. Longe disso. Vem de uma necessidade social, isto é, do próprio capital, para a continuidade de seu processo sociometabólico de expansão.

No acesso das camadas inferiores e para não perder o caráter distintivo de classes, a prática do esporte realiza com a divisão entre amadores e profissionais. O primeiro restrito às classes dirigentes da sociedade; o segundo destinado às classes subalternas, porém em forma de mercadoria. Exemplo dessa profissionalização ocorre com o futebol, tornando-se esporte de massas, ou melhor, uma *mercadoria acessível* ao *consumo* das massas.

Na intenção de contribuir na análise dos dados obtidos nas entrevistas julgamos importante expor, ainda que brevemente, as considerações de dois autores da Teoria Crítica da Escola de Frankfurt que se propuseram a estudar o esporte: Jean-Marie Brohm e Gerhard Vinnai.

As observações que serão expostas se referem à forma com que o esporte se apresenta em nossa sociedade. Vale dizer que, para eles, o esporte também é fruto da era moderna.

Ambos os autores afirmam que o esporte reflete a estrutura da sociedade capitalista industrial. Brohm (in. BETTI, 1997, p. 182) classifica o esporte em três níveis:

O primeiro diz respeito às estruturas e relações sociais objetivas nele implicadas. (...) condensa, de maneira específica e original, as características típicas das estruturas capitalistas: competição, hierarquia social, objetivação e medição da produção, divisão do trabalho, princípio do

rendimento; O segundo trata dos efeitos da atividade esportiva sobre o indivíduo, e da crítica à alienação esportiva. O esportista é um simples objeto, uma engrenagem submetida a uma organização esportiva; (...) O terceiro nível refere-se à ideologia política do esporte, ou seja, à crítica da mistificação esportiva. Enquanto superestrutura ideológica, o esporte tende à coesão da sociedade capitalista; tem a missão de dar uma resposta mistificadora aos problemas sociais de sua época, e insere-se na mistificação da "civilização do lazer e do bem-estar".

Como parte integrante do modo de produção capitalista, o esporte possui as características desse sistema. Desse modo, trata o atleta como uma simples parte da máquina capitalista, alienando-o. Por último, o esporte carrega um aporte ideológico que o faz ser considerado um elemento capaz de resolver problemas oriundos da própria organização social. Ou seja, torna-se um elemento mistificador, que promove lazer e bem-estar àqueles que o praticam.

Para Rigauer (in BRACHT, 2005), há uma relação entre esporte de rendimento e sociedade capitalista. Ele carrega as características inerentes do sistema, como: disciplina, autoridade, concorrência, rendimento, racionalidade técnica, organização e burocratização. Por sua vez, essas características “dominantes na sociedade capitalista industrial impregnam paulatinamente o esporte, principalmente o de rendimento”. (BRACHT, 2005, p. 33)

Além disso, Bracht (2005, p. 31) chama atenção para a função que o esporte possui na manipulação das massas. O esporte tem a capacidade de desviar a atenção da população, principalmente das questões políticas.

O interesse nas tabelas dos campeonatos, nos ídolos esportivos etc. impediria a formação da consciência política e o conseqüente engajamento político. Além disso, a prática do esporte levaria à adaptação às normas e ao comportamento competitivo, básicos para a estabilidade e/ou reprodução do sistema capitalista.

Para Vinnai (in BETTI, 1997, p. 182-183) o esporte reproduz as relações de trabalho, como produção, compensação e mercadoria. Além

disso, faz parte da indústria de entretenimento, mantendo sob controle o tempo livre da população.

Vale lembrar que para o autor o esporte, nos parâmetros deste modo de produção, faz com que trabalho e lazer não se distingam. Conforme expressa Betti (1997, p. 183) ao analisar o texto de Vinnai,

Trabalho e lazer não mais se distinguem, porque foram entrelaçados pelo capitalismo. O que pretende ser um jogo, segundo Vinnai, "reproduz, sob a aparência do livre desenvolvimento das forças, o mundo do trabalho".

Podemos dizer que o lazer se constitui em uma ação no complexo da atividade de trabalho dos indivíduos. Por isso, lazer e trabalho fariam parte de uma unidade e não dois momentos distintos e sem relação.

No trabalho, o sujeito não possui livre iniciativa, pois sua condição é de simples empregado. No esporte, essa condição se repete muito influenciada pelos meios de comunicação, mesmo em momentos de não trabalho. Ao assistir uma partida de futebol ou ler uma reportagem sobre qualquer outra modalidade, as opiniões já estão postas, restando ao espectador apenas aceitá-las (BETTI, 1997, p. 183).

Tal condição de determinação pelos meios de comunicação posta diante do ser social é assim expressa por Lukács (2010, p. 222):

Basta indicar o fato de como o atual capitalismo manipulado opera fortemente, com sua influência "regulamentada" do mercado de consumo e de serviços, com suas mídias de massa, no sentido de limitar as possibilidades de decisões genuinamente pessoais (propriamente com a ajuda da aparência propagandística em seu desenvolvimento máximo).

Outro aspecto destacado é a condição do atleta como mercadoria. Sob o domínio do capital, o atleta é comercializado como um produto, com elevados investimentos no mercado, bem como a venda de ingressos em eventos esportivos, espaços para divulgação de marcas e direitos de transmissão televisiva desses eventos. (BETTI, 1997, p. 183-184)

Percebemos que alguns destes aspectos encontram fundamento no discurso da televisão sobre o esporte, como a percepção aguda que tem o marxismo do esporte como mercadoria, do corpo como fetiche na publicidade, do atleta como força de trabalho explorada, do esporte profissional como ideologia da ascensão social. (BETTI, 1997, p. 184)

Sobre a questão ideológica, evidencia-se o discurso que afirma que o sucesso do atleta campeão provém de seus próprios esforços, dedicação e trabalho intenso. Portanto sua condição, agora, permite-lhe usufruir de uma vida de confortos permitidos a poucos pelo capital, graças ao seu talento. Casos assim são exaltados na mídia televisiva.

No programa de variedades, o craque do futebol é entrevistado: oriundo de família pobre, esforçou-se e treinou muito, e agora merece tudo que conseguiu – dinheiro, carro, mulher bonita – porque "chegou onde chegou graças ao talento". (BETTI, 1997, p. 184)

Bracht (2005) sublinha outro aspecto ideológico do esporte: a igualdade de chances. Essa suposta igualdade presente no esporte pretende se colocar como reflexo da própria sociedade, negando a existência das desigualdades de chances presentes no sistema capitalista. Desse modo, a suposta igualdade presente na particularidade do esporte condiz com a suposta igualdade presente na sociedade como um todo.

Brohm (in BETTI, 1997) chama atenção para a categoria de fetiche posta no esporte. A indústria esportiva usa o corpo como mercadoria, enaltece uma imagem de corpo perfeito, saudável, que se efetiva como resultado da prática do esporte, como se fosse independente das demais determinações sociais objetivas em que o sujeito vive, como: classe social, condições de trabalho, salário, alimentação, etc. Sendo assim, o corpo se transforma em uma coisa, se coisifica, projeta necessidades construídas socialmente e é vendido pela imagem do corpo perfeito, enaltificado pelos meios de comunicação. Eis o fetiche do corpo, o fetiche da mercadoria. A imagem do corpo, construído socialmente pela prática esportiva, parece ganhar vida própria. Segundo Betti (1997, p. 186)

A reificação da mercadoria toma, então, a forma de um fetichismo do corpo, e o próprio corpo torna-se um objeto manual e operacional integrado ao mundo das mercadorias. O corpo é exposto ao olhar, a cultura de massas é voyeurista-exibicionista. Desta "maneira fantástica", expressão que Brohm empresta à Marx, o valor de uso do corpo difere de seu valor de troca.

Nesse sentido, a mercadoria se coloca como categoria central nesse debate. Tudo tende a se transformar em mercadoria sob os ditames do capital. No caso do esporte, essa manifestação se apresenta em vários aspectos como reprodutora e determinante nesse processo. Apontamos que o aspecto ideológico do esporte possui importantes consequências para o ambiente pedagógico da Educação Física escolar. De fato, a ideia de que o esporte se constitui como forma de lazer apresenta-se nas aulas de Educação Física. Assim, o lazer (prática esportiva) é entendido com o significado posto anteriormente, como ação constituinte da atividade de trabalho, aliviando o “estresse” que dela deriva. Tal função, muitas vezes, é a própria finalidade da Educação Física. A prática do esporte nas aulas se constitui como ação da atividade de estudo, tendo o propósito de aliviar as tensões causadas dentro da sala de aula.

Expusemos até aqui, de forma sintética, como os autores abordam a origem e o desenvolvimento do esporte. Encontramos aqueles que o consideram uma manifestação presente em todos os períodos históricos-sociais existentes e outros que o compreendem como produto específico da sociedade capitalista.

Os primeiros, Mandell e Guttmann, utilizam o termo moderno (esporte moderno) para remetê-lo ao âmbito da sociedade moderna, com o argumento de que existiram outras formas de esporte em outras formas de organização social. Para Mandell, por exemplo, todas as práticas corporais que expressam certa competitividade são consideradas esporte. É esse o elemento de continuidade, a competição, que interliga no processo histórico todas essas práticas corporais. Em Guttmann o esporte, como processo de adaptação, reflete o modo de organização social de produção no qual ele está inserido. Desse modo, há uma adaptação dessa manifestação, o que modifica apenas o seu formato, mas seu conteúdo essencial permanece o mesmo. No caso do esporte moderno – seja nos esportes individuais ou coletivos – sua característica peculiar é o recorde, uma vez que na sociedade capitalista o rendimento

é condição *sine qua non* na geração de lucro. Como resultado temos a espetacularização do esporte e, como mercadoria, o esporte espetáculo é uma forma de obtenção de lucro.

Os segundos, Elias, Bourdieu e Hobsbawm concebem o esporte como produto particular da sociedade capitalista. Sem desconsiderar as especificidades das suas interpretações, para esses autores o esporte surge a partir de passatempos ou jogos populares, que são transformados no atual sistema social. Sendo assim, concordamos que esses autores expressam de maneira mais detalhada e concreta o processo evolutivo das manifestações da Cultura Corporal, como processo dialético de ruptura e transformação por superação. No caso de Elias, o esporte surge na sociedade capitalista, especificamente na Inglaterra, como uma forma de atividade corporal capaz de aliviar as tensões provocadas pela própria organização social posta. As pessoas sentem a necessidade de se “exercitar” e criam o esporte para tal finalidade. Segundo Elias, isso levaria a uma mudança de hábito dos indivíduos, bem como transformaria sua própria personalidade. Em Bourdieu e Hobsbawm percebemos similaridades quando eles consideram o surgimento do esporte como uma necessidade para distinção das classes sociais. No início, como prática exclusiva da elite (amadores) da Inglaterra; posteriormente, expandindo seu acesso às classes inferiores (profissionais). Diante dessa divisão entre amadores e profissionais, alguns esportes, para não perderem suas características elitistas, ficaram restritos às classes dominantes. Os demais foram acessados pelas classes operárias, se profissionalizaram, se tornaram mercadoria e, como tal, consumidos pelas massas atendendo à lógica do capital.

Acreditamos que o percurso realizado até aqui tenha nos fornecido significativos aportes para capítulo seguinte, em que analisaremos o depoimento dos professores entrevistados, nos quais expressam suas compreensões do esporte em relação a esse processo.

4 O ESPORTE NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA: DIFERENÇAS E APROXIMAÇÕES

“A primeira condição para modificar a realidade consiste em conhecê-la” Eduardo Galeano

Neste capítulo apresentamos a análise dos dados obtidos junto aos professores efetivos de Educação Física do município de Criciúma. Esta pesquisa visou investigar a compreensão de esporte desses docentes. Focamos dois grupos: o primeiro inclui os que se formaram até 1990, e o segundo é constituído por aqueles que se formaram a partir de 2008. Um dos critérios de nossa pesquisa foi analisar a compreensão de esporte de professores que estão em início e final de carreira. Utilizamos, neste capítulo, as siglas IC para professores em Início de Carreira e FC para os que estão em Final de Carreira. Escolhemos os professores efetivos pelo fato de tal condição conferir-lhes certa estabilidade profissional, o que lhes possibilita realizar práticas pedagógicas em suas escolas com maior continuidade com os mesmos grupos de alunos ao longo dos anos. Ao mesmo tempo, oportuniza-lhes a busca por cursos de aperfeiçoamento, propiciando a ampliação de seus conhecimentos na área¹⁵.

Tais critérios são de grande importância para nosso objeto de pesquisa, pois buscamos explicitar até que ponto as compreensões de esporte dos dois grupos se aproximam ou se distanciam, e se isso se explicita, de alguma forma, como resultado da formação inicial¹⁶ dos professores.

¹⁵ Não temos condições de ir adiante nesse tema em nossa pesquisa dado o limite de tempo para a conclusão do mestrado que nos impõem as normativas nacionais, principalmente pelo Sistema Nacional de Avaliação da Pós-Graduação via CAPES. Porém, consideramos importante avançar nesse sentido para além dos trabalhos realizados por Vitório (2013), Dacoregio (2013) e Pinter (2013).

¹⁶ Temos clareza que as compreensões expostas não derivam apenas da formação inicial. Após a graduação, os professores puderam ter acesso a outros tipos de formações: pós-graduação, cursos de aperfeiçoamento, artigos e textos acadêmicos. Entretanto, nossa insistência à formação inicial é por considerarmos que essa especificidade se constitui, ainda, como a formação que permite aos acadêmicos o entendimento mais consistente da realidade, nesse caso, o entendimento do esporte de forma mais refinada.

Uma de nossas hipóteses era de que o grupo de professores em final de carreira apresentasse compreensões diferentes dos professores do outro grupo. Isso porque muitas elaborações teóricas sobre o esporte foram introduzidas nos cursos de formação no decorrer dos anos 1990. O grupo dos professores em início de carreira, formados após 2008, realizou sua formação inicial no contexto de ampla discussão nacional em torno do tema. Porém, não necessariamente tais produções estavam contempladas nas formações iniciais desses professores. O ponto em questão é que os professores formados recentemente puderam ter acesso a essas elaborações do esporte em suas formações iniciais. Por sua vez, aos professores formados até 1990 esse debate não se apresentava, pois ele era muito incipiente na formação dos professores de Educação Física brasileiros. A exceção fica para pequenos grupos de estudos em algumas faculdades, quase isolados. Portanto, apontamos as aproximações e/ou diferenças na compreensão de esporte destes professores.

Como apontado na introdução deste trabalho, a compreensão de esporte dos professores pode direcionar o seu trato pedagógico em suas aulas de Educação Física, todavia isso não se firma como regra. O que revelamos é se esses entendimentos expressam um conhecimento capaz de analisar o esporte para além das aparências imediatas, isto é, entendimentos que expressam um conteúdo teórico, ou se permanecem restritos ao conteúdo empírico do esporte. As elaborações teórico-pedagógicas do esporte, a partir da década de 1990 – principalmente a perspectiva Crítico-Superadora, de 1992 – são as que podem contribuir ou apontar o caminho para uma compreensão que ultrapasse as manifestações empíricas do esporte.

Para colhermos os dados da pesquisa, realizamos entrevistas semiestruturadas com os professores. Elaboramos cinco perguntas gerais referentes aos seguintes temas: a historicidade do esporte, a relação entre esporte e sociedade, a característica de competição do esporte, a formação de esporte na formação inicial dos professores e a compreensão de esporte como objeto de ensino nas aulas de Educação Física. Para Trivinos (1995, p. 146), tais perguntas “são resultados não só da teoria que alimenta a ação do investigador, mas também de toda a informação que ele já recolheu sobre o fenômeno social que interessa”. A partir das respostas dos professores no decorrer das entrevistas, elaboramos outras questões relacionadas com o tema de cada pergunta

Em contra partida, os estudos anunciados dos autores na nota de rodapé 15 afirmam que as formações continuadas se apresentam, ainda hoje, de forma incipiente.

geral para que pudéssemos explorar, ao máximo, a compreensão acerca dele.

A seguir expomos analiticamente os dados da pesquisa, começando pelo tema da historicidade do esporte. Nossa exposição buscou expressar as compreensões dos dois grupos de professores entrevistados. Sendo assim, sinalizamos as aproximações e diferenças existentes em tais grupos em relação aos temas em questão.

4.1 A HISTORICIDADE DO ESPORTE

Começamos pela análise do entendimento dos professores sobre a história do esporte. Dos 8 professores que constituem o grupo dos que estão em final de carreira, 7 deles se formaram na UNESC (Universidade do Extremo Sul Catarinense) e 1 na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina). Por sua vez, dos 12 professores que compõem o grupo dos que estão em início de carreira, 9 se formaram na UNESC e 3 na ESUCRI (Escola Superior de Criciúma).

No grupo dos professores em final de carreira, pode-se observar que as compreensões acerca da origem e desenvolvimento do esporte possuem similaridades com as considerações de Guttmann e Mandell. Todos os 8 professores FC consideram que o esporte surgiu em épocas anteriores à era moderna. Tais entendimentos se aproximam com as compreensões de 7 dos 12 professores entrevistados em início de carreira.

Em relação à localização geográfica de onde o esporte surgiu, aparecem expressas nas falas dos professores de ambos os grupos localidades como Grécia e Roma. Ao citarem essas regiões, os professores se remeteram a épocas precedentes à era moderna, ou seja, afirmam que o esporte originou-se na Grécia antiga e Roma antiga.

De acordo com o professor FC1, o esporte

(...) surge há muito tempo atrás, desde o tempo da Grécia. Desde lá que teve as olimpíadas, que começou tudo e, com os anos, foi se desenvolvendo mais. Cada ano, foi melhorando, aparecendo mais esportes.

Compreensão semelhante verifica-se com os professores FC3 e FC7. Porém o primeiro, assim como o FC1, menciona as olimpíadas dessa época como o evento no qual se praticavam esportes.

A partir das olimpíadas da Grécia antiga, com o objetivo de vencer a si próprio. Então, para mim, assim começou o esporte. (FC3)

Em relação à história nós nos remetemos à Grécia antiga, onde começava principalmente o atletismo. O atletismo nessa época já teria se desenvolvido, as maratonas, etc. Veio daquela época (...) ele vem desde os tempos antigos. (FC7)

Verificamos aproximações nas compreensões de alguns professores em início de carreira ao considerarem que o surgimento do esporte ocorreu nessas formas sociais. Segundo os professores IC6 e IC11, o período histórico-social grego foi o responsável por oferecer condições que propiciaram o surgimento do esporte. Vejamos as respectivas compreensões desses professores:

(...) eu não lembro exatamente quando surge. Mas, eu lembro, como destaque, quando surgiu o esporte na antiga Grécia, quando começou as Olimpíadas. Penso que lá. (...) para mim, o esporte surgiu na Grécia antiga, Roma, onde começou os esportes olímpicos. (IC6)

Eu acredito que o esporte, na verdade, surgiu na Grécia há muito tempo. Não sei se aquilo era determinado esporte, se tinha a mesma visão que a gente tem hoje. Mas, da maneira como a gente entende, como disputa, acredito que desde aquela época. (IC11)

Compreensão aproximada encontramos no professor FC5. Embora cite o antigo período histórico-social romano – diferentemente dos professores anteriores – como ambiente que propiciou o surgimento do esporte, há uma similaridade com esses no que se refere à época histórica. De acordo com FC5, o esporte surgiu na Roma antiga, a partir de atividades que exigiam velocidade, força, resistência etc.

Desde a época da Roma antiga, onde tinham os esportes de força, velocidade e resistência. Desde aquela época existia esporte (...) Não sei se na Roma antiga tinha dardo, mas eles usavam materiais rudimentares, como pedras e eu acredito

que vem disso. Mas era mais força, velocidade, resistência, para ver quem era o mais forte.

Notamos uma compreensão empírica do que é considerado esporte. Manifestações que exigiam velocidade, força, resistência, ou seja, elementos que se apresentavam nos limites de sua aparência imediata eram considerados esportes para esse professor.

Aspectos religiosos também se manifestaram nas compreensões dos professores dos dois grupos. Uma concepção metafísica do esporte percebemos na fala de 1 dos 8 professores em final de carreira.

Em suas considerações, Guttman (1978) destaca o esporte grego e o esporte romano. Ambos possuem características comuns e, em respeito ao aspecto religioso, tanto o esporte grego como o esporte romano, para ele, podem ou não manifestar saudações aos deuses. Ele denomina esse fato de secularização, a qual faz parte das sete categorias desenvolvidas em seu estudo que caracterizam os tipos de esportes que existiram em diferentes formas sociais.

De acordo com o professor FC3, os deuses criaram essas competições esportivas para que os seres humanos, naquela época, ultrapassassem seus próprios limites, se superassem, competissem contra si mesmos. As atividades nas quais os homens confrontar-se-iam com seus próprios limites envolviam atividades de força, velocidade etc.

Pelo que eu li, eram questões religiosas com relação ao próprio ser humano, pelo que ele podia passar. Então, eram provas simples de corridas, lançamentos, arremessos, para ver a medida de força, velocidade etc. Eu acho que ali começou o esporte.

Identificamos também a questão religiosa nas falas de 3 dos 12 entrevistados em início de carreira. IC6 e IC11 compreendem que, naquela época, os esportes eram praticados como forma de saudar os deuses e como culto ao próprio corpo.

Eu acredito que era uma outra forma de saudar os deuses deles. (IC6)

Na Grécia, específico, eu acho que era mais uma exaltação ao próprio homem do que a disputa no esporte. Mais uma maneira de exaltar forças e capacidades do homem e, lógico, a gente sabe que

também tem essa questão dos deuses e tal. Acho que tinha essa relação, essas duas questões. Então, eu acredito que era essa forma de culto tanto ao homem como a algum deus específico. (...) mas, na Grécia, eu acredito que era mais isso em relação à capacidade do homem e relacionado aos poderes, aquilo que os deuses ofereciam a eles. (IC11)

Percebemos uma diferença em relação aos professores FC3, IC6 e IC11 com o IC2. Para o professor IC2, o esporte surgiu a partir de jogos na sociedade moderna. Porém, em períodos históricos precedentes ao capitalismo, os jogos exerciam a finalidade de saudar os deuses e o próprio corpo. Mais tarde, na era moderna, esses jogos deram origem ao esporte.

Eu lembro muito da Grécia antiga, onde eles praticavam para homenagens aos deuses. Então, eles tinham aquela imagem do corpo e na época eles faziam determinadas ações para homenagear esses deuses. (...) Lembro que uma vez eu estava lendo sobre o futebol e há relatos que os primeiros atos desse jogo eram com cabeças de guerreiros antigos. Então, para comemorar a vitória da guerra, eles faziam um jogo com os crânios dos inimigos, entre eles.

Nesse sentido, há uma aproximação nas compreensões desses professores no que se refere à finalidade das manifestações citadas e à época histórica em que ocorreram. Mas há uma diferença importante no entendimento do tipo de manifestação praticada para tal finalidade. Para o IC2 aquelas manifestações na Grécia antiga para saudar deuses eram jogos (jogos com cabeças de inimigos para celebrarem a vitória, algo parecido com o futebol), enquanto para os professores FC3, IC6 e IC11 eram esportes.

Vale ressaltar, ao analisar as falas dos professores, que o esporte ou o jogo se manifestavam como uma ação de uma atividade, que poderia ser de cunho religioso, por exemplo. Não obstante, o professor IC2 cita “ações” para se referir àquelas manifestações para saudar os deuses, assim como considera ser esporte manifestações que contêm elementos de força, resistência etc. – expressando uma compreensão do campo empírico. No entanto, essa interpretação não permite conceituar

teoricamente o que são aquelas manifestações – jogo e esporte – pela forma imediata do ato de saudar os deuses. Sendo aquela manifestação esporte ou jogo, conceituá-las dessa maneira não é suficiente para a compreensão com conteúdo teórico.

Podemos observar nas entrevistas outro modelo societal que permitiu o surgimento do esporte: a Idade Média. Em Guttmann (1978), o esporte da era medieval se apresenta com características próprias, de acordo com seu contexto sócio-histórico. Nesse período, segundo o autor, a tendência da secularização, assim como o esporte grego e romano, está e não está presente nos esportes. Significa dizer que o afastamento do credo religioso não ocorre em todos os esportes.

As compreensões dos professores FC2 e IC8 se aproximam em relação ao período histórico em que surgiu essa prática corporal. O professor IC8 cita a era medieval como o período histórico que permitiu o aparecimento do esporte, referindo-se à Grécia como local específico.

Na era medieval, com os jogos olímpicos na Grécia, algo, assim, não consigo visualizar o esporte antes disso. (...) Os jogos, penso eu, já existiam. Eles não eram institucionalizados, mas já tinha a prática dos esportes. Surgiram com a necessidade do homem em relação a algumas questões. Eles foram adaptando, transformando, até se tornarem jogos institucionalizados na Grécia. Foi nessa época que surgiu, mas não eram ainda os jogos institucionalizados. Eles já praticavam esse tipo de atividade, só que não com o intuito do jogo¹⁷, da competição.

O professor FC2, por sua vez, afirma que esportes como futebol, basquete, handebol, voleibol, os esportes hegemônicos da forma como conhecemos, foram criados na sociedade moderna. Entretanto diz que, na Idade Média, já se praticava um jogo com cabeças decapitadas de homens. Essa prática poderia ser considerada o “esporte da Idade Média”, além de outros tipos de esportes, como o xadrez.

(...) eu sei que cada modalidade veio de países diferentes. O vôlei nos EUA, o handebol na

¹⁷ Percebemos que os termos “jogo” e “esporte” são muitas vezes utilizados como sinônimos. Não identificamos, na fala dos professores, conceitos que expressem diferenças entre essas manifestações.

Alemanha, o futsal do Uruguai, o basquete é canadense (sic), enfim. Mas isso, claro, que já se praticava o esporte na Idade Média, com as próprias cabeças, e ali pode ter até surgido o futebol, na Idade Média. O xadrez também é outro esporte que surge na Idade Média. (FC2)

As falas dos professores IC3 e FC6 manifestam que o surgimento do esporte ocorreu na antiguidade. Novamente destacamos que Guttmann (1978) indica esse período histórico como o momento de origem de alguns esportes. O autor classifica em esporte primitivo as práticas corporais dessa época e, assim como o esporte medieval, grego e romano, a secularização pode ou não estar presente nos esportes. Na visão do professor IC3, o esporte surgiu

(...) na pré-história. Tem relatos de alguns esportes, dentro do que a gente lê. (...) considero que na pré-história já tivesse iniciado a prática dos esportes.

Para FC6 o esporte tem origem nos tempos mais remotos da humanidade. Porém, o esporte da maneira como conhecemos hoje, em suas palavras, de maneira “regrada”, surgiu no século XIX, na Inglaterra.

Eu acho que o esporte já nasceu com o homem pré-histórico. Mas, eu acredito que no século XIX é que muitas pessoas começaram a colocar no papel essas regras (...) O esporte já exista há milhares de anos e que o homem praticava o esporte, mas não de uma maneira regrada. Então, eu acredito que século XVIII, XIX, é que, principalmente na Inglaterra, o povo foi se apropriando desse conhecimento e regularizou a ‘coisa’.

Interessante observar que, ao perguntarmos sobre o período histórico em que surgiu o esporte, o professor FC6 fez um questionamento dizendo que depende do conceito que se tem sobre esporte. Para ele, pessoas jogando “futebol” com cabeças de outras pessoas pode ser considerado esporte.

Qual é o conceito de esporte para você? Por exemplo, ter 10 tuaregues jogando com a cabeça de um inimigo, jogando polo, para mim, é um esporte, tem as regras deles, era um esporte. (...) cada um acredita que o esporte hoje é aquele que tem regras, que é jogado no mundo todo de uma maneira igual. Mas, para mim, também é um esporte jogar com a cabeça do inimigo, jogar um polo, jogar o handebol que eles também jogavam antigamente com a cabeça dos inimigos e tal, então é isso.

O entendimento de que o esporte é produto da era moderna também pode ser percebido, implicitamente, nos dois grupos de professores. Todavia, apenas no grupo dos professores em início de carreira esse entendimento se apresenta com maior evidência. Embora os professores FC2 e FC6 afirmem que os esportes como conhecemos hoje tenham surgido na era moderna, ambos admitem que essa manifestação ocorria em outras formas sociais anteriores ao capital, mas sob um formato diferente. Portanto, a formatação do esporte na sociedade atual, segundo seus depoimentos, se apresenta apenas como uma particularidade, assim como ocorre em outras épocas históricas.

Apenas no grupo dos professores IC pode-se constatar, com clareza, a compreensão de que o esporte surge na era moderna – 5 dos 12 entrevistados –, deixando explícito que suas manifestações precedentes se caracterizavam como jogos. Podemos relacionar tal compreensão com as considerações de Bourdieu (2003), Hobsbawm (1988, 1997) e Elias (1985). Esses autores afirmam que o esporte possui características específicas que surgem na era moderna, como processo de ruptura e transformação por superação em relação aos jogos anteriores.

Segundo o professor IC2, o esporte aparece na era capitalista como forma de gerar lucro.

Para mim, na verdade, a palavra esporte surge mesmo na época do capitalismo. Nessa época entra a ideia de esporte, porque antigamente existiam essas práticas, essas ações, mas não tinha essa visão. Para mim, o esporte em si, veio a partir do capitalismo, pelo lucro, porque as pessoas se interessavam e iam dando jeito de comprar camisetas, ingressos, etc. Então, ocorreu essa

esportivização. (...) Eu acredito que o esporte tem essa palavra por causa do capitalismo.

Os professores IC9 e IC12 afirmam que o surgimento ocorreu pela transformação de jogos para esporte. Isso fez com que fossem criadas regras fixas, universais, para que todos pudessem praticá-lo. Vejamos as compreensões dos professores citados, respectivamente:

(...) na era moderna que surge. (...) Foram incluindo regras. Foram criando os esportes, através dos jogos (...) modificando as regras para se tornarem esportes.

Bastante tempo, eu acredito que por volta dos anos 1800. Eu sei que os primeiros jogos olímpicos foram na Grécia antiga, mas o esporte, em si, eu acho que mais ou menos isso, por volta dos anos 1800. (...) Nos tempos primitivos, se formos parar para analisar, o que eles faziam já é o que hoje a gente considera esporte, só não tinha o nome esporte. Mas, o que eles faziam para sobreviver, caçar, tudo o que eles faziam, se for parar para analisar, tem semelhança com o esporte que é hoje. (...) hoje o esporte tem as regras, os regulamentos, as confederações, que torna ele universal. Em qualquer lugar do mundo que tu fores o esporte vai ser daquela forma, vai ser executado daquela forma. Se tu não fizeres estás fora da regra. (...) a necessidade de o tornar universal, de ser daquele jeito de se praticar.

Aqui se revela uma questão importante: para esses professores, a padronização de regras, criação de organizações que regulamentam essas práticas etc. são elementos suficientes para que os jogos se tornem esportes. É corrente no debate dos professores de Educação Física a conceituação do esporte tomando esses fatores como os principais responsáveis para a sua definição. Apesar de ser no esporte que esses fatores se apresentam com maior evidência, conceituá-lo tomando esses elementos como determinantes seria defini-lo pela sua aparência imediata. Tal definição permaneceria no campo empírico.

Destacamos a compreensão do professor IC10 sobre esse tema. Ele afirma que o surgimento do esporte ocorreu após a Revolução

Industrial, carregando uma série de interesses. Além disso, o professor reitera que nesse processo o esporte surge portando algumas funções.

Então, o interesse do surgimento do esporte para mim vem com um interesse bastante claro da burguesia para ocupar os trabalhadores como uma manifestação cultural, que já vinha de certa forma sendo praticada pelos trabalhadores, só que não no formato de esporte, mas sim, como uma forma mais livre, descompromissada, digamos assim. Mas, estruturam isso, que já fazia parte da cultura dos trabalhadores, e colocam em um formato para que venha atender os seus próprios interesses. Então, ocupar tempo, evitar que se façam discussões políticas e tal. Pois, sempre em um período pós-revolução, é um período em que há uma ebulição de ideias, um período de reorganização social. Portanto, para evitar uma contrarrevolução, esse período é sempre mais complexo, pois a ordem não está bem estabelecida. Uma das formas para evitar a contrarrevolução foi esportivizar algumas manifestações corporais em um formato X, para que os trabalhadores estivessem ocupados, e na própria manifestação desse formato eles já estivessem inculcando algumas regras, algumas determinações que eram de interesse da classe dominante, que são: o respeito às regras, hierarquia, organização, padronização etc. Além disso, criarem condições para que os trabalhadores pudessem desfrutar desses esportes. Criaram as associações das empresas com campos de futebol e tudo mais, para possibilitar um momento de relaxamento, com bares e tudo mais. Ao invés de discutir sobre assuntos políticos, jogam futebol que, querendo ou não, é uma atividade física e te traz algo de bom, de prazeroso. Isso leva as pessoas a se apropriarem dessa cultura. Surge, então, com essa intencionalidade bastante clara, que é para a classe dominante ter mais uma, entre tantas outras, ferramentas sociais para fazerem com que os trabalhadores inculquem aqueles valores que eles querem que se apropriem. (...) Claro que a gente tem que considerar todos aqueles embriões que foi

evoluindo até chegar num momento X da história, e que foram “sequestrados” pelos interesses das classes dominantes para que seja feito de uma certa forma, digamos assim.

Essa compreensão histórica do esporte de IC10 dialoga com as considerações de Hobsbawm e Bourdieu, destacadas no segundo capítulo. Para tais autores, o esporte surge para atender interesses burgueses, a partir dos jogos populares. Entre os interesses, o esporte faria com que a classe trabalhadora dispensasse de seu tempo livre para a prática de atividades esportivas. Isso faria com que durante esse processo os trabalhadores se apropriassem de valores e ideias que beneficiam a classe dominante. Bourdieu afirma ainda que, ao serem apropriados pelas camadas dominantes, os jogos populares retornam à classe trabalhadora em forma de mercadoria, em um formato esportivizado.

Questionamos os professores sobre os fatores que contribuíram ao desenvolvimento do esporte. O entendimento que predominou com maior significado foi o da necessidade de se criarem regras universais, o que teria colaborado para a expansão do esporte em escala global. Portanto, há uma aproximação dos dois grupos em relação a esse aspecto. Nas demais percepções sobre os fatores que contribuíram ao desenvolvimento do esporte apareceu, entre outros, o indicativo do investimento financeiro.

No grupo dos professores em final de carreira, o professor FC1 afirma que o aspecto econômico foi e é, ainda hoje, determinante para as mudanças que acontecem no esporte. O incentivo financeiro para o desenvolvimento do esporte foi o que determinou suas modificações ao longo de seu processo histórico. Esse incentivo, para o professor, se efetiva também na criação de novas tecnologias que refletem no desempenho dos próprios atletas. Vale lembrar que o professor FC1 considera que o surgimento do esporte aconteceu na Grécia antiga. Consequentemente, desde aquela época as modificações decorrentes no esporte foram determinadas pelo aspecto financeiro.

(...) pode ver que a cada ano, cada olimpíada que acontece, a gente vê as melhores tecnologias e os atletas cada vez melhores. Então, tem o lado financeiro que pesa bastante. (...) conforme os países onde aconteceram, que tinham uma melhor renda, as coisas foram melhorando.

Verificamos a mesma percepção com o professor FC6. Para ele, o aspecto financeiro influenciou de maneira significativa no desenvolvimento do esporte e em suas modificações para se tornar o esporte atual. Entretanto, sua compreensão acerca desse debate tem maior consistência, pois ele cita o modo de relações capitalista como responsável pelo aporte financeiro ao esporte.

Eu acho que o principal impulsionador do desenvolvimento do esporte em qualquer lugar é o financeiro. Porque, assim, mais pessoas irão jogar, mais pessoas irão consumir camisetas, bolas etc., mas, para isso, precisa ter organização. Precisa ter o campeonato, as regras, os juízes. Aí a sociedade capitalista engloba isso e a visão dos caras em ver que aquilo pode dar dinheiro, que é bom organizar, que é bom difundir no mundo inteiro.

Em relação à necessidade de fixação de regras universais, 3 dos 8 professores FC a consideram o principal impulsionador no desenvolvimento do esporte. Destacamos a fala de 2 desses professores. O professor FC2 entende que o esporte da Idade Média – aquele praticado com cabeças de pessoas e que, portanto, poderia ser considerado o início do futebol – para a Idade Moderna se deu por necessidades puramente sociais. Ele avalia que na Idade Média já existiam alguns jogos que poderiam ser considerados esportes. Porém, foi na era moderna que esse fenômeno adquiriu características peculiares, quando se estabeleceram regras e normas. A partir do esporte do início da era moderna e durante seu processo de desenvolvimento houve modificações, cujas causas estão relacionadas à necessidade de expansão do esporte.

Do ponto de vista do professor FC2, para que se massificasse o esporte foram criadas algumas modalidades, sendo o futebol uma delas. Entretanto, de maneira implícita, o professor se refere à necessidade dessa massificação devido à divisão de classes que estava colocada fortemente naquela época.

Claro que nem todos praticavam o futebol. Naquele momento, era só quem tinha condições financeiras, só para a elite. Era esporte de elite, não podia praticar qualquer um, primeiro era quem tinha poder aquisitivo (...) Então, primeiro pobre não jogava, pois tinham que ter os

materiais. O pobre começou a entrar depois nos jogos de futebol e se tornou um esporte de massa. Mas, no início, era esporte de elite mesmo (...) Eu acredito, em primeiro lugar, que o esporte foi se massificando. Eu não acredito que só a elite ia praticar o resto da vida. Acho que a própria necessidade de integrantes, de pessoas, a necessidade de incorporar, de participação. Foi ali que eles começaram a introduzir o esporte, pois precisava de contingente para massificar determinados esportes. Depois, claro, veio a Revolução Industrial, que contribuiu bastante, pois começaram as empresas a praticar também e, assim, o pobre começou a ser introduzido no esporte.

No depoimento do professor FC5, pode-se constatar que, para ele, as modificações do esporte ao longo das eras ocorreram devido à união de povos em um determinado lugar onde aconteciam os esportes. A partir disso houve a necessidade de criação de regras universais e, em decorrência, o aperfeiçoamento das técnicas. Logo, a expansão do esporte para além da Roma antiga – lugar que o professor em questão considera o berço do esporte – provocou a necessidade dessas mudanças.

O encontro das populações. Cada local, cada continente tinha seus esportes e à medida que essas competições foram afunilando no sentido de fazer uma competição mundial, a partir dali eles começaram a criar regras dentro desta competição (...) os esportes que a gente tem, vêm da Roma e aonde mundialmente as populações vão se encontrando e vão fazendo esse esporte evoluir. (...) As técnicas que tinham antigamente eram muito rudimentares, hoje tem uma evolução enorme.

As mudanças do esporte, portanto, foram a partir da criação de regras universais e de técnicas mais sofisticadas. Porém, a necessidade social dessas mudanças é o fato que fez com que diferentes povos, diferentes comunidades se reunissem para praticá-lo. Para esse professor, o esporte causou união entre as pessoas e, por isso, a necessidade das mudanças citadas. Segundo ele, a evolução das próprias

sociedades fez com que as pessoas se unissem. Isso coloca o esporte como uma forma de contribuir para a união de povos.

Sim, pela evolução das sociedades, pela necessidade do homem em buscar maneiras de melhorar o corpo, a forma de competir, de melhorar até a união entre as sociedades, de fazer uma maior agregação da sociedade em torno do esporte, onde todo mundo vive em comunhão. O esporte vem crescendo e a partir daí tudo gira em torno dele.

Em 5 dos 12 professores do grupo em início de carreira identificamos aproximações com o outro grupo no que diz respeito à necessidade de criação de regras fixas para favorecer o desenvolvimento do esporte. Expomos as falas de 2 desses 5 professores a seguir.

Para o professor IC5, a criação de regras universais possibilitou que os esportes fossem jogados em quaisquer lugares.

Essas modificações acontecem pela aceitação, também, dos praticantes, do povo em geral. Tem que se moldar conforme vão passando as regras. O que acontecia há duzentos anos hoje não acontece mais, algumas coisas sim. Então, é onde ele vai se moldando, as regras, o próprio esporte. (...) Para que tivesse aceitação de todos e em diferentes lugares, o mesmo esporte teve que ter regras fixas. As regras que acontecessem aqui no Brasil, aconteceriam, também, na Inglaterra, por exemplo.

O professor IC7 acredita que o esporte surgiu na Roma antiga, a partir de jogos. Por serem bastante violentos houve a necessidade de criar regras fixas, que se constituíram em condição para que surgisse o esporte e, daí em diante, se desenvolvesse para outras regiões.

(...) por estar havendo brigas, pensaram em fazer uma regra geral para todos seguirem. Até porque, se virar um esporte, para todo mundo levar daqui para lá, é obrigatório todos saberem a mesma regra. (...) pois as olimpíadas envolvem o mundo inteiro e é obrigatório ter as mesmas regras.

Concepção diferente sobre o desenvolvimento do esporte encontramos na fala do professor IC11. Para ele, no princípio o esporte tinha a finalidade de fazer cultos aos deuses. Entretanto, no decorrer de seu processo histórico, o fator determinante nas suas modificações foi a própria evolução dos homens, principalmente no pensamento dos homens.

Eu penso que a própria evolução do homem. A evolução do pensamento do ser humano, em relação ao esporte, modificou todas as atitudes ali postas. Acho que com o tempo foi mudando, porque o homem foi evoluindo e passando a pensar no que ele estava fazendo. Penso que foi isso que contribuiu, a evolução do próprio ser humano.

É possível percebermos que as compreensões dos professores de Educação Física acerca da história do esporte mais se aproximam do que se distanciam. Em dados quantitativos, essa aproximação se expressa da seguinte maneira: todos os professores FC afirmam que o esporte existe anteriormente à era moderna, bem como 7 dos 12 professores IC.

É evidente que, em cada grupo, há mais do que uma concepção histórica do esporte. Ou seja, dentro dos dois grupos há o entendimento de que o esporte surgiu em diferentes períodos históricos-sociais, como: na antiguidade, Grécia antiga e Roma antiga, Idade Média e Idade Moderna. Por outro lado, há uma diferença significativa entre os grupos. Apenas no grupo de professores em início de carreira pode-se constatar, com clareza, ao menos em parte desses professores – 5 dos 12 entrevistados – a compreensão de que o esporte é produto da Idade Moderna¹⁸ e que surgiu a partir dos jogos. Tal entendimento está

¹⁸ Fazemos um questionamento: para os que consideram o esporte produto da era moderna, seria necessário denominá-lo “esporte moderno”? Ao nos referirmos ao esporte moderno subentende-se que há outras formas de esporte. Isso causa certa contradição, pois se se considera que o esporte surge na era capitalista não há outras formas de esporte anteriores a essa época. Portanto, se nos referirmos apenas ao termo “esporte” significa compreendê-lo como manifestação exclusiva da sociedade moderna? Sim e não, uma vez que o termo “esporte” hoje está difundido de forma que abarque os dois grupos. Ressaltamos que uma das confusões que ocorre na área da Educação Física é a questão da adjetivação ou não do esporte.

expresso na perspectiva Crítico-Superadora, concepção pedagógica da Educação Física à qual esses professores possivelmente tiveram acesso em suas formações iniciais.

É importante ressaltar: há professores do grupo final de carreira que consideram o esporte fruto da era moderna, porém remetem-se ao esporte que conhecemos atualmente, com regras universais, organizado por federações etc. Mas, em geral, para esses professores já existia o esporte sob outro formato, em outros tempos históricos. Portanto, no decorrer do processo histórico há um elemento de continuidade dessas práticas que, acreditam eles, são consideradas esportes. Contudo, em cada época essas práticas possuem particularidades, dependendo da atividade em que estavam inseridas.

Percebemos também que, predominantemente, as compreensões acerca da origem do esporte estão atreladas aos limites da empiria. Isso porque, afirmar que o surgimento de uma manifestação ocorre simplesmente pela maneira como ela se apresenta no imediato não garante que ela seja esporte. Ou seja, os movimentos corporais executados para saudar os deuses ou movimentos que apresentam elementos de força, velocidade, etc., ou ainda práticas que utilizavam cabeças de inimigos para comemorarem a vitória em batalhas não estabelecem de que tipo de manifestação se trata. Assim como a “dança da chuva” que povos primitivos executavam não necessariamente é uma dança, mas um ritual religioso articulado à atividade de trabalho. Chamamos a atenção para a estrutura da atividade em que essas manifestações estão inseridas. O que se pode perceber é que tanto o jogo quanto o esporte – para aqueles que consideram a existência do esporte nas sociedades precedentes ao capital – se constituem como ação de uma atividade, a atividade de trabalho. Portanto, o jogo ou o esporte nessas formas de sociabilidade não ganharam motivo próprio. No caso dos jogos, essa manifestação não se apresenta como uma atividade independente. Tomamos a fala do professor em que cita as atividades que povos primitivos executavam para sobreviver, dando o exemplo da caçada. A caçada se apresenta como ação da atividade de sobrevivência, portanto, seu motivo está ligado com a finalidade da atividade, sobreviver, e não com o ato de caçar em si. Dessa maneira, relacionamos o exemplo com a fala do professor FC6, que afirma que jogar com cabeças de inimigos é uma manifestação esportiva. Inferimos que jogar com as cabeças dos inimigos é uma forma de demonstrar força e submissão do oponente para manter domínio sobre ele, o que permite seu grupo social ter acesso às condições de produção e reprodução.

Dessa forma, essa prática se constitui como uma ação da atividade de sobrevivência do grupo, ou seja, da atividade de trabalho.

Depreendemos, também, dois fatores que contribuíram na modificação e desenvolvimento do esporte. Tais fatores estão expressos nas compreensões dos professores de ambos os grupos, o que faz com que haja aproximação entre eles nesses aspectos. O primeiro é o fator econômico. Professores dos dois grupos consideram que o aporte financeiro contribuiu e continua contribuindo para o desenvolvimento do esporte. O segundo fator, implicitamente ligado ao primeiro, é a necessidade da sua expansão mundial. Para que cada vez mais as pessoas tivessem a possibilidade de praticar os esportes, houve a necessidade de criação de regras universais. As consequências disso acarretaram na expansão de diversas modalidades esportivas.

Esses fatores estão expressos nas compreensões dos professores que concebem o surgimento do esporte em sociedades antecessoras à era moderna, bem como anunciados nas compreensões dos que afirmam que o esporte surgiu na própria era moderna, ou seja, na era do capital.

Como destacamos anteriormente, a consideração de que a origem e desenvolvimento do esporte ocorreram pela fixação de regras universais se ancora em um entendimento empírico dessa manifestação. Considerar esporte apenas porque uma prática possui regras padronizadas, organizações, técnicas etc. de modo algum significa que ela, de fato, seja um esporte.

4.2 A RELAÇÃO ENTRE ESPORTE E SOCIEDADE

Sobre a questão referente à relação entre esporte e sociedade, podemos constatar percepções diversas. Dentro dessa diversidade, no entanto, houve convergência de opiniões entre os professores em início e final de carreira. Ao realizarmos essa interrogação, as respostas dos entrevistados expressaram, de certa forma, a função que o esporte possui na atual sociedade.

No grupo dos professores em final de carreira percebemos que a relação entre esporte e sociedade pode conter mais do que uma função para um determinado professor. Ou seja, há professores que consideram que o esporte tem múltiplas relações e funções sociais. Mas também há professores que acreditam em uma função apenas.

Nesse grupo constatamos, por parte de alguns professores, a compreensão de que a relação entre esporte e sociedade, ou melhor, o papel que o esporte possui na sociedade é contribuir no desenvolvimento da aptidão física e promover “qualidade de vida” para

as pessoas. Entendimento semelhante encontramos nos professores FC5 e FC1. Segundo ambos, o esporte é uma atividade física que auxilia no desenvolvimento da aptidão física, promove um condicionamento físico mais saudável e, conseqüentemente, melhora a qualidade de vida.

O esporte tem “n” funções, como, por exemplo, a condição física, a condição de saúde. Muitas pessoas praticam o esporte por questão de saúde, orientação médica. Essa é uma das funções, mas ele tem “n” funções dentro da sociedade. Então, quem pratica esporte tem um estilo de vida, quem não pratica, tem outro. Até dois meses atrás eu estava praticamente apenas trabalhando aqui na escola, sem praticar atividade física nenhuma e minha condição era uma. Hoje, estou treinando com a gurizada e minha condição física é outra, melhorou bastante. Você dorme melhor, vive melhor, acorda melhor, tu se sentes bem. Então, essa é a função do esporte, não só de competição e de agregação da sociedade. (FC5)

(...) o bem-estar, uma boa saúde, em relação à sociedade, eu acho que o esporte, para o ser humano, é fundamental. Seja adolescente ou adulto, vai te fazer bem, vai se sentir melhor (...) é o que eu tento passar para os meus alunos, desde pequenos, explicando que é essencial fazer uma atividade física. (FC1)

De acordo com o depoimento do professor FC5, fica subentendido que apenas quem pratica atividade física possui um estilo de vida saudável e quem não pratica possui um estilo de vida “ruim”. Apresentou-se na conjuntura da fala, portanto, um juízo de valor.

Aqui vale um questionamento: a adesão à prática da atividade física, ou melhor, à prática do esporte, para alcançar uma suposta aptidão física e qualidade de vida, depende unicamente da decisão singular do indivíduo? Não estamos avaliando, no momento, se a prática do esporte pode ou não contribuir no desenvolvimento desse estilo de vida saudável. Para esses professores, pode. Mas, o que precisamos considerar – e que talvez eles não considerem – é que há uma série de mediações que determinam o acesso a essa prática para alguns e não para outros. Portanto, considerar as condições objetivas que se

apresentam para cada indivíduo permite, de fato, entender por que alguns têm acesso e outros não a esse estilo de vida “saudável”.

O entendimento de que o esporte possui essa função se assemelha com a opinião do professor IC6. Este ressalta, porém, que o esporte é usado de forma errônea. Na sua compreensão, o esporte possui um grande poder de mobilização, que poderia servir para a melhora da qualidade de vida da população. Porém, o esporte estaria sendo usado para manipular as pessoas.

Segundo IC6, o esporte

(...) tem um poder de mobilização muito grande, mas é usado de uma forma errada. Muitas vezes, é mais uma forma de abafar acontecimentos do que trazer o que o esporte pode ter de bom. (...) É bem comum a gente receber uma notícia importante e alguém vem e manda algum Neymar por cima. (...) Acho que deveria ser sim um instrumento de mobilização. Mobilizar as pessoas para ter uma qualidade de vida. Penso que deveria ser isso, mas é usado de uma forma errada.

Em ambientes acadêmicos, o debate crítico da Educação Física, em particular do esporte, predominantemente suscita essa “função” que carrega na contemporaneidade: o esporte como ferramenta para mascarar problemas sociais e manipular as massas. Embora esse discurso com teor mais crítico esteja expresso nas concepções críticas da Educação Física às quais os professores em início de carreira tiveram acesso na formação inicial, verificamos essa compreensão nas falas dos professores de ambos os grupos.

Assim como para o professor IC6, para o IC5 o esporte é instrumento de manipulação de massas para que a população desvie sua atenção dos assuntos políticos, econômicos e sociais. O professor IC5 avalia que o esporte é

(...) uma forma de mascarar, de iludir, enganar, enrolar um pouco a sociedade. As pessoas vão, praticam, mas não discutem. Uma forma de enrolar o povo para que não possam discutir sobre seus direitos, sobre porque o esporte tem que ser assim, porque que eu só tenho no meu bairro um campo de futebol ou nem mesmo tenho campo de futebol. Nos é mostrado um modelo, mas não

sabemos por que só temos isso ou quando tem alguma coisa.

Os “porquês” presentes na fala do professor denunciam, em tom de descontentamento, a atual situação que se coloca ao esporte. Ele argumenta que o esporte é usado para mascarar problemas sociais, induzindo as pessoas a não refletirem sobre a sua própria condição social e as condições em que o esporte se apresenta na realidade.

Muitas vezes, tu queres ensinar, praticar um esporte diferente e tu não tens acesso. Dizem que aqui temos o Guga e, sem ser na faculdade, eu nunca tive acesso a uma quadra de tênis. Eu nunca tive acesso e nem pude ensinar o tênis para meus alunos. Ensinei com o material que eu tinha disponível, uma raquete de Paddle, em um campo de grama ou de terra. Fala-se que o esporte é acessível a todos, mas nem todos os esportes!

Na sequência, a declaração do professor reafirma a finalidade do esporte como artimanha para dificultar a reflexão acerca dos assuntos políticos e dissimular problemas sociais e econômicos, cujos reflexos atingem, inclusive, o próprio acesso ao esporte. É possível afirmar que no contexto brasileiro o esporte mais utilizado para tal fim é o futebol. Tal compreensão aparece expressa na fala do professor FC6:

A relação do esporte com a sociedade atual, falando do contexto brasileiro – pois não conheço as outras realidades – acho que é basicamente para deixar o povo sem pensar no que está rolando por aí, sabe? Principalmente o futebol, para o povo não ver a realidade.

Identificamos também a crença no poder de transformação social que o esporte possui ou pode possuir: 2 dos 8 professores FC e 1 professor IC acreditam que o esporte possui essa função. Se para alguns entrevistados o esporte tem aquele lado negativo exposto anteriormente, para esses carrega uma função positiva. De acordo com o professor IC4, o esporte tem o poder de transformação social, que se manifesta a partir do momento em que ele faz parte da vida de uma pessoa. O professor dá o exemplo de si próprio para afirmar que o esporte mudou sua vida e, portanto, pode mudar toda a sociedade.

Ele tem um mecanismo de fazer todo e qualquer cidadão brasileiro tenha a mínima afinidade, que ele seja inserido em um esporte de sua preferência. Aquilo pode mudar toda uma sociedade. Ele pode, ele fez isso comigo, ele fez isso com inúmeras outras pessoas. (...) desde cedo ele sempre esteve presente na minha vida, na vida dos meus amigos que eu trago até hoje. Mesmo não sendo aqui desse município e a gente sempre entra em contato e o esporte tem essa capacidade de transformar a sociedade para o bem. (...) ele tem esse poder de transformação social. Mas, desde que ele seja feito com amor, com carinho, dedicação, por pessoas do bem, que gostam, que queiram.

Interessante destacar na fala do professor que o esporte pode promover a transformação da sociedade se utilizado por pessoas com boas intenções. Para o professor, basta as pessoas adotarem o esporte para o bem que ele poderá transformar a sociedade.

Mas, a gente vê também que tem as pessoas que querem fazer, que não tem estrutura nenhuma, que buscam, que querem e que trazem. É difícil, é de tirar o chapéu para essas pessoas, mas isso é muito difícil. É fácil achar gente que tem esse ideal, que tem isso em comum, de querer fazer algo pelo esporte, para a transformação social através do esporte. Agora, vamos pôr no papel, de que forma isso vai ser feito? Quais os objetivos? O objetivo geral é isso? E os específicos? De que forma? Quem? Quando? Como? Agora, vamos colocar uma meta e a gente sai atrás disso, vamos tirar do papel, de que forma vai acontecer isso? Quanto mais pessoas abraçarem essa causa, mais fácil ele será, mais pessoas serão atingidas. Mais pessoas atingidas, começa ali a transformação da sociedade, através do esporte.

Para finalizar, o professor afirma que, ainda que a transformação social através do esporte possa ocorrer de maneira planejada por pessoas bem-intencionadas, ela virá de maneira natural.

(...) desde que seja bem planejada, bem estruturada, bem amarrada e bem executada, o esporte tem o poder de transformação. O esporte é tão tocante que essa transformação vai vir ao natural. Ele tem esse poder. Novamente, desde que bem executado, bem estruturado, ele tem esse poder.

No grupo dos professores em final de carreira, encontramos compreensão semelhante no professor FC2. Para ele, o esporte é considerado uma ferramenta de transformação social, quando consegue contribuir na mudança de vida das pessoas. O professor vê, no esporte, um meio de fazer as pessoas das classes mais baixas subirem de patamar financeiro. Sendo assim, o esporte se constituiria em ação de uma atividade cuja finalidade é a elevação pessoal do ponto de vista econômico. Ele diz, também, que o esporte tem o propósito de unir as pessoas. Dessa forma, pode contribuir para uma transformação social.

Transformação social, por exemplo, quando falei em unificação dos povos. A sociedade em geral é dividida em credos, religiões, países ricos, países pobres, primeiro mundo, segundo mundo, etc. Então, o esporte, em uma copa do mundo ou em uma olimpíada e tal, cria igualdade de condições, a África, o Brasil, os EUA. Essa transformação social faz com que países sejam respeitados no meio esportivo. (...) faz com que o menos favorecido, através do esporte, possa mudar de patamar, possa ser uma pessoa mais conhecida, também financeiramente. Então, ele transforma dessa maneira. O esporte faz com que os pobres possam participar em igualdade de condições.

Ainda no grupo dos professores em final de carreira, inferimos do professor FC4 compreensão semelhante. Para ele, o esporte reproduz as relações de poder inerentes à sociedade, pois aqueles que possuem mais capacidade em suas ações conseguem se sobressair aos demais. Vencem no esporte apenas os mais habilidosos. Quem não possui tanta habilidade acaba sendo excluído. Segundo o professor FC4,

Tem uma relação muito grande de poder. (...) quem se destaca começa a exercer poder sobre os demais. Os mais fracos ficam para trás e isso

acontece, também, na sociedade. Os que conseguem mais, os que têm mais poder se destacam e os demais ficam para trás. Quem tem mais poder, quem tem mais meios de produção vão embora e os outros ficam à mercê. Quem consegue ficar do lado dessas pessoas, tudo bem. Esse poder do esporte se fortalece a cada dia.

O professor vê nas aulas de Educação Física escolar a possibilidade de colaborar para a mudança social através do esporte. De acordo com ele, essas aulas podem se constituir em um espaço para exercer o esporte como ferramenta de transformação.

Se não fizermos alguma coisa para mudar e fazer com que as crianças entendam isso por meio do esporte, tudo bem. Caso contrário, elas irão reproduzir tudo o que acontece no esporte, na sociedade. Mas o esporte pode ter essa relação de transformação social também. O profissional de Educação Física tem a obrigação de exercer dentro das suas aulas essa relação de transformação social. Ele tem de fazer com que isso aconteça, de mostrar que a gente tem que jogar com o outro, e não contra.

Importante enfatizar na fala do professor que “fazer com que as crianças entendam isso por meio do esporte” é fazê-las entender as relações de poder, sobrepujança, que acabam por privilegiar os mais “capacitados” existentes na sociedade.

O professor FC3 compartilha da mesma compreensão ao afirmar que o esporte reproduz a lógica capitalista, pois o que interessa para a sociedade é sempre o primeiro lugar, o vencedor. Isso acaba por excluir a maioria da população.

(...) a nossa sociedade é extremamente capitalista e a gente não pode negar isso. Então, quem é segundo nunca foi primeiro e essa é a situação do esporte hoje. Nós temos grandes equipes de esporte que estão em segundo lugar, mas o segundo lugar para a sociedade não serve, o que serve é o primeiro.

Observamos, porém, que o professor citado não aponta uma crítica a essa lógica. Para ele, o esporte é uma ótima prática para saber lidar com essas situações que estão presentes para além do esporte na vida social. A seletividade do mais capacitado, presente na sociedade, também está presente no esporte. O esporte, então, assume a função de fazer com que as pessoas aceitem tal realidade e saibam lidar com situações de vitórias e de derrotas.

Nós somos uma sociedade totalmente capitalista e o esporte trabalha além dessa situação do vencer, de ser o primeiro e, também, com as frustrações, pois nem sempre na vida a gente vence. Então, ele te ensina isso, te dá esse poder também. O que não é de total negativo.

Além dessa relação, o esporte também possuiria uma função ideológica na sociedade. Encontramos no grupo de professores em início de carreira outro aspecto de reprodução do esporte. Para alguns professores o esporte reproduz a competitividade da sociedade atual. Ou seja, para eles a sociedade é em si competitiva, leva a disputas em vários ambientes sociais, inclusive no próprio esporte. Destacamos as falas dos professores IC8 e IC9 que revelam essa ideia.

Divulgar e vender uma imagem de que é um jogo, que alguém ganha e alguém perde e que é uma coisa natural, um ganhar e o outro perder. (...) Penso que o esporte entra nessa questão e possibilita uma certa normalizada nessa questão que a gente vive no dia-a-dia. Acaba normalizando isso dentro de outras relações que a gente tem na sociedade. Patrão e empregado, ele tem mais, ele ganha mais, então ele pode fazer isso e aquilo. Eu acho que tem essa relação. (...) Então, penso que o esporte, hoje, reproduz totalmente a sociedade capitalista que a gente vive. (IC8)

Para o professor IC9, o “espírito” competitivo é inato do ser humano. No esporte, as pessoas sempre querem ganhar porque, na sociedade, as pessoas agem assim. Nesse sentido, a relação que o esporte tem com a sociedade é reforçar tal qualidade.

(...) somos doutrinados a isso no esporte. Tem as regras, mas como eu falei, tem que ganhar (...) ninguém quer perder, todo mundo quer ganhar. (...) eu acredito que não vem só do esporte, eu acho que a gente já nasce, vai aprendendo ao longo da vida a ganhar e a perder, não só através do esporte, desde pequeno a gente aprende.

Essa compreensão – esporte como reprodutor da competitividade da sociedade como um todo – pode ser identificada no grupo de professores em início de carreira. Nesse mesmo grupo observa-se também o aspecto mercadológico do esporte. Tal aspecto, para alguns professores do grupo – 3 dos 12 professores –, é a relação que ele tem com a sociedade atual.

O professor IC7 entende que o esporte, atualmente, se tornou um campo de negócios lucrativos. Para o professor, a mídia televisiva reforça essa característica do esporte, principalmente com o futebol, por ser o mais valorizado no Brasil. Sendo assim, esse veículo de comunicação contribuiu e continua contribuindo no processo de alienação da população, pois a maioria das pessoas tem o futebol como o único esporte acessível. A compreensão do professor IC7 expressa que as pessoas, ao falarem sobre futebol, inevitavelmente se remetem à característica mercadológica, lucrativa, ou seja, como uma maneira para ganhar dinheiro.

Eu penso que hoje, na cabeça da população e na minha também, o futebol virou um negócio, um comércio. (...) Então, acho que a sociedade se alienou apenas àquilo que vê na televisão. Apesar de ter virado um negócio, eles veem apenas o futebol como forma de ganhar dinheiro.

A compreensão de que o esporte é utilizado a fins mercadológicos, como produto que é oferecido como forma de lazer e, portanto, precisa ser consumido, é encontrada na fala de 3 professores. A manifestação do professor IC8, exemplifica esse conjunto, para quem o esporte

(...) faz o papel de mostrar para a população uma coisa boa, um lazer, uma diversão. Hoje, ele tem essa relação, o esporte se constitui como uma forma de lazer. É essa relação que a mídia faz

com a sociedade (...) A pessoa que assiste à fórmula 1 no domingo gosta de assistir, pois é a relação que ela tem de lazer, assistir aquilo e, quando tiver a oportunidade, ir em um Kart e experimentar essa vivência e tal. Só que, para quem possui a propriedade do esporte, tem outras questões. Quanto mais gente assistindo, mais gente participando, mais gente usando a camiseta, comprando o capacete, usando as marcas que são divulgadas, eu acho que tem essas duas questões. (...) a pessoa estar lá assistindo e estar usando aquela marca, aquele esporte. Eu jogo o meu vôlei lá então eu compro aquela camiseta de vôlei. Eu gosto daquele time lá, então eu compro a camiseta do vôlei, do time de futebol. Então, a relação dele é, eu não sei dizer o nome assim ao certo, mas eu penso que tem essa relação, de a pessoa estar assistindo, estar conhecendo ele como um lazer.

Nessa fala se podem observar as considerações de dois autores: Elias (1985) e Bourdieu (2003). Este considera que a profissionalização do esporte permitiu o aparecimento de um campo de consumos esportivos, tendo agentes profissionais que possibilitam a comercialização do esporte. Aquele afirma que o esporte nessa sociedade serve como um recurso que as pessoas têm para aliviar tensões provocadas pelo “estresse” da vida social. Ou seja, usa-se o esporte como forma de lazer.

Para finalizar as compreensões mais significativas sobre a questão da relação entre esporte e sociedade, encontramos nos dois grupos de professores entrevistados a função de socialização do esporte. Observamos de forma nítida na fala do professor FC5 a crença na capacidade que o esporte tem de unir e propiciar momentos de integração de pessoas das mais diversas comunidades. Isso pode acontecer tanto em um jogo no bairro de uma pequena cidade, cujos moradores se reúnem para torcer a favor de seu time amador, quanto em um evento esportivo mundial, onde se reúne um aglomerado de pessoas de diversos países.

Hoje, o esporte é paixão, emoção, faz uma comunidade pequena se reunir em um final de semana. Aqui, por exemplo, eles têm um time de futebol que para eles é o melhor do mundo. Então, quando se encontram, aquilo é paixão, é emoção,

é pai, mãe, filho, todo mundo agregado naquele local. O esporte é isso.

Entretanto, o professor admite que o esporte, embora propicie momentos de união, também provoca desunião. Ele cita as brigas entre torcidas rivais nos estádios de futebol.

Mas também pode desunir, pois se tu fores observar as grandes torcidas hoje, elas estão se matando de maneira insana, de forma que tu tentas entender o que leva um indivíduo a matar outro ser humano por causa de um time de futebol.

No grupo de professores em início de carreira, o professor IC3 defende que, mesmo que os agentes praticantes do esporte estejam competindo uns contra os outros, eles se socializam.

Socialização, porque para estar competindo entre os outros, as pessoas estão se socializando. (...) mesmo estando em competição, na televisão, em jogos, mesmo sendo uma competição, em que todos estão competindo entre si, também há socialização de diferentes times, diferentes culturas.

Salientamos também a fala do professor IC2 ao afirmar que o esporte pode servir como porta de entrada para pessoas carentes em ambientes a que dificilmente, sem ele, teriam acesso, como por exemplo, as universidades.

Para mim, o esporte foi criado com algo a mais. Esse algo a mais, hoje, para mim, é bom, pois a partir disso posso ajudar uma criança. Tenho alguns alunos que são habilidosos no futebol, mas eu sei que a condição financeira deles não vai permitir que entrem em uma universidade. (...) Então, o que eu faço? Eu como professora de Educação Física, tendo a opção do esporte, vou incentivar esse aluno. Se estiver se destacando, levar para um lugar onde possa ir para uma escola melhor, para uma universidade. Esse é um lado

bom do esporte, para mim. Eu posso dar uma oportunidade melhor para o meu aluno.

Como vimos, há diversas compreensões a respeito da relação existente entre esporte e sociedade. Compreensões que distanciam e aproximam os professores do mesmo grupo e de grupos diferentes. Porém as aproximações são menos expressivas. De modo geral foi difícil compor um quadro que abarcasse as principais compreensões dos professores dada a disparidade de suas manifestações. O que ficou bastante evidente nas compreensões dos professores acerca desse tema foram as diversas finalidades que o esporte possui. Percebemos que essa manifestação se apresenta, na maioria dos casos, como uma ação que faz parte de uma atividade, cuja finalidade varia entre: a) alcançar um patamar sóciofinanceiro bem-sucedido ou possibilitar o acesso a outros ambientes, entre eles, o acadêmico; b) manter a população – especificamente a classe trabalhadora – em um estado de alienação e controlada, desviando sua atenção de assuntos que lhes convém; c) desenvolver a aptidão física e promover qualidade de vida; d) socializar as pessoas e; e) do ponto de vista econômico, o esporte contribui na expansão do capital quando possibilita a compra e venda de produtos esportivos.

A constituição do esporte como ação de uma atividade não é regra geral. O esporte pode se apresentar como a própria atividade para os atletas, por exemplo. Mas o que se expressou a partir das compreensões dos professores foi a não autonomia do esporte. Ou seja, o esporte não se constitui como uma atividade autônoma, mas sim uma ação necessária para atingir um fim que não se encerra em si mesmo. E, de acordo com o entendimento dos professores sobre o debate anterior, parece que desde sua gênese ele vem se constituindo dessa forma.

4.3 A CARACTERÍSTICA DE COMPETIÇÃO DO ESPORTE

Antecipamos que a compreensão de que a competição existe no esporte por conta de que a própria sociedade é e sempre foi competitiva prevaleceu nas falas dos professores dos dois grupos. Constatamos por parte de alguns professores uma concepção inatista, ao afirmarem que o ser humano nasce com essa característica. Por outro lado, pode-se observar que alguns professores acreditam que há um tipo de esporte não competitivo.

O grupo dos professores em início de carreira afirmou, de maneira unânime, que a competição é uma característica própria do

esporte. No grupo dos professores em final de carreira, por sua vez, há professores que partilham da mesma ideia dos professores em início de carreira, mas há, também, os que acreditam – 2 dos 8 professores – que existe esporte sem competição, como por exemplo, o esporte de lazer.

Começamos por apontar as aproximações entre os dois grupos. Com os professores em início de carreira, nas falas dos professores IC1 e IC11 fica claro que esse elemento é inerente ao esporte porque a própria sociedade é competitiva. Desse modo, o esporte reflete essa característica.

Eu penso que se iguala ao contexto. A sociedade é competitiva. (...) Como a sociedade é competitiva o esporte se tornou isso. (IC1)

(...) a competição existe na essência da sociedade, em qualquer âmbito tu vais encontrar isso e, a partir daí, o esporte surge, como uma maneira de tu se destacar em uma determinada situação. (IC11)

Para o professor IC2, essa característica sempre existiu no esporte. Para ele, o esporte surge na era moderna, porém desde a antiguidade existiam práticas semelhantes, outras manifestações corporais nas quais o elemento de competição estava presente. Eram manifestações para homenagear os deuses em que a competição era consigo mesmo: “no início eles queriam homenagear seus deuses, mas cada um queria mostrar o melhor de si”.

Assim como os professores citados anteriormente, IC2 considera que o esporte ou os jogos, em períodos históricos anteriores, herdaram essa característica da sociedade, independente da época histórica em que estão inseridos.

Na verdade, a vida toda é uma competição. Não é só no esporte. No vestibular, por exemplo, é uma competição. (...) Acho que o esporte adaptou isso a si próprio, pegou as informações que já tinham na sociedade e as pessoas fizeram isso. Eu acredito que a competição existe em qualquer lugar, não apenas no esporte.

Nesse aspecto, podemos aproximar a fala do professor com as considerações de Mandell, discutidas no capítulo anterior, acerca da

origem do esporte, a saber, a competição é o elemento comum que liga todas as manifestações corporais das diferentes organizações sociais existentes, por isso são consideradas esportes.

Tal entendimento se manifesta nas falas dos professores FC2, FC3 e FC6. Destacamos as falas mais significativas dos professores FC3 e FC6. Para o professor FC3, esporte e competição estão atrelados. Considera que o ser humano é competitivo desde quando nasce. Portanto, compete consigo mesmo e contra o outro a todo o momento, para se superar.

(...) eu acho difícil distinguir esporte de competição. Eles vêm atrelados, pois a gente compete desde quando nasce. Então, o esporte é competitivo, sim (...) Na realidade, a gente compete contra a gente mesmo, em qualquer atividade que a gente faz, pois se tu fizeres e achares algum erro, na segunda vez que tu fores retomar, tu vais fazer diferente. Então, penso que a competição está presente sempre no esporte, mesmo que seja contra si mesmo.

No depoimento do professor FC6 também está presente essa característica do esporte. Para ele a sociedade desde sempre foi e continuará sendo competitiva. Porém, afirma que em um determinado momento histórico algumas pessoas perceberam na competição do esporte algumas possibilidades. Segundo o professor FC6,

A competição é uma característica própria do ser humano. Em qualquer situação, a gente está competindo. (...) em uma empresa tem competição. A gente compete desde quando nasce. Às vezes, é uma competição que tu não sentes, uma competição inconsciente. Mas ela existe e eu sou favorável à competição (...) Na verdade, penso que ela sempre existiu. Então, o que aconteceu é que alguém viu nessa competição a possibilidade de criar disputas interessantes, que levariam o público querer assistir e isso já fora descoberto há muito tempo.

Para os referidos professores dos dois grupos a competição é uma característica própria do esporte pelo fato de que o ser humano sempre foi competitivo. Vivendo em sociedade, os seres humanos

competem nas mais diversas situações, seja consigo ou contra outros seres humanos. Tais professores acreditam que não existe esporte sem competição.

Verificamos uma concepção inatista na compreensão de alguns professores em início de carreira. Os professores IC7 e IC9 afirmam que a competição nasce com o ser humano. Isso faz com que a vivência em sociedade seja de maneira competitiva e, no campo esportivo, não seria diferente. De acordo com IC7:

Eu acredito que sim, pelo menos hoje em dia tudo é competição. Competição durante o jogo, competição no treinamento, até na própria escola, qualquer brincadeira que você ensine aos alunos, o lado competitivo aparece. Acho que faz parte do ser humano querer ganhar, querer vencer, querer ser o melhor.

Ao ser questionado se o esporte herdou essa característica da sociedade, ele respondeu que sim: “Por conta de o ser humano ser competitivo e o esporte vem com essa visão”.

Para o professor IC9, o ser humano nasce com as condições necessárias para se tornar competitivo e, ao viver em sociedade, essas condições inatas se desenvolvem.

(...) eu acredito que não vem apenas do esporte. Eu acho que a gente já nasce, vai aprendendo ao longo da vida a ganhar e a perder, não apenas através do esporte, desde pequeno a gente aprende.

A concepção inata sobre a característica de competição no ser humano se apresentou apenas nas falas de 2 dos 12 professores do grupo em início de carreira.

Por outro lado, foi possível verificar a compreensão de que existe um tipo de esporte em que não necessariamente se apresenta o caráter competitivo. Apenas no grupo dos professores em final de carreira notamos esse entendimento. Tais professores admitem que a competição se faz presente apenas nos esportes de alto rendimento, ou seja, no esporte profissional. Portanto, ao falarmos de esporte de alto rendimento subentendemos que existem outros tipos de esporte e é neles que alguns professores consideram a não existência da competição.

De acordo com o professor FC1, a competição é uma característica do esporte de alto rendimento, aspecto não visto no esporte de lazer. Ao perguntarmos se existe esporte sem competição, o professor responde:

(...) existe, lógico, [aquele] que a gente vê nas praças, o pessoal ali fazendo atividade, jogando basquete. Está ali no skate, às vezes, estão ali só para se distrair, mas não seria só isso. Eu acho que não seria só competição, seria mais para o bem-estar, também.

Assim como o professor FC1, o professor FC5 compreende que, dependendo da situação, da atividade, a competição não existe, ao praticar, por exemplo, um jogo de futebol como atividade de lazer.

Tem esporte que é puramente lazer. De repente tu andas de skate e é uma prática de lazer, tu andas de patins é lazer, tu bate bola em um final de semana, chuta a bola para o teu filho, é lazer. Tem esporte que é só lazer.

Esse entendimento existe apenas no grupo dos professores em final de carreira, porque para alguns professores em início de carreira o suposto “esporte de lazer” é, na verdade, um jogo. Para estes o esporte, caso se desfizesse dessa categoria, tornar-se-ia um jogo, pois não há esporte sem competição. Porém, nos jogos também existe competição, mas podem ser modificados para que essa prática adquira um caráter mais cooperativo. Tal entendimento verificamos com os professores IC8 e IC12.

Ao ser questionado se existe esporte sem essa característica, IC8 afirma:

Não existe. Eu acho que, assim, ele se torna um jogo. O jogo que tem a competição também, mas, eu posso estar transformando. Agora, quando é esporte é competitivo. (...) eu acho que é o ponto central do esporte, competir.

Para o professor IC12, no âmbito pedagógico escolar o esporte pode ser modificado, como, por exemplo, ser adaptado a jogos cooperativos, adquirindo outra característica. Para ele, essa característica

se coloca como alternativa ao esporte competitivo. Entretanto, o professor avalia que a competição é uma característica própria do esporte de alto rendimento. Perguntamos-lhe se existe esporte sem competição.

Existe, mas é o que a gente trabalha na escola. Mas no esporte de alto rendimento, todos eles têm competição. Na escola não existe só o esporte de competição, a gente tem várias outras maneiras de trabalhar sem focar na competição. Eu procuro adaptar os esportes aos jogos cooperativos, para que todos saiam ganhando.

O embate central nessa discussão foi a existência ou não do elemento competição nos esportes. Mas até que ponto podemos afirmar que uma manifestação pode ser considerada esporte pelo simples fato de haver competição? O fato de uma pessoa ou um grupo de pessoas estarem jogado umas contra as outras faz com que essa prática seja esporte? Perceber, de maneira imediata, o elemento de competição em uma manifestação corporal não significa que seja um jogo ou esporte. Pensando assim estaríamos conceituando de maneira empírica algo de que nos apropriamos de modo direto, sem mediações – o que no ensino pedagógico da Educação Física poderia conduzir a dificuldades explicativas. Portanto, poderíamos contestar as considerações do próprio Mandell. O autor afirma que a competição é o elemento que interliga todas as manifestações presentes nas diferentes formas de sociedade e que, por isso, as consideram como esporte.

Retomando a análise das entrevistas, mais uma vez houve aproximações e distanciamentos nas falas de ambos os grupos. Aproximações no que se refere à questão de que o esporte é competitivo porque a própria organização social é e sempre foi competitiva. Nesse sentido, na compreensão de muitos professores, não há como o esporte se eximir dessa categoria, uma vez que, em nossa sociedade, a competição está presente em todas as situações da vida social. Por outro lado, os distanciamentos se efetivam quando parte dos professores em início de carreira vão além da compreensão de que o esporte é competitivo porque a sociedade é desse modo. Há aqui uma revelação importante. Para esses professores o ser humano nasce com essa característica; em vista disso, suas compreensões se configuram em uma concepção inata do ser humano, dependendo apenas de situações sociais que propiciem o afloramento do que está biologicamente dado. Já outros

professores deixaram a entender uma concepção histórico-social dessa questão, ao afirmarem que o esporte é competitivo porque a sociedade se configurou desse modo em seu desenvolvimento histórico.

Aqui se apresenta um questionamento interessante, podendo reverter a situação e causar uma aproximação entre as compreensões: para os professores que sustentam que o esporte é competitivo porque reflete o modo de sociabilidade, a sociedade é competitiva porque os seres humanos nasceram competitivos (concepção inatista), ou porque as atividades realizadas pelo conjunto dos homens – ou seja, no âmbito social – fizeram com que a sociedade se desenvolvesse de maneira competitiva e, conseqüentemente, os indivíduos se tornam competitivos (concepção histórico-social)?

Para encerrar, destacamos outro ponto de vista: a existência de um tipo de esporte desprovido da característica de competição. Essa compreensão encontramos em apenas 2 professores em final de carreira. Para eles o esporte de competição é aquele que apresenta alto rendimento, ou seja, o esporte profissional. Porém, jogar futebol com os amigos em um final de semana, praticar o basquete ou andar de skate em uma praça não apresenta caráter de competição, configurando-se como esporte de lazer. Aos professores em início de carreira, essas mesmas atividades se apresentam como jogo.

De modo geral, a compreensão dos dois grupos se aproximam, pois, todos os professores IC e 6 dos 8 professores FC consideram a competição uma categoria imanente ao esporte.

4.4 A FORMAÇÃO DE ESPORTE NA FORMAÇÃO INICIAL DOS PROFESSORES

Os depoimentos dos professores até aqui analisados possuem compreensões parecidas, mas também diferenciadas dependendo do tema discutido. Entendemos que tais compreensões se constroem a partir de formações, seja em ambientes formais ou informais. Para podermos entender como os professores se apropriaram do conceito esporte por meio de um dos ambientes formais – a formação profissional inicial –, partimos para o quarto tema desta pesquisa: que formação de esporte esses professores tiveram em suas formações iniciais? Consideramos que a questão a ser analisada agora pode fornecer elementos importantes para compreendermos até que ponto a concepção sobre esporte dos professores se construiu nas formações iniciais.

A aproximação dos grupos em relação ao tema em análise foi o conhecimento técnico dos esportes de que ambos se apropriaram na

formação inicial. Embora isso tenha ficado mais evidente no grupo dos professores em final de carreira – todos afirmaram que o ensino das técnicas predominou em suas formações iniciais – notamos que os professores formados a partir de 2008 também destacam esses conhecimentos como parte de suas formações.

A diferença maior entre ambos partiu dos professores em início de carreira. Boa parte desses professores afirmaram que os conhecimentos do esporte na graduação ancoravam-se em um viés crítico, citando a perspectiva Crítico-Superadora como concepção teórico-metodológica que guiava o trato pedagógico dos objetos da Educação Física, entre eles o esporte. Tal concepção não se expressou nas falas dos professores em final de carreira.

Ao entrevistarmos os professores em final de carreira ficou evidente, em suas falas, a prevalência, nas formações iniciais de todos, dos conhecimentos das regras, fundamentos, técnicas dos esportes – principalmente dos esportes hegemônicos – técnicas das modalidades de atletismo, natação e os históricos de cada esporte – a explicitação de datas e fatos históricos – privilegiando, novamente, aos hegemônicos. As aulas desses professores, segundo eles, eram divididas em teoria e prática. Isso fez com que os conhecimentos tratados em sala de aula se constituíssem como “aulas teóricas”. Posteriormente, ocorria a execução das modalidades nas quadras, na piscina, na pista de atletismo, que se estabeleciam como “aulas práticas”. Destacamos as falas dos professores FC3, FC5 e FC6, em que expressam enfaticamente quais os conhecimentos abordados na graduação desse grupo.

Todas as hegemônicas, voleibol tivemos 1 e 2, basquete tivemos 1 e 2, tivemos 4 disciplinas de atletismos, cada um com a sua especificidade. Era separado sempre a parte teórica. O atletismo, principalmente. Até hoje se pedirem para mim escalonar uma pista eu sei escalonar. Vejo que hoje muitos acadêmicos não sabem nem o que é um escalonamento. Então, a gente trabalhou desde a arbitragem, súmulas, tudo o que tu possas imaginar dentro do esporte foi trabalhado na minha formação. (...) A parte teórica e a historicidade de cada modalidade esportiva. Nós tínhamos aulas de fisiologia e anatomia muito ligadas ao esporte. O funcionamento técnico de cada musculatura, como tratar, como movimentar, as partes técnicas de uma braçada, de um salto

triplo, partes técnicas de um toque, todas as partes técnicas nós tivemos, dentro da grade da licenciatura. (FC3)

Era o aprendizado dos fundamentos. Eles ensinavam a gente a conhecer basicamente todos os fundamentos. No basquete, aprendemos o passe, arremesso, drible com giro, sem giro, com troca de mão, sem troca de mão; no vôlei, a mesma coisa, aprendemos o bloqueio, o toque, a manchete, etc. Então, a gente aprendia todos os fundamentos (...) Tinha as matérias paralelas também como: o atletismo e as ginásticas. Dentro das quatro modalidades, a gente tinha: o basquete, o vôlei, o handebol e atletismo. Era fundamento e conhecimento das regras. (FC5)

(...) eu aprendi muita coisa na faculdade. Tive um excelente professor de atletismo. Natação, também, aprendi bastante. Tive bons professores de tênis de campo, handebol, voleibol, basquete (...) Aprendi a fazer exercícios repetitivos que depois levariam à concretização do esporte em si. Exercícios pedagógicos, passe, arremesso, como ensinar? Regras, fundamentação histórica, exercícios educativos. (FC6)

Chamou-nos atenção a fala do professor FC3 ao lembrar do ensino “interdisciplinar” que vivenciou no curso. Ele cita as disciplinas Cinesiologia e Anátomo-fisiologia, e explica que os conhecimentos técnicos, propriamente ditos, dos esportes eram também estudados nessas disciplinas.

Dentro da minha formação, todas as disciplinas eram interdisciplinares. Como nós tivemos a formação do futebol? Nós íamos na disciplina de Fisiologia e na disciplina de Cinesiologia para saber qual foi o movimento que a gente fez.

Ressaltamos, na fala do professor FC3, que sua formação foi predominantemente esportivizada: “nossa linha era realmente a prática esportiva, esportivizado”.

Por sua vez, os professores em início de carreira também reconheceram que os conhecimentos técnicos fizeram parte do currículo de suas formações. Entretanto, prevaleceu, em suas falas, o conhecimento crítico do esporte. Assim, foi possível identificar um movimento dialético de ruptura e continuidade no trato pedagógico nessas formações. Nesse movimento, o ensino das técnicas se manteve presente na formação dos dois grupos de professores, havendo uma continuidade no processo formativo. Contudo, sem negar o conhecimento técnico, o processo de formação dos professores em início de carreira sofreu um salto qualitativo ao tratar os objetos da Educação Física de forma crítica – contestando o modo de organização social vigente pelas manifestações da Cultura Corporal. Sendo assim, percebemos um distanciamento significativo entre os dois grupos em relação às suas formações iniciais.

Dos professores em início de carreira, realçamos as falas dos professores IC2, IC5, IC7 e IC12, pois mencionam de forma categórica a maneira teórico-metodológica com que o esporte lhes foi apresentado. Os professores afirmaram que as perspectivas Crítico-Superadora e Crítico-Emancipatória foram as concepções metodológicas que serviram como base no trato dessa manifestação corporal.

Segundo o professor IC2, a concepção Crítico-Superadora fez parte de sua formação para ensinar os objetos da Educação Física. Ele lembra que seus professores contestavam o ensino dos esportes de maneira esportivizada, e que essa maneira não poderia ser tratada nas escolas. De acordo com IC2:

As concepções que nós trabalhávamos eram mais dentro da perspectiva Crítico Superadora. (...) eu não posso ser diretamente esportivizada, técnica. Não posso exigir da criança um arremesso perfeito do Handebol. Ela precisa saber que existe esse tipo de arremesso, mas vai praticar da forma como ela consegue.

Sem deixar de aprender os conhecimentos técnicos, os quais foram citados anteriormente, o professor IC2 lembra que na faculdade, ao abordar alguma modalidade esportiva, os professores enfatizavam a forma de como tratá-las na escola. Ou seja, fazer as ligações entre esporte e sociedade.

Entender o porquê e qual é o intuito dele na sociedade, o lado negativo que é o lado do capitalismo. Mas, eu posso trabalhar diferente. Na faculdade, quando a gente abordava o tema, por exemplo o futsal, tivemos o histórico, os fundamentos, as técnicas, toda essa parte. A gente teve todo esse conhecimento. Mas, depois veio a parte pedagógica, como abordar? De que forma trabalhar na escola e por que o esporte domina tanto a sociedade? Por que todo mundo é fanático em jogar bola, jogar futebol?

Segundo IC7, o esporte foi abordado pelo viés crítico por parte de alguns professores. Por parte de outros, foi tratado de maneira técnica. Quando ensinado nas escolas, os professores críticos afirmavam que era preciso que os professores mostrassem aos alunos o lado “ruim” do esporte. Ou seja, além de ensinar-lhes os conhecimentos das regras, técnicas, fundamentos era preciso, também, mostrar sua forma excludente, competitiva, próprias do esporte dessa sociedade.

A concepção era sempre mais crítica, eles queriam que a gente trabalhasse o lúdico, mas antes mostrasse, digamos, o lado ruim e, a partir dali, modificasse. Então, tinha que mostrar o lado feio, o lado que excluía, o lado que selecionava e depois a gente sempre dava aquela instigada no aluno.

Importante ressaltar que a proposta pedagógica da Educação Física destacada pelo professor IC7 é a Crítico-Emancipatória. Em conformidade com tal proposta, segundo IC7,

(...) tinha que fazer a brincadeira em que ela excluía e depois fazer uma roda de conversa e perguntar o que aconteceu, se gostaram do que aconteceu, se foi bom ficar de fora. É legal ficar sentado? Ou é melhor estar participando? Fazer esses questionamentos.

Portanto, a partir disso, o professor afirma que na graduação ficou claro que o trato com o esporte precisava mudar. No âmbito escolar, o esporte tinha que ter o caráter lúdico, recreativo, podendo ter a

possibilidade de mudar suas regras, no intuito de haver maior integração entre os alunos.

(...) tinha que trazer essa parte lúdica, recreativa. (...) Então, daí vinha o esporte para todos e tinha que integrar todo mundo e podia modificar regras e é o que a gente faz normalmente com o 4º e 5º ano. A gente apresenta as regras, mas a gente vai fazer as nossas regras, porque não é justo ficar sentado olhando de fora. Então, eles mostravam a parte voltada para o rendimento e depois a gente fazia a modificação.

Pela fala do professor IC12, o ensino dos esportes em sua formação inicial propiciou-lhe a apropriação dos esportes hegemônicos, bem como os esportes alternativos. Sendo assim, os conhecimentos técnicos se faziam presentes. De acordo com ele, os professores da graduação “transmitiam os conhecimentos, as regras dos esportes que era a forma que eles passavam para a gente tentar trabalhar nas escolas”.

Assim como os professores investigados anteriormente, o professor IC12 destaca as concepções críticas da Educação Física abordadas na faculdade. E, tal como IC7, lembra que o ensino dos esportes não deveria privilegiar o aspecto da competição com os alunos na escola.

Nas perspectivas Crítico-Superadora e Crítico-Emancipatória, fazer o aluno pensar, fazer o aluno refletir (...) sem dar tanto enfoque na competição, que hoje a gente vê muitas brigas devido à competição.

Portanto, a maneira como os professores deveriam ensinar os esportes na escola, segundo sua formação inicial, era primeiramente fazer um diagnóstico dos alunos, compreender o que eles sabem e o que não sabem sobre as modalidades. Após esse primeiro momento, tratar dos conhecimentos propriamente ditos dos esportes.

(...) na primeira aula, para trabalhar o esporte, eu deixo eles livres para ver o que eles sabem. Depois, procuro passar a primeira forma que foi criada o esporte, a quantidade de pessoas, se era com regras, sem regras e, depois, a história, as regras, as modificações que tiveram, toda a

evolução para chegar até como é hoje. Assim eles vão percebendo como foi se modificando.

Na fala do professor IC5 é perceptível uma formação mais consistente do esporte em sua formação inicial. Assim como os demais, ele comenta que a proposta da Educação Física em que foi tratado o esporte na graduação foi a Crítico-Superadora. Sendo assim, afirma que “O que foi passado, direcionado, era de sempre ter um olhar crítico sobre cada esporte”.

O que nos chamou atenção em seu depoimento foi o requisito pedagógico que se deveria ter ao tratar o esporte na escola. Tal requisito encontra-se em um dos princípios curriculares do trato com o conhecimento expresso na proposta Crítico-Superadora: a contemporaneidade do conteúdo.

De acordo com o professor IC5, a partir desse princípio, na graduação, “era colocado sempre o melhor do esporte, a gente aprendia tirando como modelo o esporte hegemônico, o que tinha de melhor de cada esporte”.

Ficaram expressos, na fala desse professor, os aspectos do esporte para além das regras, técnicas, fundamentos, etc. No curso, teve a oportunidade de se deparar com um ensinamento do esporte envolvendo aspectos sociais, econômicos, políticos e midiáticos, condição indispensável no desenvolvimento do pensamento crítico. Nessa direção, o professor cita o trato com o voleibol em sua formação, o qual lembra que era:

(...) sempre com um olhar crítico. O porquê daquele esporte, por que que tinha esse modelo, por que dessas regras, esses horários, esse tempo de duração, até as mudanças que acontecem e que aconteceram nos esportes. Por que o vôlei mudou? Mudou para ter uma melhor aceitação na grade da televisão. Sempre um olhar por trás do esporte”.

Portanto, o professor afirma que no ambiente escolar o ensino do esporte não é

(...) para formar atletas ou formar vitoriosos. A gente vai para ensinar e para repassar, também, a questão que os alunos possam adquirir um olhar crítico e saibam onde estão inseridos, qual o verdadeiro objetivo do esporte, digamos assim.

Questionamos o professor com relação ao tal “olhar crítico” sobre o esporte que ele cita. Conforme relata, sua formação do esporte na graduação permitiu-lhe compreender que, na escola, para desenvolver o olhar crítico nos alunos, o professor precisa

(...) estar sempre instigando, questionando, dar condições para que os alunos possam pensar sobre o esporte, não apenas praticar o esporte. Mas, saber que na hora que eles estão praticando os esportes na escola, por que que é só aqueles quatro esportes hegemônicos e não tem um leque maior de esporte para estar praticando? Por que quem estuda no colégio particular tem uma diferenciação do colégio público? Por que quem tem um poder aquisitivo, financeiro, melhor, consegue ter os melhores materiais, um tempo maior de prática de esporte? Por que a sociedade é dessa forma tão excludente, que diferencia tanto as classes? Então, através do esporte, perceber essa luta de classes. Mostrar também, para cada aluno, qual o seu papel, sua importância para a sociedade e que ponto ele está na sociedade, qual classe ele faz parte.

Para finalizar a exposição da concepção de esporte na formação inicial do professor IC5, destacamos a visão que ele teve do esporte na graduação. Foi no ambiente acadêmico universitário que se apropriou de um conceito de esporte que lhe permitiu enxergá-lo como uma ferramenta de manipulação de massas.

(...) na graduação eu vi que o esporte é uma ferramenta de manipulação, uma forma de mascarar, ele é um seguimento da sociedade.

Contudo, na escola, o professor entende “que através do esporte nas nossas aulas é uma forma de estarmos tentando clarear, compreender, esclarecer um pouco a nossa sociedade”.

No processo de análise e síntese das falas dos professores FC, pode-se perceber que tipo de ensino esteve fortemente colocado em suas formações iniciais. Nesta altura, convém destacarmos o estudo de Davídov (1988) sobre o ensino tradicional. Consideramos importante esse debate para entendermos as compreensões de esporte dos professores. De maneira geral, o modelo de formação presente ainda nas

universidades atende predominantemente à lógica formal. Embora o debate sobre esporte tenha avançado significativamente nas últimas décadas nos cursos de Educação Física – principalmente onde as propostas críticas progressistas se fazem presente, especialmente a Crítico-Superadora –, o trato pedagógico acadêmico ainda se mantém atrelado ao modelo tradicional. O campus universitário não está alheio ao mundo real. Longe disso. Coloca-se como espaço importante na manutenção da ordem social vigente. A superação, no sentido dialético, desse quadro é, portanto, necessária, se quisermos um conhecimento que apreenda a realidade em totalidade, um método de ensino qualitativamente diferente do método lógico-formal.

Entendemos por método lógico-formal de ensino aquele que pretende transmitir conhecimentos e habilidades utilitário-empíricos, ou seja, aqueles conhecimentos mínimos que poderão ser utilizados no mercado de trabalho e na vida social cotidiana. (DAVÍDOV, 2017).

Isso posto, os conhecimentos da Educação Física que são transmitidos aos acadêmicos atendem a essa lógica de maneira soberana, pois se encontram em um ambiente de formação profissional, ou seja, formação que prepara para o mercado de trabalho.

Ressaltamos que as considerações precisas de Davídov sobre a lógica formal se remetem, em seus estudos, à educação básica. Entretanto, nosso objetivo é fazer aproximações com o ensino que perpassa os ambientes universitários, sem desconsiderar suas especificidades, no caso a formação profissional.

A lógica formal, método da escola tradicional, possui uma função social. Essa função é selecionar conhecimentos e habilidades utilitário-empíricos, como também determinar e projetar a fisionomia espiritual geral, o tipo de pensamento dos alunos que por ela passam. Fixa nos alunos as leis do pensamento empírico racionalista discursivo, próprio da prática cotidiana do homem. Tal pensamento tem um caráter classificador e limita-se às particularidades e características externas dos objetos e fenômenos, sem relacioná-los com a natureza a sociedade, sendo insuficiente para assimilar o espírito autêntico da ciência contemporânea e os princípios de uma relação criativa, ativa e de profundo conteúdo da realidade, ou seja, a compreensão das contradições internas das coisas. (DAVÍDOV, 2017).

Percebemos que a formação de esporte dos professores FC atende a essa lógica quando os mesmos descrevem que os conhecimentos que lhes foram transmitidos na graduação se restringem aos conhecimentos técnicos, imediatamente dados no esporte.

De acordo com os professores, a transmissão dos conhecimentos dos esportes na graduação partiu daquilo que percebemos de maneira direta dessa manifestação. Ao relatar o que aprenderam sobre o esporte na formação inicial, os professores FC responderam que os conhecimentos das regras, fundamentos, técnicas e os históricos dos esportes – esse último traduzido como conhecimento teórico – predominaram em suas formações.

Portanto, a apropriação desses conhecimentos enquadra-se ao campo empírico do conhecimento. A apropriação restrita a esses conhecimentos não permite que os professores compreendam teoricamente o objeto esporte.

4.5 A COMPREENSÃO DE ESPORTE COMO OBJETO DE ENSINO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Chegamos ao último tema de nossas entrevistas com os professores de Educação Física. Essa questão objetivou possibilitar-nos entender como os professores entrevistados compreendem o esporte como objeto de conhecimento nas aulas dessa disciplina. Com base no que foi dito pelos professores nas questões anteriores, podemos vislumbrar diversas perspectivas, conceitos que norteiam, de alguma maneira, o trato pedagógico do esporte dos professores. Isso significa que a compreensão do esporte expressa nas discussões dos temas anteriores possivelmente refletirá na abordagem dessa manifestação em suas aulas.

No início deste trabalho, nos questionamos se o trato pedagógico com os objetos da Cultura Corporal possibilita o desenvolvimento do pensamento dos alunos e indicamos que almejamos um ensino que possibilite o desenvolvimento do pensamento teórico dos estudantes a partir da compreensão essencial do esporte. Portanto, a pergunta que nos fazemos agora é: a compreensão de esporte dos professores de Educação Física entrevistados, que pode guiar sua atividade de ensino, oferece condições para o desenvolvimento desse tipo de pensamento nos educandos?

Diversas compreensões se apresentaram nos dois grupos. Entre elas está a de que o esporte nas aulas de Educação Física tem a função de desenvolver no aluno o interesse pela prática da atividade física (esporte) e, assim, melhorar sua aptidão física e obter qualidade de vida. Também notamos a compreensão de que o esporte contribui para uma constituição moral nos estudantes. Isso ocorreria a partir da apropriação de regras que, segundo alguns professores, fazem parte de quaisquer

ambientes da vida social. Além disso, revelou-se o entendimento de que o esporte se constitui em ótima prática que possibilita a socialização, o respeito e a disciplina nos alunos.

Essas “funções” do esporte nas aulas de Educação Física podem ser constatadas nas respostas dos professores de ambos os grupos quando instigados a falar sobre esse tema. No grupo dos professores em final de carreira, o professor FC1 considera o esporte como um componente curricular da Educação Física importante para promover um estilo de vida saudável, pois ao se apropriarem dos conhecimentos dos esportes nas aulas, os alunos poderão desenvolver o gosto pela atividade física.

Eu compreendo que a gente tem que tentar passar o básico, seja para as crianças ou para os adolescentes, as regras básicas de cada modalidade, para eles aprenderem um pouco de cada um. A atividade física é importante na vida adulta, pois é preciso sempre estar ativo, jogar uma bola, caminhar, para ter um estilo de vida melhor. A gente vê hoje, os jovens estão todos nesses celulares, estão muitos sedentários.

O termo “ativo”, expresso na fala do professor, significa que o ser humano sente a necessidade natural de se exercitar e, por isso, recorre ao esporte para supri-la. A mesma compreensão se apresentou no professor FC5. Encontramos em sua fala referência à capacidade que o esporte tem de promover o prazer pela atividade física e, com isso, melhorar as capacidades físicas. Tal promoção permitiria ao aluno ter um estilo de vida ativo.

(...) eu compreendo o esporte enquanto um conteúdo importante na medida que ele leva o ser humano a praticar a atividade física. Então, eu vejo o esporte assim, como um elemento agregador, como um elemento importante, para que eu possa atingir os meus objetivos, que é fazer com que ele pratique a atividade física. (...) Eu percebo isso às vezes aqui, vejo aluno que é bom nos jogos. Eles respondem rapidamente algumas questões, são ágeis e outros não. Então, eu acredito que tem relação, a pessoa que pratica atividade é mais ativa, é mais esperta, a resposta deles é mais rápida.

Novamente aqui, assim como nas falas de outros professores, se expressa um juízo de valor. Ele acredita que o indivíduo que pratica atividade física desenvolve algumas capacidades psicofísicas e aquele que não pratica não as desenvolve. A análise que o professor realiza não toma em consideração as condições objetivas constituídas historicamente, limitando a compreensão de desenvolvimento unicamente à tomada de decisão do sujeito.

Esse entendimento pedagógico do esporte se aproximou com o de parte dos professores em início de carreira: 4 dos 12 entrevistados afirmaram que o esporte possui, entre outras, essa finalidade nas aulas. Destacamos a fala do professor IC12 que expressa essa compreensão. Segundo ele, o esporte nas aulas de Educação Física desenvolve o

(...) prazer da atividade física, que eles sintam a necessidade de estarem sempre praticando qualquer atividade física como fonte de prazer.

O esporte como fator de socialização e integração social se fez presente nas compreensões dos professores dos dois grupos. 4 professores dos 8 FC e 3 professores dos 12 IC compartilham dessa ideia, o que fez ocorrer uma pequena aproximação entre ambos. Para esses docentes, o ensino dos esportes nas aulas de Educação Física propicia a socialização dos alunos e o respeito entre eles.

No grupo dos professores em final de carreira, o professor FC3 compreende que o esporte é um importante fator de integração social dentro e fora das aulas.

Tu participando de jogo, tu vais conhecer pessoas de todos os lugares. Fora da quadra, fora da disputa, tu vais ter amizades, lá dentro da quadra é outra situação, lá dentro do campo é outra situação, dentro da pista é outra situação. A partir do momento que tu estas socializando, tu não enxergas o outro como inimigo, é como teu oponente, com respeito. Então, é isso que eu tento passar para os meus alunos, se respeitarem e lá fora vamos brincar, vamos se conhecer.

FC7 compartilha dessa “finalidade” do esporte em sua disciplina. Ao perguntarmos qual a contribuição do esporte para a formação do aluno, o professor destaca:

A socialização, o respeito, o teu limite. Só o fato de saberes o teu limite, a socialização, o respeito com teu colega, o movimentar o corpo, tudo isso já tem um grande ganho na escola.

Tais contribuições, para o professor FC7, serão alcançadas a partir do momento em que o aluno se aproprie dos conhecimentos propriamente ditos dos esportes, por exemplo, regras, fundamentos etc. É durante a transmissão desses conhecimentos que os alunos aprenderão a se socializar, se respeitar.

No esporte em si, é claro que tu vai estar trabalhando fundamentos, vai estar trabalhando regras, mas no decorrer da atividade é que tu vais estar cobrando isso.

No grupo em início de carreira, esse entendimento de caráter mais ético se expressa nas falas de alguns professores. O esporte, para eles, é uma forma de desenvolver o respeito entre os alunos, fazer com que saibam agir de maneira correta nas derrotas e também nas vitórias. Novamente aqui verificamos uma educação moral dos estudantes pela prática do esporte.

Para representar a compreensão desses professores, apontamos a fala do professor IC9. Ele considera que é

(...) importante, porque ele tem as regras. Então, acho que é importante a criança aprender a seguir regras desde pequena, acho que trabalha muito isso na criança, questão de contato ali com o outro, respeitar, colaborar, socializar também! Não deixa de ser. Aprender a ganhar e a perder.

Consideramos que o ensino dos gestos técnicos e sua aprendizagem pelos alunos os possibilitarão frequentar espaços e grupos sociais antes não frequentados. Quem possui mais chances de fazer parte de um grupo de pessoas que jogam vôlei frequentemente e, por isso, possuem um domínio técnico-tático? O indivíduo que possui um domínio mínimo desses aspectos ou que não os possui? A resposta parece óbvia. No entanto, o que devemos, então, nos perguntar é se a Educação Física deve se limitar a ensinar esses aspectos. Ou, se essa possibilidade é uma de suas funções, mas que não se esgota em si mesma.

No depoimento dos professores FC5 e FC7, identificamos a defesa de que as aulas de Educação Física, pela prática esportiva, possuem a finalidade de aliviar as tensões dos alunos que seriam causadas pelas disciplinas de “sala de aula”. O professor FC5 defende que a aula de Educação Física precisa propiciar um momento de relaxamento do aluno, portanto, o esporte em suas aulas pretende ter o caráter recreativo.

O esporte tem que ser recreativo. Não vou dizer que ele não pode ser competitivo, tem que ser competitivo se não tu não consegues dar aula. Mas, ele tem que ser recreativo, tem que unir todo mundo (...) Acho que tem que ser isso, mesmo se o aluno não pode jogar, mas ele precisa estar ali, participando sempre. O esporte tem que unir as pessoas, não pode ser diferente. E tem que ser prazeroso, eu tenho que chegar na sala e meu aluno brilhar os olhos e dizer: “oba! Hoje tem Educação Física!” Não posso ser um carrasco. Na minha visão, tem que ter o momento de “desestressar” do aluno. Hoje, a escola joga uma carga de ensinamento ao aluno onde todo o dia é prova. Então, na Educação Física, a gente tem que trazê-lo para ele dizer: “ufa, relaxei, é aqui mesmo que eu vou me encontrar”. Tem que ser isso, essa é a minha visão.

Segundo o professor FC7, o esporte nas aulas de Educação Física precisa ser prazeroso para o aluno. A introdução do esporte na Educação Física precisa ser

(...) de uma maneira recreativa para os alunos. Eu considero mais importante isso. Na Educação Física não devem levar eles para a rua só para aprender o esporte, isso e aquilo, não interessando se o aluno gosta ou não. Eu acho que tem que ser prazeroso. Porque, a partir do momento que uma pessoa não gosta de fazer – porque tem aqueles que não gostam e fazem por obrigação – ele vai perdendo ainda mais o gosto. Então, tu tens que tornar aquela aula prazerosa, gostosa.

Verificamos outra pequena aproximação entre os grupos. Há professores que veem no ensino das regras do esporte a possibilidade de mostrar aos alunos que na sociedade também há regras a serem cumpridas. Ficou evidente que o entendimento para alguns professores é de que o esporte contribui para a adaptação do aluno à sociedade. Ao serem questionados por que é importante abordar o esporte nas aulas de Educação Física, os professores IC11 e FC3 responderam:

Porque essa questão de limites, de regras, de estratégias, essas características do esporte precisam ser trabalhadas na escola, eu acho que está na veia da escola. No meu ponto de vista é que faz parte dos objetivos da escola, com a criança, tipo, “pera aí, não é tudo que eu posso fazer”, tem que ter esse limite de liberdade e libertinagem e eu acho que o esporte auxilia nesse sentido, de estabelecer regras, de estabelecer limites, de fazer o aluno pensar em qual a maneira certa de alcançar um determinado objetivo, entendeste? Que outras manifestações não irão proporcionar. Então, para mim, o esporte na escola vem com esse objetivo e por isso eu acho essencial na nossa realidade hoje. Então, eu acho que esse é o objetivo da escola e que tá se perdendo. Mostrar ao aluno que nesse lugar há determinadas regras, que não pode agir de qualquer maneira, em qualquer lugar. Eu acredito que o esporte vem como um instrumento para isso. (IC11)

Do esporte escolar que o aluno venha para se divertir, que venha para aprender, para poder expor que lá fora existem regras a serem seguidas. Terem o conhecimento dessas regras, cada esporte que a gente trabalha a gente trabalha o histórico, trabalha a movimentação, as regras, a atividade, o fazer e tudo é uma consequência dentro da escola. (...) O esporte delimita o ser humano como um cumpridor de regras, como lidar com as frustrações, superação. (FC3)

Como vimos, há muitas similaridades nas compreensões do tema nos dois grupos de professores. Mas, ao analisar as entrevistas, foi possível também observar diferenças. A maioria dos professores em

início de carreira expressou uma concepção pedagógica crítica no ensino dos esportes nas aulas de Educação Física. Traduzindo em dados quantitativos, 6 professores dos 12 entrevistados afirmam que é possível desenvolver o pensamento crítico dos alunos a partir do trato pedagógico do esporte. Apenas na fala de um professor foi possível encontrar a perspectiva da “Psicomotricidade” da Educação Física. IC1 afirma que o esporte pode contribuir no auxílio às outras disciplinas do currículo escolar.

Eu acredito que através do esporte a criança pode melhorar o seu desenvolvimento nas outras áreas de conhecimento da escola, entendeu? Uma simples atividade pode auxiliar muito a criança, tanto na Educação Física, quanto na Matemática, no Português etc.

Lembramos que essa perspectiva, a psicomotricidade, esvazia a Educação Física em termos de conteúdo,

Em relação à possibilidade da formação de alunos críticos pelo ensino dos esportes, a maioria dos professores em início de carreira acredita que essa manifestação, dependendo da forma com que for abordada metodologicamente no processo didático, pode fazer com que os alunos compreendam a si mesmos e o contexto social em que estão inseridos. Esses professores expressam a possibilidade de aproximação do aluno com a realidade mediada pela apreensão do conhecimento do esporte. Vale ressaltar que este entendimento está presente na perspectiva Crítico-Superadora, citada pelos próprios professores.

O professor IC5 afirmou que nas aulas de Educação Física o aluno precisa conhecer o máximo de modalidades esportivas possíveis e não apenas os hegemônicos, que predominam na escola. Na perspectiva Crítico-Superadora, é possível encontrar o entendimento que a apropriação máxima da Cultura Corporal é condição indispensável na formação humana do aluno.

De acordo com IC5:

Para mim ele tem que conhecer o maior número de esportes possíveis, mas não necessariamente ele precisa desenvolvê-los bem, porque às vezes o aluno não tem... Não vou nem colocar qualidade técnica, mas ele não tem, digamos assim, preparo físico. Ou ele é iniciante, ou ele não gosta daquele esporte, então tu colocas o maior número de

esportes possíveis, práticas possíveis, para que ele entenda, que ele saiba que existe aqueles esportes e para que ele possa compreendê-los

Para o professor IC8 o esporte se apresenta na sociedade de modo bastante competitivo e excludente. Diante disso, o trato pedagógico do esporte nas aulas de Educação Física pretende fazer com que o aluno enxergue e conteste essas questões.

Hoje o esporte como vem para o aluno ele só contribui para afirmar aquilo que a sociedade reforça, que quem ganha é melhor e quem perde não é bom e ele seleciona e exclui. Já a Educação Física tem que trabalhar essa outra visão, de por que que exclui, por que ele é assim, por que eu posso fazer e tu não pode, por que que eu posso fazer isso, posso fazer aquilo e aquele outro já é ao contrário. Então o esporte, do jeito que ele está institucionalizado na sociedade, ele exclui e seleciona, demonstra poder, reflete a sociedade capitalista, mas na Educação Física a gente tem que estar transformando esse olhar do aluno sobre o esporte.

O professor manifesta a necessidade de posicionamento crítico frente ao esporte, uma vez que se tomado em si reforça o aspecto de adaptação e acomodamento aos ditames sociais estabelecidos. Reitera, portanto, que a Educação Física tem um conteúdo específico a ser apropriado criticamente pelos alunos.

IC6 lembra que durante a época em que estava na condição de aluno na escola nenhum professor de Educação Física apresentou os conteúdos de forma crítica. Após sua graduação, ele passou a considerar que o ensino do esporte pode ir além do simples repasse de regras. Precisa fazer com que o aluno questione as condições que estão postas na sociedade. No âmbito da Cultura Corporal, as aulas de Educação Física precisam instigar o aluno a questionar essas manifestações e o modo de sua apresentação na sociedade.

(...) eu não tive um professor de Educação Física que me chamou para uma discussão, para pensar além daquilo ali, das regras do jogo. Por que eu aprendo o futebol? Porque todo mundo joga futebol. Por que que eu aprendo o vôlei? Porque

passa na televisão no sábado de manhã. Então, não era um porquê, o que eu posso fazer com o vôlei, qual é a ação que eu posso ter além de simplesmente jogar o vôlei.

A fala do professor IC10 evidencia com maior densidade a contribuição que o esporte pode possuir nas aulas de Educação Física para a formação humana dos alunos. Por isso expomos sua fala de forma íntegra, pela significativa importância que ela expressa. Segundo o professor, o trato com o esporte nas aulas precisa ir além do repasse imediato de conhecimentos técnicos. Necessita fazer com que o aluno se aproprie dessa manifestação cultural entendendo os nexos causais inerentes a ela. O professor considera que esse processo pedagógico possibilita o desenvolvimento de um aluno crítico e mais desenvolvido no sentido do gênero humano. Ao perguntarmos sobre a importância do ensino do esporte nas aulas de Educação Física, o professor respondeu:

Na nossa condição de professor, a gente tem que transmitir a cultura que foi desenvolvida histórica e socialmente e, aprender alguma modalidade esportiva, é passar a história, a cultura que foi trabalhada. É aí que reside sua importância. Se a gente pensar em se apropriar do esporte no sentido muito pragmático, se torna muito limitante, pequeno. Eu me aproprio disso para me desenvolver enquanto ser humano, para me relacionar melhor com o mundo. Se eu conseguir fazer uma leitura de mundo hoje, amanhã ou depois e me apropriar disso, melhor. Ser um ser humano mais completo, mais desenvolvido em suas diferentes possibilidades, entender o mundo de forma mais complexa e menos imediata. Por isso é importante a transmissão da cultura. Então, é importante ensinar o esporte para o aluno? Claro que é importante, pois faz parte da cultura dele. Mas, a gente precisa ensinar e apenas reproduzir? Não! Se fizermos isso estaremos limitando o aluno a um único modelo. Mas, a partir de outros modelos de jogos, de manifestações da Cultura Corporal, como a gente faz uma crítica a isso? O que tem de positivo e o que tem de negativo nesse modelo ou em outras tantas possibilidades? Inclusive da possibilidade efetiva de aprendizado, da possibilidade efetiva da execução, da

possibilidade de participação, da possibilidade de mudanças nessas atividades. E discutir sobre isso, fazer com que eles interajam nisso, é fazer com que eles assumam o protagonismo, tomem decisões, pensem sobre os assuntos. E nessa dinâmica é que eles estão se desenvolvendo enquanto seres humanos. A gente cria uma cultura de fazer com que eles não simplesmente aceitem as coisas como estão, mas para além da Cultura Corporal, nas relações de trabalho, de família, com amigos. Por que o aluno tem que ter uma postura de aceitação simples e direta? Ou ele pode ter uma postura mais crítica? A gente tem que fazer isso de forma mais qualificada e não um simples repassador daquilo que já está colocado. Tem que tentar dar um caráter diferenciado para superar.

Notamos na explicitação do professor IC10 um ensino de esporte que se aproxima do tipo de desenvolvimento que almejamos aos alunos. Sem desconsiderar as múltiplas mediações existentes nesse processo, acreditamos que uma abordagem dos conteúdos da Cultura Corporal, entre eles o esporte, precisa ir além do repasse de informações. Consideramos informações a simples transmissão de regras, fatos históricos, técnicas etc. Não estamos descartando esses conhecimentos. São conhecimentos. No entanto, o repasse imediato dessas informações, em sua forma meramente empírica, não possibilita o desenvolvimento do pensamento teórico dos estudantes. Pelo contrário, se coloca como obstáculo para tal finalidade.

Transcender os limites da quadra, campo ou pista de atletismo, no sentido análogo e, assim, fazer com que os estudantes se apropriem de aspectos culturais, políticos, econômicos que estão presentes no objeto esporte contribui para seu entendimento teórico.

Como visto, esse tema também possui compreensões diversas. Talvez compreensões decisivas que guiam o trato pedagógico dos professores. As aproximações ocorreram pelo entendimento de que o esporte é importante nas aulas de Educação Física para uma espécie de manutenção da condição fisiológica dos alunos. Ou seja, o esporte como atividade que promove o desenvolvimento da aptidão física dos alunos e um estilo de vida saudável. Também se apresentou o entendimento de que o esporte se constitui em um elemento importante para contribuir na socialização e respeito mútuo dos alunos, dentro e fora da escola.

Portanto, o esporte se coloca como um auxílio para a educação moral dos estudantes, além da compreensão de que pode colaborar para a adaptação passiva dos alunos na sociedade, pois o cumprimento de regras se torna necessário para viver em sociedade. Nesse aspecto, o esporte nas aulas de Educação Física contribui para uma formação que vislumbra a submissão dos alunos às regras socialmente estabelecidas como se fossem incontestáveis, de modo a não promover uma reflexão sobre como elas se constituíram e quais os interesses ocultos nelas colocados.

Contudo, o distanciamento que se expressou com maior evidência foi quanto ao entendimento do ensino pedagógico do esporte como objeto que contribui na formação crítica dos alunos. Verificamos que essa compreensão prevaleceu no grupo dos professores em início de carreira. Para eles, desenvolver o pensamento crítico dos alunos significa fazê-los compreender o contexto social para além da aparência, ao explicitar os nexos causais do esporte. Perceber as contradições inerentes à sociedade capitalista e contestá-las. No grupo dos professores que não tiveram acesso a uma perspectiva que possibilitasse a formação do pensamento crítico, por sua vez, prevaleceu o entendimento de que o esporte contribui no desenvolvimento da aptidão física, dos valores inerentes da sociedade vigente e na socialização dos alunos.

Todas essas “funções” do esporte nas aulas de Educação Física são válidas. Porém, não podemos considerá-las as únicas e nem as principais finalidades do ensino dos esportes, ou de quaisquer outras manifestações nas aulas. O ensino dos esportes precisa ir além para que possamos, nos limites objetivos da escola pública, contribuir na formação humana dos estudantes no mais alto grau possível.

5 CONCLUSÃO

Cientes do nosso compromisso com a análise crítica da realidade em que vivemos, esta pesquisa buscou, na particularidade da educação escolar, contribuir para o avanço teórico-prático da Educação Física e, especificamente, do esporte. Diante disso, este trabalho tentou explicitar como os professores da área compreendem essa manifestação da Cultura Corporal. Nesse sentido, tentamos responder o seguinte problema: *quais as diferenças e aproximações na compreensão de esporte, por parte dos professores efetivos da rede municipal de ensino de Criciúma, em início e final de carreira?*

Recorremos ao estudo de alguns autores que têm essas temáticas como objeto de estudo. Constatamos que, de modo geral, a Educação Física escolar, desde seu início, se constituiu em uma disciplina cuja finalidade era contribuir no desenvolvimento da aptidão física dos alunos. Seus objetos de ensino, entre eles o esporte, são abordados nas aulas visando o rendimento dos estudantes. No debate do esporte, pode-se constatar, por parte de alguns autores, que ele é um fenômeno existente desde os tempos mais remotos da humanidade. Para outros, esse fenômeno é produto da era moderna e surge no século XIX na Inglaterra, a partir de jogos.

A teorização da história da Educação Física e do esporte nos forneceu elementos teóricos importantes para podermos abordar com maior consistência o esporte nas entrevistas com os professores. Elencamos cinco temas gerais para que pudéssemos obter a compreensão de esporte dos professores entrevistados: a) historicidade do esporte; b) a relação entre esporte e sociedade; c) característica de competição do esporte; d) a formação de esporte na formação inicial dos professores; e) a compreensão de esporte como objeto de ensino nas aulas de Educação Física.

Na primeira temática, *a historicidade do esporte*, constatamos perspectivas diversas. Há pequenas aproximações entre os dois grupos de professores que dizem respeito à época histórica de surgimento do esporte. Formas sociais como Grécia antiga, Roma antiga, Idade Média, pré-história se apresentaram nas compreensões dos dois grupos. Entretanto, apenas no grupo em início de carreira se manifestou o entendimento do esporte como produto específico da era moderna – diferença significativa em relação ao grupo dos professores em final de carreira. Tal entendimento está expresso na concepção Crítico-Superadora (COLETIVO DE AUTORES, 1992), à qual, provavelmente, os professores IC tiveram acesso em sua formação inicial.

A compreensão sobre *a relação entre esporte e sociedade* se apresentou de forma bastante semelhante entre os grupos. Houve diversas compreensões do tema, porém não se sobressaíram em um grupo e outro. Entre as aproximações percebemos o entendimento de que o esporte se constitui como atividade física que possui a finalidade de desenvolver a aptidão física e promover qualidade de vida. Também que o esporte na sociedade é se constitui como ferramenta para manipular a população, desviando a atenção das pessoas de assuntos políticos, econômicos etc., tendo o futebol como a modalidade que mais contribui nesse processo no contexto brasileiro. Outras compreensões acerca dessa temática se apresentaram como: promotor de transformação social e, ao mesmo tempo, socialização, manifestação que reforça as relações de poder da sociedade capitalista. Encontramos uma pequena diferença no grupo IC, em que foi possível constatar a compreensão do esporte como mercadoria.

Quanto ao terceiro tema, *a característica de competição do esporte*, a discussão central girou em torno da existência ou não no esporte. Foi possível perceber aproximações entre os grupos, embora, muitas vezes, com compreensões distintas. Os dois grupos demonstraram entendimento de que essa categoria é inerente ao esporte e ao próprio ser humano. Com base nesse raciocínio, professores dos dois grupos afirmaram que o ser humano, em essência, é competitivo – característica inata –; logo, o esporte possui essa característica. Por outro lado, o esporte é possuidor desse elemento porque a sociedade é competitiva desde sempre. Assim, no processo histórico da humanidade, a partir da atividade dos indivíduos, as sociedades se tornaram competitivas. Desse modo o esporte já surge – independentemente do período histórico – com essa particularidade. No grupo dos professores FC foi possível encontrar uma compreensão diferente: 2 professores FC afirmaram que existe o esporte sem competição como, por exemplo, o esporte de lazer. Tal esporte se apresenta como alternativa ao esporte de alto rendimento. Portanto, uma atividade esportiva fora do âmbito do alto rendimento poderia ser considerada um esporte de lazer, não envolvendo, necessariamente, a competição. Contudo, para os professores que acreditam que não há esporte sem competição, uma prática corporal sem essa categoria se caracterizaria como jogo, pois permitiria mudanças em suas regras o que possibilitaria que se tornasse uma prática cooperativa.

No tema *“a formação de esporte na formação inicial dos professores”* foi possível encontrar aproximação e diferença entre os grupos. Aproximação e diferença em unidade dialética, de ruptura e

continuidade. Por parte do grupo dos professores IC o esporte foi abordado nas formações iniciais por um viés crítico. O mesmo não ocorreu com os professores FC. Todavia, ficou expresso nas falas dos professores de ambos os grupos que os conhecimentos técnicos foram trabalhados no trato pedagógico acadêmico do ensino do esporte, mas o que fez com que houvesse uma diferença foi que na formação inicial dos professores FC o ensino dos esportes esteve restrito a esse tipo de conhecimento – regras, técnicas, fundamentos etc. –, enquanto na formação inicial dos professores IC tal conhecimento se manteve, porém, abordado de forma crítica. Ou seja, os objetos da Cultura Corporal eram discutidos estabelecendo relações com a realidade concreta em que estavam inseridos. Dessa forma, os objetos da Cultura Corporal eram abordados por um discurso crítico, em que contestavam a organização social vigente, o sistema do capital.

No último tema, “*a compreensão do esporte como objeto de ensino da Educação Física*”, novamente percebemos compreensões diferentes nos dois grupos de professores. As pequenas aproximações ocorreram a partir de compreensões de que o ensino do esporte nas aulas de Educação Física tem a finalidade de: desenvolver a aptidão física dos alunos, uma vez que o esporte se constitui em uma atividade física; contribuir para uma educação moral dos estudantes pela apropriação de regras; possibilitar momentos de socialização dos alunos, respeito mútuo e disciplina. Encontramos tais compreensões nas falas dos professores dos dois grupos. Portanto, se de uma parte houve pequenas aproximações nas compreensões desses professores, de outra parte encontramos uma diferença considerável entre eles. Apenas no grupo em início de carreira, que teve acesso a uma concepção crítico-progressista da Educação Física, encontramos o entendimento de que o esporte precisa ser tratado nas aulas de Educação Física de forma crítica. Destarte, esses professores afirmam que o esporte se constitui em um importante objeto de ensino capaz de fazer com que os alunos compreendam essa manifestação e a própria organização social a que pertencem.

Não estamos afirmando, novamente, que a formação inicial, isoladamente, determinou as compreensões sobre o esporte dos professores. Temos ciência de que há muitas outras determinações que contribuem para a construção dessas compreensões. Ao analisar as entrevistas percebemos professores FC com uma compreensão mais crítica do que alguns professores IC, mesmo limitados no acesso às concepções críticas em suas formações iniciais. Assim como professores IC cujas falas não expressaram nenhuma criticidade sobre o

esporte, mas que, em suas formações iniciais, as concepções críticas da Educação Física provavelmente se fizeram presentes. Sabemos que os entendimentos não provêm simplesmente da formação inicial, mas de modo algum estamos afirmando que essa formação não é importante.

Foi possível com esta pesquisa perceber as diversas finalidades que o esporte possui na compreensão dos professores. Constatamos ao analisarmos a historicidade dessa manifestação, ela se constituía como ação para alcançar uma finalidade, como por exemplo, saudações aos deuses. Portanto, a prática do esporte nessas formas de sociabilidade se apresentava como ação da atividade religiosa. Dessa forma, o esporte não possuía motivo próprio, não se constituía como uma atividade independente. O mesmo pode ser inferido na análise da relação entre esporte e sociedade, o esporte como contribuinte no desenvolvimento da aptidão física das pessoas, o que colaboraria para que alcançassem a finalidade de se desenvolver fisicamente de maneira saudável. Diversas vezes o esporte se manifesta como ação dentro de uma atividade cuja finalidade não se esgota em sua prática. Quando o professor IC2 afirmou que o esporte possibilita que pessoas carentes adquiram bolsas de estudo, conscientemente ou não, remeteu-se ao esporte como uma ação que o indivíduo realiza para poder alcançar um objetivo: neste caso, adquirir uma bolsa de estudo para entrar na universidade.

Nas fases finais desta pesquisa, já no momento de elaboração de seu relatório, nos deparamos com estudos que nos possibilitaram ampliar o debate em torno da relação Educação e Educação Física. No entanto, não foi possível incorporá-los nesta pesquisa pelos limites objetivos a que estávamos submetidos, pressionados com os prazos a serem cumpridos para conclusão do curso de mestrado.

Desses estudos, ressaltamos as considerações de Davídov (1988) em que se propõe a investigar o ensino tradicional e como este opera no contexto social vigente pelo método lógico-formal, além de propor, pelo viés da teoria Histórico-Cultural, um ensino que possibilita o desenvolvimento do pensamento teórico dos estudantes pela apropriação das relações essenciais-gerais, do objeto de estudo. O autor investiga as atividades que fazem parte do ser social e defende que, no período escolar, a atividade principal dos indivíduos é a *atividade de estudo*. Ao referir-se às atividades principais dos seres humanos, menciona que na atualidade a *atividade esportiva* entraria nesse rol. Parece-nos que no alto rendimento o esporte pode ser tomado na condição de relativa autonomia. Poderíamos dizer que a atividade principal de um atleta que sobrevive do esporte é a atividade esportiva?

A resposta a esta e a outras questões exige continuidade nos estudos sobre o tema esporte. Porém, baseados nos resultados de nossa investigação, podemos refletir sobre possíveis hipóteses em relação ao conteúdo que se manifestou nas compreensões dos professores. Há indícios de que o conteúdo empírico predominou nas compreensões dos professores de ambos os grupos. Nesse sentido, o entendimento que se apresentou sobre o esporte se colocaria como obstáculo pedagógico à organização do ensino que desenvolveria um pensamento capaz de fazer com que os alunos se apropriem das relações essenciais do esporte, ou seja, um ensino que desenvolve o pensamento teórico.

Na análise da formação de esporte na formação inicial, pudemos constatar que, principalmente por parte dos professores FC, o ensino do esporte esteve limitado aos conhecimentos empíricos, isto é, ensino das regras, técnicas, fundamentos etc. Portanto, afirmar que uma prática corporal é esporte simplesmente por conter esses elementos não possibilita compreendê-lo em sua essência, assim como alegar que uma manifestação que se apresenta de maneira competitiva pode ser considerada esporte. Acreditamos que a competição não é o elemento essencial que faz uma manifestação corporal se tornar esporte.

Nesse sentido, destacamos as considerações de Davídov acerca do ensino tradicional. O autor cita alguns princípios da escola tradicional que se ancoram no método lógico-formal. Um desses princípios nos ajuda a compreender como os objetos de estudo são tratados em ambientes pedagógicos, entre eles as universidades. Trata-se do princípio do caráter sucessivo. Tal princípio faz com que não haja diferenciação entre os conhecimentos do cotidiano e os conhecimentos científicos. Os primeiros são os conhecimentos assimilados fora da escola, na vida social cotidiana, e os segundos aqueles conhecimentos que devem/deveriam ser assimilados na escola, universidades, ou seja, instituições que pretendem desenvolver um conhecimento mais elaborado (DAVÍDOV, 2017). Outro é o princípio do caráter visual, direto ou intuitivo. Esse princípio relaciona o objeto com o significado da palavra de maneira direta, ou seja, compara as semelhanças entre os objetos considerando a sua aparência externa, sensorial. Essa comparação tende a relacionar as características comuns dos objetos em questão, e tais características, que são abstraídas do exterior dos objetos, formam o conceito, constituindo o “verdadeiro” significado da palavra. Desse modo, o conceito que se forma do objeto em questão é meramente discursivo, classificador, pois descreve os objetos pelas suas características externas (DAVÍDOV, 2017).

Salientamos que esse debate ainda está em fase embrionária nos ambientes acadêmicos da Educação Física. A área ainda se debruça a sobre o questionamento do o que é esporte, almejando uma conceituação que expresse o seu conteúdo teórico. Portanto, a importância de uma conceituação nesse caráter possibilitaria a compreensão real da realidade concreta, pois o que queremos é a transformação das relações dessa realidade. Nesse sentido, acreditamos que o conhecimento teórico é um instrumento de intervenção social.

Em relação ao questionamento inicial, se do modo como o esporte é compreendido pelos professores entrevistados possibilitaria sua compreensão histórica e, com isso, faria com que os alunos percebessem os nexos causais postos, concluímos que as compreensões analisadas pouco contribuem a um entendimento do esporte para além das suas manifestações imediatas, pois o método que transparece é o lógico-formal. Embora alguns professores em início de carreira afirmem que o esporte nas aulas de Educação Física pode possibilitar um esclarecimento aos estudantes ao suscitar as relações sociais, políticas e econômicas nele contidas, na maioria das manifestações predomina a finalidade de contribuir no desenvolvimento da aptidão física dos estudantes. Assim, o esporte se apresentaria aos alunos como uma mercadoria que, ao ser acessada, possibilitaria ou contribuiria para a manutenção do bem-estar fisiológico dos alunos.

Encontramos diversas ideias, concepções, compreensões do esporte nas falas dos professores. A pergunta que fazemos por ora é: como foram se constituindo tais ideias que estão encarnadas nos objetos da Cultura Corporal, entre eles, o esporte e que se expressam na práxis social? Consideramos que esse conjunto de ideias, nas quais se forma também uma ideologia, não produz apenas uma falsa consciência em relação ao esporte, mas, como o próprio Lukács (2010, p. 110) afirma, “um instrumento social de tomada de consciência e de combate de conflitos do presente” também é uma possibilidade. Portanto acreditamos que este estudo tenha aberto outros caminhos para avançarmos no debate do esporte no que se refere a sua conceituação teórica a ser abordada nas aulas de Educação Física e, claro, na contribuição necessária para a efetivação de outro projeto de sociedade.

REFERÊNCIAS

BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Lisbon: Fim de Século, 2003.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999.

_____. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3 ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2005.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COLOMBO, Bruno D. **O esporte e a expansão do capital: as críticas, contradições e implicações para a Educação Física**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2014.

DACORAGIO, Norton A. **A proposta curricular de Santa Catarina e a formação de seus professores: formação continuada ou capacitação?** Dissertação (Mestrado) – Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, SC, 2013.

DAVIDOV, Vasili. V. **La enseñanza escolar y el desarrollo psíquico: investigación teórica y experimental**. Moscú: Editorial Progreso, 1988.

DAVIDOV, Vasili. V. Análise dos princípios didáticos da escola tradicional e dos possíveis princípios do ensino em um futuro próximo. In: LONGAREZI, A. M; PUENTES, R. V. (Org). **Ensino Desenvolvimental: antologia: livro I**. – Uberlândia, MG: EDUFU, 2017.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa: DIFEL, 1985.

GHIRALDELLI, Paulo. **Educação Física Progressista: a pedagogia crítico-social dos conteúdos e Educação Física brasileira.** 3ª ed. - São Paulo, Edições Loyola, 1991.

GUTTMANN, Allen. **From Ritual to Record: the nature of modern sports.** New York: Columbia University Press, 1978.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Impérios: 1875 a 1914.** São Paulo: Paz e Terra, 1988.

HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

HÜHNE, Leda M. **Profetas da modernidade: Século XIX: Hegel, Marx, Nietzsche e Comte.**- Rio de Janeiro: UAPE: SEAF, 1995.

LUKÁCS, György. **Prolegômenos para uma ontologia do ser social: questões de princípios para uma ontologia hoje tornada possível.** – São Paulo: Boitempo, 2010.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política.** 2ed. - São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. **Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-58: esboços da crítica da economia política.** Tradução Mario Duayer, Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo; Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O manifesto do partido comunista.** 12ª ed. - São Paulo: Martin Claret, 2013

MÉSZÁROS, Istvan. **A educação para além do capital.** 2ed. - São Paulo: Boitempo, 2008.

NETO, Otávio C. **O trabalho de campo como descoberta e criação.** In: MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa Social.** Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PILATTI, L. A. **A interpretação do esporte na obra de Eric Hobsbawm: um olhar sobre a sociedade burguesa.** CONEXÕES: revista da faculdade de Educação Física da UNICAMP, v. 1, n. 2 p. 1-20, dez. 1999.

PINTER, Camila D. **Os professores de educação física frente à proposta curricular de Santa Catarina e sua formação continuada.** Dissertação (Mestrado) – Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, SC, 2013.

PRONI, Marcelo. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa.** Tese (Doutorado para faculdade de Educação Física). Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1998.

_____. **História do esporte:** a contribuição de Richard Mandell. ANPUH – XXIII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Londrina, 2005.

RUBINSTEIN, Sergei L. **El Ser y La Consciencia.** Editora Universitária. Havana, 1965. Tradução direta do russo por Augusto Vidal Roget.

SOARES, Carmen L. **Educação Física: raízes europeias e Brasil.** 5. ed. São Paulo. Autores Associados, 2012.

STIGGER, Marco P. **Educação Física: esporte e diversidade.** 2ªed. rev. – (Coleção Educação física e esportes) – Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

TRIVINOS, Augusto. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Editora Atlas S.A. 1995.

VAZ, Alexandre F. **Teoria Crítica do Esporte:** origens, polêmicas, atualidade. Esporte e Sociedade, Rio de Janeiro Ano 1, n. 1, Nov. 2005/Fev. 2006.

VITÓRIO, Vania. **O conhecimento em educação física na formação continuada em Santa Catarina.** Dissertação (Mestrado) – Universidade do Extremo Sul Catarinense. Criciúma, SC, 2013.

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da Pesquisa: A compreensão de esporte dos professores de Educação Física efetivos da rede municipal de Criciúma.

Objetivo: Explicitar as diferenças e aproximações na compreensão de esporte dos professores efetivos da rede municipal de ensino de Criciúma em início e final de carreira.

Período da coleta de dados: 28/06/2017 a 30/08/2017

Tempo estimado para cada coleta: 40 min horas/dias

Local da coleta: A combinar

Pesquisador/Orientador: Vidalcir Ortigara **Telefone:** 3431-2581

Pesquisador/Acadêmico: Guilherme Neves **Telefone:** (48) 99937-1092

Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESC - Mestrado

O (a) Sr (a) está sendo convidado (a) para participar voluntariamente da pesquisa e objetivo acima intitulados. Aceitando participar do estudo, poderá desistir a qualquer momento, bastando informar sua decisão diretamente ao pesquisador responsável ou à pessoa que está efetuando a pesquisa. Fica esclarecido ainda que, por ser uma participação voluntária e sem interesse financeiro, não haverá nenhuma remuneração, bem como o (a) senhor (a) não terá despesas para com a mesma. Os dados referentes à sua pessoa serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Resolução nº 466/2012 do CNS - Conselho Nacional de Saúde, podendo o (a) senhor (a) solicitar informações durante todas as fases da pesquisa, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta. Para tanto, esclarecemos também os procedimentos, riscos e benefícios, a saber:

DETALHES DOS PROCEDIMENTOS QUE SERÃO UTILIZADOS NA PESQUISA
--

Será efetuada uma entrevista com gravação de áudio, garantindo-se o anonimato do participante.
--

RISCOS
Não há riscos

BENEFÍCIOS
Não há benefícios

Diante de tudo o que até agora fora demonstrado, declaro que todos os procedimentos metodológicos e os possíveis riscos, detalhados acima, bem como as minhas dúvidas foram devidamente esclarecidos, sendo que para tanto, firmo ao final a presente declaração em duas vias de igual teor e forma ficando na posse de uma e outra sido entregue ao pesquisador responsável.

ASSINATURAS	
Voluntário/Participante	Pesquisador Responsável
<hr/> Assinatura	<hr/> Assinatura
Nome: _____ CPF: _____.____.____ - ____	Nome: _____ CPF: _____.____.____ - ____

Criciúma (SC), ____ de _____ de 2017.